

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

RAISSA FLORIANO BATISTA

**O DISCURSO PRESENTE NOS ENUNCIADOS DAS REDES SOCIAIS SOBRE A
DESCONSTRUÇÃO DO SUJEITO: INTERAÇÕES DIALÓGICAS**

MESTRADO EM LETRAS

**MANAUS-AM
2022**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

RAISSA FLORANO BATISTA

**O DISCURSO PRESENTE NOS ENUNCIADOS DAS REDES SOCIAIS SOBRE A
DESCONSTRUÇÃO DO SUJEITO: INTERAÇÕES DIALÓGICAS**

MESTRADO EM LETRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de Teoria e Análise Linguística. Orientadora: Professora Doutora Fernanda de Los Rios Mendonça

**MANAUS-AM
2022**

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B333d Batista, Raissa Floriano

O discurso presente nos enunciados das redes sociais sobre a desconstrução do sujeito: interações dialógicas / Raissa Floriano Batista. - 2022.

110 f. : il., color. ; 31 cm

Orientador(a): Fernanda Dias de Los Rios Mendonça.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Letras, Curso de Letras - Língua Portuguesa, Manaus, 2022.

1. Discurso. 2. Bakhtin. 3. Desconstrução. 4. Redes Sociais. I. Mendonça, Fernanda Dias de Los Rios. II. Universidade Federal do Amazonas. Faculdade de Letras. Curso de Letras - Língua Portuguesa. III. Título

AGRADECIMENTOS

Há uma longa história de pessoas e trajetórias que colaboram para um projeto acontecer, mesmo antes dele se tornar o projeto de alguém. Entre as muitas memórias que constroem minha trajetória, a mais longínqua e que mais tem me acompanhado em todas minhas iniciativas, certamente é a de minha mãe com um livro nas mãos e os olhos ligeiros passando por suas páginas. Meu agradecimento inicial sempre vai ser para ela, a todo o cuidado e a toda insistência de que o meu tempo, este tempo tão fracionado da mulher, fosse sempre primeiramente aos estudos. Obrigada mãe, por ter me feito continuar até o fim, por ter sido tantas vezes meus ouvidos atentos quando eu estava travada na escrita de algum projeto na faculdade. Sei que você continuou me ouvindo, mesmo não estando mais à minha frente. Na trajetória acadêmica, a Coletiva Banzeiro Feminista foi o início da jornada desse projeto para mim, foi com tudo que aprendi no movimento e em movimento com as mulheres que construíram e que passaram pela Coletiva, que grande parte das minhas questões e das minhas observações para a construção deste projeto começaram. Obrigada Banzeiro pelo ensinamento do que é um movimento social, do que a construção de um projeto coletivo requer, e de me ensinar sobre o poder que mulheres organizadas tem sobre a sociedade. Agradeço também à professora Fernanda De Los rios pelo carinho e dedicação muito antes dessa orientação, pelos olhos compreensíveis com a minha situação quando entregou meu diploma de graduação nas mãos, e depois por toda a caminhada e ensinamento do que hoje é minha corrente teórica de vida e de pesquisa. Foi uma honra ser sua orientanda. Agradeço também a todas as pessoas que de alguma forma me assistiram num dos momentos mais difíceis não só da minha vida, mas de toda a cidade de Manaus. Obrigada aos funcionários do Hospital 28 de Agosto, que mesmo cansados fizeram tudo o que podiam para me ajudar com a internação do meu pai, à equipe do Samu que conseguiu leito para ele, à todas as enfermeiras e técnicas de enfermagem que prestaram cuidados e palavras de motivação, às cuidadoras de idoso que não só cuidaram do meu pai, mas que também me ensinaram sobre o que fazer quando elas não estivessem lá, e aos meu queridos e preciosos amigos que conseguiram oxigênio para o meu pai, que mandaram café da manhã até a minha casa, que compartilharam cartazes com o meu pedido de oxigênio e outros equipamentos que faltavam ao hospital.

Ao meu companheiro que correu comigo pelos corredores do 28, que me esperou quando não podia entrar sem saber de resposta, que fechou a rua e gritou comigo em protesto desesperado por oxigênio. Obrigada Aline, a pessoa que esteve comigo desde o início da minha jornada na militância e na vida acadêmica, que compartilhou das dores mais intensas às alegrias mais impensáveis, e que em qualquer estrada daqui pra frente, em qualquer lugar do mundo, a gente saiba que carpinteiras do Universo inteiro nós somos.

RESUMO

A palavra “desconstrução” se consolida cada vez mais como parte do vocabulário de movimentos sociais no Brasil, e tem sido veiculada em enunciados vários que circulam como a demanda de uma postura a ser tomada frente aos problemas de ordem social e histórica. Diz-se, pois, que é preciso que o sujeito se desconstrua de noções opressoras estruturadas historicamente na sociedade, colocando-se como centro de análise, vigiando ações e falas que possam vincular imagens racistas, machistas e LGBTQfóbicas. Para além do sentido filosófico, a desconstrução parece estar sendo tomada num sentido mais prático, ganhando maior espaço e, por isso, gerando sentidos, interpretações e consequências diversas. Na presente pesquisa, fazemos uso da Análise Dialógica do Discurso, baseada nos postulados teórico-metodológicos bakhtinianos para analisar esses enunciados presentes nas redes sociais, de modo a evidenciar e compreender como ela vem ganhando sentido, dialogando com as estruturas sociais e como os sujeitos têm respondido a essa demanda a partir da noção de compreensão responsiva. Para isso, delimitamos às postagens realizadas de 2020 e 2021 e utilizamos a lógica do próprio algoritmo que seleciona quais conteúdos aparecerão nas minhas redes sociais conforme meu perfil. Dessa forma, acentuamos como esse contexto tecnológico participa na formação de discursos. Os materiais analisados são memes e tweets, os quais são analisados dentro de suas individualidades, uma vez que para a teoria Bakhtiniana os gêneros discursivos possuem um importante papel para a compreensão da formação dos discursos. Recorremos ainda às leituras filosóficas da noção de desconstrução, assim como às teorias feminista, negra e LGBTQ+, para contextualizar as demandas dos movimentos sociais. Com isso, verificamos que a desconstrução enquanto um processo de descentralização do sujeito de si mesmo, para perceber questões que não lhe constituem e não lhe colocam em uma posição de desvantagem dentro deste sistema social e econômico, é uma das desconstruções que vemos emergir nos enunciados das redes sociais e que para haja legitimidade no processo, ela precisa não pode se dar como um processo que chega a um fim, dessa forma encontramos uma relação com o movimento filosófico que postula a desconstrução. As tensões que surgem do debate envolvem os problemas históricos de exclusão na construção da esquerda, e um receio de aliar determinadas pautas a uma política neoliberal, porém muitas vezes sem entender que agora participam outras forças na formação dos discursos, os quais se constituem das forças políticas que formam o campo virtual e determina os espaços de socialização segundo sua lógica econômica.

Palavras-chave: Discurso; Bakhtin; Desconstrução; Redes Sociais

ABSTRACT

The word “deconstruction” is increasingly consolidated as part of the vocabulary of social movements in Brazil, and has been conveyed in several statements that circulate as the demand for a stance to be taken in the face of social and historical problems. It is said, therefore, that the subject needs to deconstruct itself from oppressive notions historically structured in society, placing itself as the center of analysis, monitoring actions and speeches that may link racist, sexist and LGBTQphobic images. In addition to the philosophical sense, deconstruction seems to be taken in a more practical sense, gaining more space and, therefore, generating different meanings, interpretations and consequences. In the present research, we make use of Dialogical Discourse Analysis, based on Bakhtin's theoretical-methodological postulates to analyze these statements present in social networks, in order to evidence and understand how it has been gaining meaning, dialoguing with social structures and how subjects have responded to this demand from the notion of responsive understanding. For this, we delimited the posts made from 2020 and 2021 and use the logic of the algorithm itself that selects which content will appear on my social networks according to my profile. In this way, we emphasize how this technological context participates in the formation of discourses. The analyzed materials are memes and tweets, which are analyzed within their individualities, since for the Bakhtinian theory discursive genres play an important role in understanding the formation of discourses. We also resort to philosophical readings of the notion of deconstruction, as well as feminist, black and LGBTQ+ theories, to contextualize the demands of social movements. With this, we verified that deconstruction as a process of decentralization of the subject from himself, to perceive issues that do not constitute him and do not place him in a disadvantaged position within this social and economic system, is one of the deconstructions that we see emerging in the statements of social networks and that for there to be legitimacy in the process, it must not be a process that comes to an end, in this way we find a relationship with the philosophical movement that postulates deconstruction. The tensions that arise from the debate involve the historical problems of exclusion in the construction of the left, and a fear of allying certain guidelines to a neoliberal policy, but often without understanding that other forces now participate in the formation of discourses, which constitute the forces policies that form the virtual field and determine the spaces of socialization according to their economic logic.

Keywords: Discourse; Bakhtin; Deconstruction; Social Media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Chico Desconstruído	62
Figura 2: Meme Chico Buarque	64
Figura 3: A palavra de cada ano	66
Figura 4: Sujeito desconstruído	72
Figura 5: Meme: Mais feminista que eu?.....	74
Figura 6: O Esquerdo-macho odeia ser chamado de esquerdo-macho.....	76
Figura 7: Personagem esquerdo-macho da Ademaravilha.....	79
Figura 8: Tweet/meme: Olha o cara desconstruído	80
Figura 9: Tweet: Ninguém nasce desconstruído	82
Figura 10: Tweet: Monark: “Ter opinião racista é crime?”	84
Figura 11: Tweet: Ninguém nasce desconstruído, mas você já nasceu há 3 décadas	86
Figura 12: Tweet: Racismo se trata de PODER	87
Figura 13: Tweet: Essa onda de desconstrução.....	88
Figura 14: Meme: Um livro comete suicídio a cada vez que você assiste BBB	91
Figura 15: Manchete: Dicionário do BBB21.....	92
Figura 16: Manchete: Entre a desconstrução e o cancelamento	93
Figura 17: Manchete: Não aguento mais a palavra desconstrução	93
Figura 18: Tweet: As redes sociais são um local onde pessoas tratam indivíduos como se fossem instituições historicamente opressoras.....	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
1.1 Perspectiva dialógica Bakhtiniana	15
1.2 Gêneros do Discurso	20
1.2.2 Tweets	27
1.3 Esferas de Atividade Humana	30
1.3.1 O virtual x social	30
1.3.2 Movimentos Sociais x Redes Sociais	33
1.4 Interseccionalidade e os movimentos	39
1.4.1 Raça, gênero e sexualidade.....	41
1.4.2 A desconstrução	49
CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	53
2.1 Análise dialógica do discurso	53
2.1.1. Especificidade do Objeto de Pesquisa	54
2.1.2 Compreensão responsiva - Apreensão como resposta	55
2.1.3 O papel do pesquisador	57
2.2 Contextualização da pesquisa	59
CAPÍTULO III – DESCONSTRUÇÃO EM DISCURSO	62
3.1 A desconstrução e suas possibilidades de circulação nas redes sociais ...	66
3.2 Os enunciados sobre o sujeito desconstruído	72
3.3 Os enunciados sobre o sujeito em desconstrução	81
3.4 Sintomas da desconstrução	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	104

INTRODUÇÃO

Falar de qualquer aspecto da política brasileira no século XXI, como este trabalho também intenciona, significa lidar com pelo menos uma face, das várias que apresentam o acontecimento que foi Junho de 2013. Entre os diversos debates sobre este acontecimento e sobre o que hoje enxergamos na realidade de 2021, ainda em curso de uma pandemia mal administrada com a consequência atual de 564 mil mortes, o nosso trabalho também se preocupa com um aspecto da discursividade política que surge pós-junho, e que visa melhor compreender certas dinâmicas acerca dos posicionamentos políticos dos sujeitos. O que primeiramente nos interessa a seu respeito, e que pode ser ressaltado não apenas como uma característica sua, mas de várias manifestações que começaram desde o início da década de 2010, como em 2011, 2012, no Brasil e no mundo, foi a sua divulgação nas redes sociais. As redes sociais tornaram essas manifestações únicas, colocaram características próprias muito difíceis de encontrar nos protestos que aconteciam até a década de 90, e uma das grandes diferenças era a possibilidade de disputar as narrativas com uma força equivalente à da imprensa oficial. À medida que os protestos aconteciam, as fotos, os relatos iam sendo publicados dando oportunidade para uma série de debates, não só por quem participava dos protestos, como também por quem não estava lá. Por ter ganhado um caráter múltiplo, ainda que inicialmente tenha sido organizado por um movimento de esquerda, o MPL (Movimento Passe-livre), 2013 também facilitou a compreensão e a tomada de posição dos cidadãos entre a esquerda e a direita, o que pode não ter acontecido concomitantemente aos protestos que juntavam pautas e sujeitos diversos, com diferentes formas de protestar, mas tornou visível as diferenças para que posteriormente a população pudesse reconhecer mais facilmente com qual lado se identificava mais. É por isso que pós-2013, é muito difícil que venhamos a ver novamente uma manifestação em que haja ao mesmo tempo pessoas portando uma bandeira negra e outras que levam as cores verde e amarelo.

Portanto, com essa noção cada vez mais difundida do que era esquerda e direitas políticas, e com a possibilidade de se organizar num espaço não limitado pelas barreiras físicas que permitia a participação de diversos sujeitos, foi possível observar uma intensificação da organização dos movimentos sociais já existentes, e também o surgimento de outros movimentos que nasceram com a oportunidade de debater e compreender conceitos anteriormente ignorados pela maior parte da população, por

conta da acessibilidade proporcionada pelas redes sociais. Com o surgimento de novos movimentos feministas, também organizados pelas redes sociais em torno de manifestações como a marcha das vadias que tomou as ruas em 2012, além dos movimentos negro e LGBTQ+, a esquerda aumentava seu campo de atuação, seus adeptos e atualizavam suas pautas. A articulação desses movimentos, cada vez mais fortalecida por tal cenário, expôs problemas relacionados ao racismo, ao machismo, e a LGBTQfobia, entre outros, que também delineava a situação da política brasileira. Com essa nova visibilidade, os movimentos puderam expor como eram formados tais problemas, mostrando como eles são perpetuados não apenas por um conjunto de políticas excludentes, mas também por discursos que circulam na sociedade que implícita ou explicitamente fazem referência a uma visão de opressão às populações minoritárias. Daí a consolidação da demanda da desconstrução do sujeito, que, para além da noção filosófica de desconstrução, passou a circular nas redes sociais dentro das páginas dos movimentos sociais, através de diversos gêneros discursivos como memes e tweets que debatiam o papel do sujeito no combate a perpetuação das estruturas de opressão. Desconstruir-se ganhou um sentido prático, um conjunto de atitudes que deveriam ser acionados para iniciar ou apenas evidenciar que se era ciente da necessidade de desconstrução, e passou a ser um comprometimento tomado pelas pessoas simpáticas às causas sociais. Mas como tudo depois de 2013, por conta da facilidade de acesso ao debate, e de se fazer também exigências e fazer circular pautas, a desconstrução galopou com as demandas também colocadas às empresas, às mídias diversas de se desconstruir as representações padrões, desconstruir o vocabulário, desconstruir o senso comum.

À medida que as estruturas respondem positiva ou negativamente à essa demanda, ou seja, de uma forma ou de outra a levam em consideração e reagem a ela, entendemos a desconstrução como uma das engrenagens discursivas importantes à compreensão do que temos na política brasileira pós-2013. Os sujeitos que escolhem não só, não se desconstruir, como ir à contramão do que essa pauta traz por definição, interessam igualmente para a visualização de como ela é importante para entender certos aspectos da realidade que hoje vivenciamos num governo de extrema direita. Para realizar essa análise, utilizamos o escopo teórico-metodológico da Análise Dialógica do Discurso de Mikhail Bakhtin, que nos permite abarcar todas as peculiaridades e sutilezas de enunciado inserido no gênero do discurso. Como o enunciado da desconstrução necessita para que seja levado em

consideração seu contexto nas redes sociais, e o que elas acarretam, incluindo seus formatos, sua velocidade, suas atualizações, seu propósito econômico. Assim, ao colocarmos a desconstrução como um enunciado, temos que

As pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavras (numa acepção rigorosamente linguística), ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua — palavras, combinações de palavras, orações; mesmo assim, nada impede que o enunciado seja constituído de uma única oração, ou de uma única palavra, por assim dizer, de uma única unidade da fala (o que acontece sobretudo na réplica do diálogo), mas não é isso que converterá uma unidade da língua numa unidade da comunicação verbal (Bakhtin, 1997, p.298).

Portanto, tomada no sentido que trabalha Bakhtin, a desconstrução é um tópico cuja importância da análise se justifica na complexidade de seu todo, que se reflete não apenas por uma escolha linguística, mas por conta das mobilizações e da compreensão responsiva pela qual é responsável dentro da sociedade.

A compreensão responsiva nada mais é senão a fase inicial e preparatória para uma resposta (seja qual for a forma de sua realização). O locutor postula esta compreensão responsiva ativa: o que ele espera, não é uma compreensão passiva que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc. (Bakhtin, 1997, p. 292).

A compreensão responsiva pode ser analisada, nos termos da pesquisa, segundo as atitudes tomadas pelo sujeito do qual é cobrada a desconstrução. As respostas prontas, o silêncio, o distanciamento dos movimentos sociais, a atitude de autodefesa. Todos podem ser lidos como atos e por isso um discurso gerado pela compreensão responsiva do sujeito que recebe essas demandas. No que diz respeito ao “outro” constitutivo do processo enunciativo, e por isso, discursivo, a importância da pesquisa também se dá pela análise da incidência desse discurso na desconstrução do sujeito branco, homem e heterossexual, o qual está no centro de uma crítica que tenta desmantelar os privilégios que o mantiveram no lugar dominante. Ter que repensar privilégios assegurados por uma estrutura social, histórica e, por isso, também discursiva, é instaurar uma crise nesse sujeito diante da base que construiu o lugar que ele ocupa. É propor a esse sujeito um estranhamento a tudo aquilo que ele julgava natural, e, propositalmente, colocar uma insegurança nas

formas dele se enxergar como centro e como padrão. Por esse motivo, tal processo implica complexas consequências que repercutem nas várias maneiras como o discurso da desconstrução tem sido veiculado e nos caminhos que ele tem e pode propor para o sujeito “em desconstrução”.

Bakhtin denomina essa relação de dialógica, pois, para ele, nenhum enunciado surge aleatoriamente, mas a partir de um posicionamento frente a outros enunciados – já- ditos –, correspondendo, nesse sentido, a uma ação/resposta do sujeito diante de determinados sentidos já enunciados (Mendonça, 2014, p. 31).

Dessa forma, o dialogismo é a característica formadora do discurso, são as várias camadas contextuais, entre elas, o contexto social, político e linguístico pelo qual determinado enunciado se realiza e se atualiza constantemente. A desconstrução, como visto, é um enunciado que não surgiu a partir das manifestações de 2013 e com a democratização dos debates políticos na internet, mas se atualizou nessas condições, dialogando ainda com diversos outros contextos, incluindo um contexto filosófico pelo qual perpassa. O dialogismo ainda participa do fazer da pesquisa, e é o processo pelo qual se faz a seleção dos dados, a análise desses materiais. Por isso, outro conceito importante para a construção de uma pesquisa nas bases teóricas de Bakhtin é o papel do pesquisador, o qual é reconhecido por integrar a pesquisa também como sujeito dela.

Os materiais selecionados entrarão em diálogo com o olhar do pesquisador, com a perspectiva da qual esse sujeito fala, o seu contexto social e a sua relação com o tema, e o fechamento do trabalho, por conseguinte, dependerá não do esgotamento de possibilidades de análises, mas dos caminhos pelos quais a pesquisadora seguirá dando a sua noção de acabamento. Dessa forma, é importante considerar a perspectiva e o contexto desse sujeito da pesquisa, para compreender os elementos que entrarão em dialogismo no processo de seleção e análise dos dados e que são contribuintes das conclusões obtidas e do resultado da pesquisa como um todo.

Aqui, o fato de eu ser uma mulher, branca, bissexual, anarquista e ter participado de movimentos estudantis e sociais desde 2012 na cidade de Manaus, colocam a minha perspectiva num espaço de muita aproximação das questões discutidas a respeito da desconstrução do sujeito. Enquanto integrante de movimento estudantil no ano de 2012, eu consegui participar não apenas dos debates acerca da esquerda e das pautas para a educação numa perspectiva não liberal, como também

consegui participar da transferência desses debates para a internet, da construção de várias comunidades de debate no Facebook, entre eles sobre o feminismo, movimento negro e o movimento LGBTQ+. Fui uma das fundadoras do Coletivo Feminista Baré, atual Coletiva Banzeiro Feminista, que nasceu a partir da interação de um grupo no Facebook de mulheres para a organização da marcha das vadias na cidade de Manaus. Com isso, observei a preocupação de se colocar essas pautas nos movimentos de esquerda, que não necessariamente se iniciaram tendo essas preocupações, e fui sujeita nos dois lados da demanda da desconstrução. Tanto exigindo essa postura, quanto tendo que ter essa postura e me colocando num lugar de autoavaliação enquanto uma mulher branca num movimento feminista negro interseccional. Também participei da marcha de 2013 e consegui acompanhar o crescimento do interesse político entre as pessoas, e como esses debates encontraram cada vez mais espaços que já não estavam restritos aos movimentos sociais, estudantis e partidários.

Toda essa experiência se acumulou ao longo dos meus anos de formação em movimentos sociais e na minha formação acadêmica pelo olhar da análise do discurso, levando-me a pensar sobre os processos discursivos envolvendo essa dinâmica da desconstrução. Os objetivos do trabalho são definidos conforme as angústias e questões desses anos de experiência e dentro desse local específico de participação, acreditando ser importante a demanda da desconstrução pelas identidades que disputam espaço na esquerda, mas também olhando com desconfiança certos processos que tomam espaço numa lógica capitalista. Assim, entre as perguntas que podem orientar o tema e que dialogam com essa perspectiva estão: qual noção de 'desconstrução' tem circulado nas redes sociais? Como o sujeito, centro das críticas dos movimentos sociais, responde a essa demanda? Que consequências discursivas podem ser percebidas também nas representações que emergem nos enunciados que circulam nas mídias sociais?

Compreendendo as proporções que os debates políticos alcançaram nas redes sociais, e como elas tiveram atuação também no cenário político atual, a análise do discurso da desconstrução se dará nesse espaço, especificamente a partir dos memes e tweets que produzam, reproduzam ou tragam de alguma forma a temática da desconstrução à tona, de forma que possamos analisar os aspectos mencionados. Para Bakhtin, a análise dialógica não pode perpassar o discurso sem antes compreender os gêneros do discurso que os veiculam e, no contexto desta pesquisa,

tratar desses gêneros das mídias sociais significa não somente lidar com seus formatos e aspectos linguísticos, mas também com as atualizações das redes nas quais estão hospedados, nos objetivos de interação de cada uma dessas redes sociais, nos objetivos de mercado que as configuram e, por conseguinte, na forma como os algoritmos serão programados, definindo quais informações vão chegar com mais recorrência para quais tipos de perfis. Em resumo, as redes sociais sintetizam muito bem como ocorre o dialogismo de todas essas camadas de contexto social político, econômico, de linguagem e sujeito no mundo.

Pontuamos ainda aqui, apenas com o propósito de delinear as condições políticas dessa pesquisa, que o momento pandêmico, que vivemos desde 2020 e que foi agravado por um conjunto de políticas que tiveram o objetivo de atrapalhar a contenção do vírus, correspondeu a uma queda da produtividade acadêmica das mulheres¹, expondo a ainda atual desigualdade de gênero. Numa situação em que o trabalho *homeoffice* virou a alternativa possível e segura, ainda que para um número limitado de trabalhadores, as mulheres se viram ainda mais confrontadas com a realidade da distribuição desigual de tarefas domésticas, e sem a possibilidade de sair temporariamente do local em que esses conflitos se tumultuam, a exaustão da dupla e tripla carga horária eclodiram todos em cargas ainda mais pesadas, por não terem condições de se alternarem em ordem de espaço e horário. Por conta do seu papel de cuidadora, muitas assumiram o cuidado dos doentes, além do papel de equilibrar as contas domésticas na realidade de uma crise econômica em que o país voltou para o mapa da fome². Para aquelas que não conseguiram trabalhar como *homeoffice*, ou tiveram que retornar as atividades quando ainda não havia vacinas disponíveis, lidar com o medo diário de se infectar e infectar seus familiares foi uma pressão e um motivo de adoecimento mental. Há ainda o cenário específico de Manaus, onde vivenciamos uma das piores crises em relação à pandemia, com a falta de oxigênio nos hospitais em Janeiro de 2021³, culminando nas piores cenas de desespero, escassez e morte no Estado. Pesquisar e orientar em meio a todo esse contexto certamente não é algo ordinário. De alguma maneira, todas as pesquisas feitas nesse período contêm um pouco de todo esse sofrimento no seu processo e no seu

¹ <https://www.aguia.usp.br/noticias/49310/>

² <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/01/volta-do-brasil-ao-mapa-da-fome-e-retrocesso-inedito-no-mundo-diz-economista.shtml>

³³ <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2022/01/14/ha-um-ano-manaus-enfrentava-caos-por-falta-de-oxigenio-nos-hospitais-veja-fotos.ghtml>

resultado. Para nós, que nos propomos a analisar as demandas da desconstrução do sujeito em relação a pautas de gênero, de raça e LGBTQ+, fica visível que na estrutura, algo dessa demanda não só não se realizou como seguiu um caminho oposto, de forma que enfrentamos o extremo de todas essas opressões no auge da política liberal conservadora brasileira.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Perspectiva dialógica Bakhtiniana

A perspectiva dialógica Bakhtiniana é constantemente tratada como um campo ou um tratado filosófico sobre a linguagem, sendo difícil defini-la ou sistematizá-la em uma metodologia. Entretanto, o arcabouço teórico que o Círculo dispõe ao longo de suas várias obras, traçam por si só caminhos que tornam possível a análise baseada em seus preceitos. Aqui, o trabalho se orienta pela noção de Análise Dialógica do Discurso (ADD), organizada por Brait (2006) com o intuito de justamente orientar trabalhos que se propõem realizar através da filosofia bakhtiniana.

A respeito da complexidade apresentada pela filosofia do Círculo, a autora destaca a abrangência de questões que podem ser contempladas por ela, a exemplo:

Pensar o homem, as culturas, a produção do conhecimento, as particularidades das atividades humanas, o papel da linguagem e das interações sociais na construção dos sentidos, a alteridade como condição de identidade, por exemplo, são algumas das possibilidades oferecidas pelas reflexões bakhtinianas e que certamente interessam às teorias da literatura e das artes em geral, assim como às abordagens críticas e reflexivas da linguagem cotidiana em suas múltiplas manifestações e variados planos de expressão. Essas também são, certamente, algumas das razões que levam as pesquisas em Ciências Humanas a recorrer aos trabalhos do Círculo (Brait, 2006, p. 48).

Assim, compreende-se as enormes possibilidades de aplicação do pensamento desenvolvido pelo Círculo nas mais diversas áreas das Ciências Humanas, o que explica a necessidade de muitos acadêmicos em buscar uma sistematização dos conhecimentos fornecidos pela filosofia bakhtiniana, o que não é de todo impossível afirmar que exista. Não só é possível encontrar diversas obras que tratam com mais especificidade alguns dos conceitos desenvolvidos pelo Círculo, como também destaca Brait (2006) a obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin (1997) que traz ela mesma um trecho que propõe uma forma metodológica de análise:

Disso decorre que a ordem metodológica para o estudo da língua deve ser:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.

2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual (Bakhtin, 1997, p. 124).

Ainda assim, não é possível fechar as classificações da filosofia bakhtiniana como um modo ou um sistema de análise, embora seja sim possível através fazer um movimento de pesquisa. Por conta de suas várias obras sobre o estudo da linguagem, e como esta deveria ocorrer, além de quais pontos devem importar para uma área dessa abrangência, é que Brait (2006) sugere que o Círculo de Bakhtin é responsável por uma visão de linguagem e de estudo da linguagem, a qual poderia se denominar *Análise Dialógica do Discurso* e sobre ela, explica:

Sem querer (e sem poder) estabelecer uma definição fechada do que seria essa análise/teoria dialógica do discurso, uma vez que esse fechamento significaria uma contradição em relação aos termos que a postulam, é possível explicitar seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas. Mais ainda, esse embasamento constitutivo diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados (Brait, 2006, p. 10).

A pesquisadora se utiliza de uma das obras mais importantes do Círculo, *Problemas da poética de Dostoiévski* Bakhtin (2018), a qual, apesar de ser aparentemente dirigida para uma perspectiva literária, é uma das obras que mais versa sobre a criação de uma nova área de estudo da linguagem e como essa área deveria se ocupar desse objeto de estudo. Bakhtin (2018) denomina esta área de *Metalingüística*, a qual se deteria nos aspectos que a lingüística da época abstraía, ou seja, as questões extralingüísticas, históricas e sociais, mas sem ignorar os resultados da própria lingüística. É assim que, ao definir o objeto da metalingüística, intercaladamente, como discurso e relações dialógicas, Bakhtin determina a importância de ambos os aspectos, intra e extralingüísticos, para o estudo da língua, ou dessa nova disciplina metalingüística.

Excluir um dos polos é destruir o ponto de vista dialógico, proposto e explicitado pela teoria e pela análise, e dado como constitutivo da linguagem. É a bivocalidade de "dialógico", situado no objeto e na maneira de enfrentá-lo, que caracteriza a novidade da Metalinguística e de suas consequências para os estudos da linguagem (Brait, 2006, p. 13).

Da mesma maneira que a teoria bakhtiniana desenvolve uma forma de olhar e analisar a linguagem, nela, entretanto: “Não há categorias a priori, aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto.” (Brait, 2006, p.14) Cada texto, a partir de uma análise de seus aspectos intrínsecos e extrínsecos pode gerar categorias distintas, razão por que Brait (2006) ressalta o uso muitas vezes vicioso e dissociado que se faz da categoria de polifonia, desenvolvido especificamente para a análise da obra de Dostoiévski e por isso não aplicável de maneira genérica em qualquer outra obra. O mesmo acontece com o conceito de carnavalização, criado a partir do estudo da obra de François Rebelas, e que acaba muitas vezes sendo utilizado como um conceito livremente aplicável sem a mesma profundidade e complexidade de estudo que necessitou a Bakhtin para formular tal categoria.

Portanto, essa é sem dúvida uma das características de uma teoria/análise dialógica do discurso: não aplicar conceitos a fim de compreender um discurso, mas deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir de ponto de vista dialógico, num embate (Brait, 2006, p. 24).

Assim, é necessário entender o que é importante para o percurso de uma pesquisa nos termos de Bakhtin, não a fim de usar os seus conceitos como sendo todos intercambiáveis, mas para chegarmos a uma profundidade do estudo do discurso a partir dos preceitos mais discutidos na obra do Círculo. Isso significa para nós, compreender os enunciados dentro de sua dimensão dialógica e realizar um movimento de pesquisa também dialógico.

No plano textual, mais restrito, dialogismo refere-se ao diálogo. Não ao diálogo do senso comum, mas ao aspecto dialógico inerente a qualquer enunciado, ao fato de não haver enunciado/discurso que seja monológico, constituído exclusivamente por uma única voz, mas por um “confronto” de vozes [...] (Mendonça, 2014, p. 34)

O dialogismo é, portanto, a noção de que um enunciado não é formado apenas por um sujeito ou por uma voz. Ele já possui uma cadeia de outros enunciados que foram se constituindo histórica e ideologicamente e que se significam e se ressignificam dentro da sociedade. Esse dialogismo entre os enunciados e como ele constitui seus sentidos, é o elemento de análise considerado fundamental para Bakhtin, e que não era considerado no plano da análise linguística da época.

A língua, a palavra, são quase tudo na vida do homem. Essa realidade polimorfa e onipresente não pode ser da competência apenas da linguística e ser apreendida apenas pelos métodos linguísticos. O objeto da linguística é tão-somente o material e os recursos da comunicação verbal, e não a própria comunicação verbal — o enunciado em sua essência, a relação (dialógica) que se estabelece entre os enunciados, as formas da comunicação verbal e os gêneros do discurso (Bakhtin, 2006, p. 346).

É nesse sentido também que Bakhtin introduz não somente a importância do estudo dialógico, mas do enunciado como uma categoria de estudo, o qual não havia sido alcançado pela linguística até então. O enunciado seria justamente a unidade de sentido que não poderia ser diminuída pelas metodologias de análise da época, pois ele engloba o contexto em que é emitido, dentro de uma relação social e histórica. Assim, Bakhtin aponta os problemas da linguística a fim de criar uma compreensão sobre a importância do que havia sido deixado de fora dentro dos objetivos e metodologias da disciplina.

A linguística estuda somente a relação existente entre os elementos dentro do sistema da língua, e não a relação existente entre o enunciado e a realidade, entre o enunciado e o locutor (o autor). (Bakhtin, 1997, p. 347)

Essas relações, bem como outras relações possíveis dentro do âmbito da linguagem, são o que a filosofia do Ciclo de Bakhtin vai tentar dar aporte teórico para a análise, uma vez que essas relações são também constituintes da língua, e apesar de serem mecanicamente retirados da importância dos estudos linguísticos, eles não deixavam de emergir nos sentidos da linguagem.

O problema não é simples, e é interessante (por exemplo, até que ponto pode-se falar do sujeito da língua ou do sujeito falante quando

se trata de um estilo linguístico, ou então da imagem do cientista que transparece por trás da linguagem científica, da imagem do administrador que transparece por trás da linguagem administrativa, etc.) (Bakhtin, 1997, p. 348).

Assim, não é possível analisar um enunciado sem considerarmos em que época ele se situa, a partir de quais sujeitos, e com quais sujeitos ele estabelece uma relação, além de qual a realidade social recebe esse enunciado. São todos esses elementos que constituem uma perspectiva dialógica de análise, pois é assim que se considera, em primeiro lugar, que o enunciado é constituído desses dialogismos. E da mesma forma que o enunciado é construído por relações diversas com a realidade, não é possível desconsiderar o elemento ideológico, uma vez que a ideologia está presente na sociedade, forma os sujeitos, participa historicamente dos contextos sociais e por isso, também constitui a linguagem.

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia (Bakhtin, 2006, p. 29).

Ao colocar a ideologia como um signo, Bakhtin complexifica a noção trabalhada até então na linguística do signo, o qual não apenas se constitui por fatores externos, sociais, como também é responsável por refletir e refratar outras realidades. Desse modo, não há como ignorar o elemento ideológico da linguagem, pois ele é responsável por formatar e reformatar a sociedade. É considerando esse aspecto, que compreendemos o enunciado da desconstrução não somente como imbuído de sentidos e significados, mas também como responsável por orientar uma realidade ao seu redor, continuar se constituindo da realidade e refratar nela tantos seus sentidos mais antigos como os mais atualizados. “Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social.” (Bakhtin, 2006, p.31)

Na perspectiva do trabalho, ao entendermos o enunciado da desconstrução dentro das redes sociais, consideramos as questões que atravessam esse lugar e ajudam a construir os enunciados ali existentes. Ou seja, levar em conta os objetivos

das redes sociais, seu formato, e as questões políticas que formam aquele espaço, nos ajuda a compreender como o enunciado da desconstrução vem sendo constituído. São todos esses elementos que vão nos fazer chegar a uma análise mais apropriada para a complexidade do seu todo.

Ainda, para a perspectiva dialógica é necessário considerar que o sujeito pesquisador também entra numa relação de dialogismo com o objeto de pesquisa, uma vez que ele não pode deixar de colocar a sua voz na produção da análise.

O lugar exotópico que o pesquisador ocupa nas perspectivas estética e epistemológica de Bakhtin é, precisamente, o que confere a objetivação e o acabamento, tanto à obra de arte como à pesquisa em ciências humanas, a partir do ato do sujeito criador. (Mendonça, 2014, p. 69)

Portanto é necessário considerar que o pesquisador participa com uma compreensão responsiva, que sua participação na análise do objeto escolhido não é passiva, uma vez que o processo da produção de enunciados é uma relação de ações e respostas frente a outros enunciados. E ainda, no caso desse sujeito pesquisador, tomado por Bakhtin, sua posição será uma posição privilegiada de análise, pois virá de fora do objeto.

1.2 Gêneros do Discurso

As redes sociais, enquanto lugar de mobilização e socialização do sujeito, são locais de produção constante de enunciados, os quais vêm sendo construídos segundo as características do meio digital e os objetivos de mercado desenvolvido nesses espaços. Por isso, a análise dos temas recorrentes nesses locais, de como eles surgiram e como eles engajam as pessoas, não pode ocorrer sem uma atenção cuidadosa para como esses enunciados se organizam, por sua vez, em gêneros discursivos. A teoria bakhtiniana denota bastante importância para essa parte do estudo, uma vez que

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. (Bakhtin, 1997, p. 282)

Isso se dá, pois os gêneros discursivos nascem de necessidades comunicativas definidas por um contexto social, por subjetividades, e por uma história que move essas subjetividades. Estudá-los significa estudar não apenas uma unidade linguística destituída do contexto real, mas sim, um todo. Neste sentido, estudar os gêneros discursivos das redes sociais, especificamente, constitui compreender os aspectos históricos que constituíram esses locais, e como a lógica econômica definida por grandes empresas como o Google, incide nas nossas relações com esse lugar do digital e com os gêneros discursivos que nele surgem.

Bakhtin classifica os gêneros por tipos, separando-os em primários e secundários. Os gêneros primários dizem respeito aos gêneros desenvolvidos de forma mais livre, encontrados no cotidiano, ao passo que os gêneros secundários dispõem de menos liberdade, pois segue um modelo e um ditame institucional. A respeito, Bakhtin elabora:

Em sua grande maioria, os gêneros literários são gêneros secundários, complexos, que são compostos de diversos gêneros primários transformados (réplicas de diálogo, narrativas de costumes, cartas, diários íntimos, documentos, etc.). Esses gêneros secundários, que pertencem à comunicação cultural complexa, *simulam* em princípio as várias formas da comunicação verbal primária (Bakhtin, 1997, p. 325).

Isso mostra a complexidade da relação entre os gêneros, que não se separam totalmente por conta de suas características diferentes, mas ao contrário, fazem empréstimos entre si no momento da enunciação. Dito isso, é importante ressaltar que o trabalho, à medida que pretende ter como foco os textos construídos nas mídias digitais, trabalha com especificidades ainda pouco estudadas referentes a tais gêneros, como a possibilidade de reagir diretamente a eles com artifícios como as curtidas, os compartilhamentos ou os *retweets*, assim como os recursos visuais que podem ser atrelados ao post como imagens, *emojis*, entre outras possibilidades. Na situação específica dos *memes* e *tweets* é possível ver, por conta da liberdade composicional dos textos produzidos e da sua proximidade com a oralidade, as características do que Bakhtin classifica como gêneros primários, porém não é possível considerá-los apenas dentro desse recorte, uma vez que

A distinção entre gêneros primários e gêneros secundários tem grande importância teórica, sendo esta a razão pela qual a natureza do

enunciado deve ser elucidada e definida por uma análise de ambos os gêneros. Só com esta condição a análise se adequaria à natureza complexa e sutil do enunciado e abrangeria seus aspectos essenciais. Tomar como ponto de referência apenas os gêneros primários leva irremediavelmente a trivializá-los (a trivialização extrema representada pela linguística behaviorista). A inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação dos gêneros secundários do outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado (e, acima de tudo, o difícil problema da correlação entre língua, ideologias e visões do mundo) (Bakhtin, 1997, p. 283).

Há, por isso, a necessidade de entender que os gêneros discursivos das redes sociais não são inteiramente novos, por mais que façam parte de um contexto recente. Os gêneros estão em constante diálogo histórico e ao surgirem em novos contextos eles partem de gêneros anteriormente existentes, trazem suas características e se readaptam às novas necessidades apresentadas. É isso que constitui a complexidade do material analisado, pois essa adaptação aparece tanto nos formatos dos gêneros como na relação que estabelecemos com eles, tudo isso também mediado pela lógica tecnológica dos algoritmos que definem quais conteúdos serão mais impulsionados, quais formatos serão privilegiados, entre outras questões que ajudam esses gêneros discursivos na circulação na internet.

Assim, ao levarmos em conta gêneros como *tweets* e memes que possuem um tamanho limitado e circulam com muita rapidez, podendo ter milhares de compartilhamentos, chegando a milhares ou milhões de perfis, entendemos como a velocidade é constitutiva do gênero. Dessa forma a análise inclui entender como isso influencia na formação de conteúdo que se atrela à essa velocidade, como os sentidos dialogam com um formato que está dentro dessa lógica de consumo de enunciados, em que durante 15 minutos nas redes sociais podemos ver inúmeros enunciados, interagir com eles e compartilhar informações sob as quais nos detemos por no máximo alguns segundos, já que eles não exigem, em sua maioria, mais tempo que isso para a leitura.

Existem uma série de trabalhos, inclusive, que se ocupam da problemática desta velocidade que as redes sociais, a internet como um todo, tem ditado dentro do nosso tempo e da maneira como vivemos nosso tempo. Porém, nos interessa aqui como essa velocidade está atrelada nos gêneros discursivos, como seus formatos facilitam essa relação que produz rapidez na maneira como lemos e como digerimos informações complexas.

Analisar o dialogismo existente entre enunciados, portanto, não é um processo que pode acontecer no vazio. Mas ao contrário, deve ser considerado o lugar, aqui entendido como o gênero em que esses enunciados se estruturam, de forma que seja possível compreender os motivos daquele engendramento específico de sentidos, naquela forma específica de se estruturar uma mensagem etc. Tal processo nos revela, inevitavelmente, a construção histórica e social por trás do enunciado, logo, a complexidade do que se entende por fim da formação de um discurso.

1.2.1 Memes

Desde que as redes sociais da internet se consolidaram como um local de interação nas sociedades, elas também se colocaram como um lugar de construção e circulação de significados e, assim como qualquer outro espaço social, os significados ali constituídos fortalecem ou disputam noções ideológicas e engajam os sujeitos nessa construção de sentidos. O que faz as redes sociais tão potentes em relação a essas questões são as inúmeras possibilidades dadas pela tecnologia, de produção e reprodução em larga escala de conteúdo, sem necessidade de grande conhecimento técnico para isso. Além disso, elas também garantem uma produção de forma anônima, daí entra uma das formas mais populares de circulação de conteúdo na internet atualmente, os memes.

A concepção de meme, entretanto, é anterior ao surgimento da internet. O autor Richard Dawkins no livro *The Selfish Gene* (1976), ao trabalhar dentro da noção evolutiva dada por Charles Darwin, estabelece um paralelo entre os genes e as unidades culturais as quais ele chama de memes. O nome viria da noção concebida inicialmente por Aristóteles de mimese, porém, tal como os genes, teriam uma forma similar de funcionamento. Thakur (2018) ao estudar os memes segundo a definição de Richard Dawkins assim os define:

Um meme é qualquer unidade cultural que pode ser imitada ou replicada, mas não impensadamente. A mesma estrutura básica é transmitida, mas não deixa de ter uma identidade própria. Cada meme é uma replicação de outro meme. É uma transmissão sem fim (e não simplesmente replicação, como o nome diz). Dawkins sugere que os genes "egoístas" praticam o controle em sua própria reprodução ou multiplicação e, portanto, servem ao seu próprio fim. Como os genes

egoístas biológicos, o motivo de cada meme é atingir a fidelidade, a fecundidade e a longevidade. (Thakur, 2018, p. 9)⁴

A fidelidade, fecundidade e a longevidade, definiriam o *modus operandi* dos memes. A fidelidade diz respeito à maneira como uma unidade cultural fica registrada como um pensamento e é, por sua vez, comunicada. As outras unidades que ela gerar precisam estar ainda veiculadas a uma memória dela para que façam sentido. A fecundidade marca o traço da possibilidade dessa unidade cultural produzir outras unidades a ela relacionadas. Quanto mais pessoas forem expostas a um meme, e se identificarem com ele, mais possibilidades há de que ele seja reproduzido. A essa característica também estão relacionadas as ferramentas disponibilizadas pela tecnologia. Hoje em dia basta ter um programa de *paint*, um programa básico de ilustração, para poder reproduzir um meme, ou ainda menos que isso, já que os próprios celulares possibilitam a modificação de uma imagem com ferramentas simples. Já a longevidade, como o nome indica, trata-se do período de circulação de um meme, de quanto tempo ele permanece sendo relevante e produzindo sentido. Nesse quesito, importa muito mais como esse meme se relaciona com a realidade atual do que quanto anos ele tem. Alguns memes da semana passada podem já não fazer sentido nessa semana, ao passo que alguns memes de anos atrás podem ainda circular e gerar outras unidades relacionadas por conta da sua relação com a identidade de uma sociedade em permanente processo de refração. Tudo isso é útil para uma análise dialógica.

Observar a produção de conteúdo em cima de situações sociais dadas tem sido a forma mais evidente de compreender os sintomas de acontecimentos diversos. E não só isso, como também é possível analisar como cada sociedade reage a seus conflitos internos, a partir dos significados que engendram e dos que ganham mais força na circulação de seus sentidos. Dessa forma, tem-se também uma noção de como cada país é enxergado, não somente pelas suas relações econômicas com outros países, ou pelos blocos políticos que integram, mas como tudo isso influencia no uso que seus sujeitos fazem da internet. Com isso, citamos como exemplo o

⁴ Do original: *A meme is any cultural unit that can be imitated or replicated but not thoughtlessly. The same basic structure is transmitted but is not without unique identity of its own. Each meme is a replication of another meme. It is a never-ending transmission (and not simply replication, as the name goes). Dawkins suggest that the 'selfish' genes practice control in their own reproduction, or multiplication and thus serve their own end. Like biological selfish genes, the motive of every meme is to attain fidelity, fecundity and longevity.* Tradução nossa.

apelido dado aos internautas brasileiros, no início dos anos 2000, com o começo das redes sociais. O apelido “hue BR” refere-se a uma das formas de risada utilizadas nas redes pelos brasileiros, em especial nos jogos online e caracteriza o público “zoeiro”, ou que fazem piadas em excesso, e *trollam*⁵ outros usuários (Silva; Santinello; Guadagnini, 2019). Outro motivo também apontado para o surgimento do apelido consistiu no modo como os usuários desses jogos, frequentemente, quebravam as regras dos servidores internacionais de usar apenas o inglês para a comunicação.

Parte dos comportamentos tóxicos dos brasileiros nos jogos era pela obrigatoriedade do uso somente da língua inglesa, que os administradores e usuários do Ragnarok de outros países determinavam. Alguns brasileiros que desobedeciam a essa regra eram castigados e acabavam por inflamar os outros jogadores brasileiros, montando clãs para destruir as campanhas de jogadores não brasileiros, principalmente dos estadunidenses. (Silva; Santinello; Guadagnini, 2019, p. 395).

O mais curioso sobre o apelido é que a imagem veiculada, ou o meme do hue BR, é o desenho de um homem negro com os dentes podres e uma risada descontrolada. Dessa forma, é possível compreender as questões de raça que são veiculadas nessas representações, e que muitas vezes são endossadas por brasileiros não negros nas redes sociais. Vale acrescentar que o meme passou por modificações, e é possível encontrar versões em que o personagem está embranquecido.

Muitos memes surgem em diferentes redes sociais e conseguem circular com grande amplitude, mas é importante mencionar o *4chan*, um fórum origem de muitos memes, movimentos e tendências da internet, criado em 2003:

O *4chan* é uma série de fóruns totalmente anônimos e que vale tudo. O *4chan*, em seu layout e operação fundamental, não é terrivelmente diferente do Reddit, Something Awful ou outros fóruns de Internet em grande escala. O site é dividido em tópicos onde os usuários podem discutir diferentes temas - tudo, desde café civeta a brinquedos sexuais - e algo como 22 milhões de usuários fazem exatamente isso todos os meses (Dewey, 2014, sn).

⁵ O verbo trolar faz menção à figura mítica escandinava, *Trol*, considerado uma criatura terrível (Trol, 2025).

O *4chan* já se tornou foco de muitos estudos sociais e políticos da atualidade, por conta de sua relação em alguns acontecimentos trágicos recentes, mas se tornou realmente conhecido em 2008, com o surgimento do grupo de harkers Anonymous (Dourado, 2020). Afinal, o anonimato é uma das características mais marcantes do fórum, visto que ele não obriga a escolha de um nome ou a vinculação de uma conta de e-mail para que o usuário possa interagir nos tópicos, algo muito incomum para uma rede social, como também aponta Dewey (2014). O fórum é o berço de muitos grupos de ódio, por conta da fomentação de debates e teorias de conspiração e foi, por isso, terra fértil das campanhas para candidatos conservadores da extrema direita. Segundo Woolley e Guilbeault (2017) o fórum ainda participou com a disseminação de *fake news* na campanha de Donald Trump, como no caso da história da Pizza gate, em que associavam a candidata Hilary Clinton a uma rede de tráfico humano e pornografia infantil, dizendo que ela usaria o restaurante para isso. A história ganhou repercussão e uma série de manifestantes pró-Trump depredaram o lugar.

Mas para além da disseminação de fake News, o fórum foi responsável por um dos maiores símbolos da campanha de Trump, Pepe, o sapo. O personagem foi criado em 2005 para um quadrinho chamado Boys Club e ganhou apreço dos participantes do *4chan* (Jorge, 2017). O personagem tinha características adolescentes e, no fórum, acabou ganhando características de um comportamento fascista ao ser associado a símbolos nazistas e de outros grupos de ódio. Pepe, o sapo, virou representante dos eleitores de Trump e do próprio Trump que adotou o meme em suas campanhas, por trazer uma imagem jovem e mais 'alternativa' à extrema direita. O símbolo ganhou tal alcance que hoje em dia ele é considerado tão nocivo quanto a suástica e foi listado oficialmente como um símbolo de ódio pela Liga Antidifamação (LAD) (Gault; Vice, 2020).

Não é, então, difícil compreender a extensão e a potência dessas unidades culturais na formação e na circulação de sentidos através das redes sociais, nem tampouco é o caso de se entender que essas linguagens não chegam a quem não tem acesso a essas tecnologias, visto que elas ultrapassam muito facilmente os limites dos fóruns, do Twitter e Facebook. Grande parte do que foi fomentado por essas ferramentas, ganhou espaço nas mais diversas mídias, mudou campanhas e rumos políticos, justificando, por essa razão, a necessidade de voltarmos a atenção às suas especificidades.

1.2.2 Tweets

Em virtude da importância que a rede social Twitter vem representando enquanto meio de comunicação, principalmente devido aos mais recentes acontecimentos envolvendo tanto a política brasileira, quanto a norte-americana, o material lá produzido torna-se também relevante para a pesquisa, uma vez em que é possível observar características próprias do gênero tweet que influenciam o formato e o conteúdo lá compartilhado. Além disso, ao falarmos do aspecto político da rede social, o Twitter apresenta outra característica por si só interessante, o fato de não pertencer ao monopólio Instagram-Facebook-Whatsapp de Mark Zuckerberg.

O Twitter foi criado em 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams e Biz Stone, nos Estados Unidos, com um início em que pouco havia de clareza sobre como a plataforma funcionaria. A intenção era que a rede social servisse para atualizar os amigos do seu Status atual, e a pergunta **O que você está fazendo agora** norteava o que os usuários deveriam postar na sua timeline. (Burguess; Baym, 2020, p.6) Ou seja, a proposta na época apresentava-se muito mais como uma rede social de relacionamentos interpessoais, do que o que é atualmente, uma ferramenta de relacionamento global, e uma ferramenta geopolítica (Burguess; Baym, 2020, p.10).

É somente a partir de 2007 que o seu uso ganha um pouco mais de dimensão e acaba viralizando. Para nortear as pessoas sobre o que fazer na plataforma, alguns grupos, como bloggers e pessoas que mexiam com tecnologia em geral, começaram a escrever vários artigos sobre como usar o Twitter e para o que ele servia. “Surgiu uma forma de pedagogia pública. Seja para ajudar os outros ou ganhar atenção como especialistas em Twitter, os blogueiros escreveram copiosos artigos sobre o que é Twitter e como usá-lo, pelo menos nos primeiros anos de existência do Twitter” (Burguess; Baym, 2020, p. 7-8).⁶

As primeiras noções sobre como se utilizava o Twitter seguiu uma ordem não muito diferente das que ocorrem em mídias mais tradicionais de comunicação, sendo garantido determinados elitismos sobre o seu uso.

Isso significava que, desde o início, a conversa pública sobre o que era o Twitter e para que deveria ser usado foi moldada

⁶ Do original: *A form of public pedagogy emerged. Wheter to help others out or gain attention as Twitter experts, bloggers wrote copious 'what is Twitter and how to use it' articles for at least the first few Years of Twitter's existence.* Tradução nossa.

significativamente por influenciadores de tecnologia – principalmente brancos, muitos deles homens, e com experiência técnica e identidades profissionais vinculadas ao jornalismo, software desenvolvimento e blogs especiais (Burguess; Baym, 2020, p. 8).⁷

Os direcionamentos contidos nos guias desses grupos causaram um grande impacto de fato em como a ferramenta passou a ser vista e utilizada e em como ela se firmou como um microblog, que é, ao mesmo tempo, uma plataforma multimodal em que as pessoas podem compartilhar textos, vídeos e imagens. A característica de limitar os textos a 140 caracteres, à priori, promoveu o formato rápido que a plataforma favorece. A título de exemplo, atualmente é comum encontrarmos a criação de microncontos e micropoemas, tanto por autores anônimos, quanto por autores já consagrados na literatura mundial. No que tange aos debates de diferentes fóruns, os *tweets* acabam se tornando práticos de compartilhar até em outras redes sociais, uma vez que podem ser recortados com facilidade em um *print*, ganhando, muitas vezes, a característica de meme. Em 2017, a rede social foi atualizada e passou a aceitar 280 caracteres, possibilitando tweets de maiores complexidades textuais, mas que não retirou seu caráter prático e econômico.

Por poder se mesclar a diversos outros gêneros, pontuamos aqui a especificidade da perspectiva Bakhtiniana em entender o tweet dentro de sua complexidade como gênero discursivo. Brait (2012), no artigo *A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo*, pontua outras definições do termo trazidos em produções que nem sempre ganham tanto destaque no Brasil, onde normalmente o texto *Gênero do Discurso* de 1950 é sempre o mais referenciado (Brait, 2012, p.372). No artigo, a autora destaca trechos e perspectivas em obras como *Problemas da poética de Dostoiévski* (2013) e *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* (1923/1924) (Brait, 2012, p.377), entre outros trabalhos de Bakhtin e do Círculo, em que a noção de gênero é explicada não apenas a partir de sua composição e suas características estruturais, mas a partir da tradição social a que se liga, ao uso a que é destinado, aos gêneros anteriores a eles, que ajudam a constituir o gênero objeto do estudo, e as dimensões que ele ocupa na sociedade.

⁷ Do original: *This meant that from the beginning, the public conversation about what Twitter was and what it should be used for was shaped significantly by tech influencers – mostly White, a lot of them men, and with technical expertise and professional identities tied up with journalism, software development, and special blogging.* Tradução nossa.

Esse caráter dialógico interno e externo no enfoque da vida e do pensamento humanos é muito importante para a compreensão do gênero do discurso no conjunto das obras do Círculo: o conceito de gênero não se limita a estruturas ou textos, embora os considere como dimensões constituintes. Implica, essencialmente, dialogismo e maneira de entender e enfrentar a vida (Brait, 2012, p. 375).

Essa “maneira de enfrentar a vida” a que autora se refere é uma das razões para que o Tweet seja considerado um gênero por si só, apesar de estruturalmente, a depender do tweet, ele traga características diversas de outros gêneros como o bilhete, o comentário, a propaganda, o comunicado, entre outros. A maneira como os usuários se ligam a ferramenta, ou ao suporte Twitter e produzem tweets, as condições de produção, a maneira como são facilmente reproduzidos, compartilhados e ganham visibilidade em outras mídias repercutindo politicamente, faz com que nenhum tweet possa ser simplesmente classificado como bilhete, comunicado, notícia, propaganda, anedota entre outros. Afinal, as características do suporte que permitem que as palavras *post*, *retweet*, sempre estejam presentes ao se falar de um tweet, o caracteriza de modo único, mudando assim a forma como as pessoas compreendem esse texto e como se relacionam a eles, não sendo a mesma forma a se relacionarem e compreenderem uma anedota, um bilhete, uma notícia, fora do suporte do Twitter. Essa razão também é a razão pela qual outros gêneros ligados às redes sociais, se seguida a perspectiva bakhtiniana, não podem ser apenas classificados como ensaios, cartas, etc, uma vez que existe aí uma especificidade de relação, de modo de vida e de compreensão em torno desses textos.

O aspecto que deve ser aproveitado para a discussão de gênero do discurso é o que se refere à diferença entre forma composicional e forma arquitetônica. Para chegar a essa distinção, Bakhtin sugere que é preciso enfrentar a unidade do texto não como dada exclusivamente por sua forma externa, aparentemente autônoma, mas por seu plano, ou seja, por suas condições concretas de vida, suas interdependências, suas relações, suas posições dialógicas e valorativas. (Brait, 2012, p. 378)

É através da perspectiva da forma arquitetônica, portanto, que observamos os gêneros aqui colocados, além de considerar sua forma composicional, que se refere justamente às relações e posições dialógicas valorativas. A exemplo dessa relação com os gêneros e o que define essa forma arquitetônica, podemos colocar o comunicado oficial dado através das grandes mídias a partir de uma coletiva de

imprensa, e o comunicado oficial dado através do Twitter. Apesar da relação estreita com um mesmo gênero que ambos apresentam a partir de uma forma composicional similar, a relação que as pessoas vão criar, a interação possibilitada por cada um desses comunicados são muito diversas e são essas características que ditam a forma arquitetônica e que completam a visão sob determinado gênero, não podendo, assim, considerar apenas o aspecto estrutural e linguístico.

Dentro da dimensão do que nos propomos analisar no trabalho, os tweets que serão considerados para a pesquisa, são os que são feitos em forma de comentário sobre determinados acontecimentos, opiniões em forma de sátira, piadas, ou até comentários com tom sério, de característica informativa que podem facilmente ganhar status de verdade e ganhar compartilhamentos em grande escala.

1.3 Esferas de Atividade Humana

1.3.1 O virtual x social

Ter como objeto de estudo a tecnologia na sua mediação humana, sob a perspectiva bakhtiniana, significa quebrar cada vez mais com a noção de que o virtual está fora do social. Essa lembrança Lévy também faz em sua obra *Cibercultura* (1999), atentando-nos para o cuidado de não se analisar a primeira como separada da segunda, ou seja, como algo que chega com suas propriedades e características à parte e impacta a nós, que nessa perspectiva estaríamos alienados no nosso cotidiano sem grandes implicações técnicas, morais, éticas, etc. As metáforas para se referirem à tecnologia e, principalmente, ao advento virtual flagram uma perspectiva um tanto quanto disfórica da sociedade a respeito de suas criações.

Embora o virtual seja fruto do social e esteja politicamente imbricado nele, o social o nega, como a uma instância com ares de alienígena, mas com a qual faz negociações a ponto de viver uma relação diplomática, mesmo que com suas tensões. Essa relação disfórica afeta a compreensão da sociedade sobre como a tecnologia é uma problemática humana, não na medida que simplesmente nos afeta, mas na medida em que ela própria é fruto de um discurso social, histórico e ideologicamente calcado nas nossas questões. Por isso, compreender como a tecnologia funciona no social é compreender os seres humanos. Fazendo uma retrospectiva das ciências cognitivas, Koch e Lima (2011) explicam que a lógica dos algoritmos, o comando 0 –

1, não foi criada necessariamente para se ter uma máquina, mas para tentar reproduzir a maneira como nós raciocinamos. A criação do computador foi uma consequência inevitável desse processo, mas é de inestimável importância que não percamos de vista o objetivo que primeiro norteou a criação de determinadas máquinas como o computador. Ou seja, é necessário lembrar que o funcionamento das máquinas corresponde a uma leitura matemática que a sociedade criou para tentar compreender a si mesma no mundo.

Dito isso, ao se analisar determinados eventos sociais, que se desenrolaram no século XXI e que possuem as redes sociais como um dos principais palcos de organização e agitação, é importante não apenas especificar tais eventos a partir das diferenças que a tecnologia implicou nesses acontecimentos. Tal olhar pode nos levar a algumas falácias como as citadas acima e perdemos de vista o discurso que impulsiona a própria criação das redes sociais, cuja interface, objetivos e as maneiras de interação surgem acompanhando um andar de uma sociedade cujos valores econômicos, políticos e, portanto, ideológicos, facilitaram o nascimento desta, numa relação, por isso, inseparável.

Assim dito, é fácil compreender que as disputas políticas que ocorrem no virtual advém igualmente da história e, reconhecer que hoje as principais tecnologias de comunicação são propriedades de grandes empresas norte-americanas é de grande importância para as análises sobre os acontecimentos que se desenrolaram, por exemplo, no Facebook. Por isso, da mesma forma que o viés ideológico não é esquecido quando se analisa os acontecimentos em determinado país, não é possível esquecer o viés da ferramenta utilizada pela população de países de economia emergente em diversos levantes ao redor do mundo.

Analisar o virtual é, portanto, analisar um campo extensão de uma história e de uma política a qual disponibilizou ferramentas para seu fortalecimento. Afinal, não é por acaso que o mesmo lugar em que se organizaram movimentos como *occupy wall street*, primavera árabe e as manifestações de 2013, no Brasil, também foi responsável pela articulação de governos conservadores, tendo como exemplo as eleições de Trump e Bolsonaro, os dois eleitos em seus respectivos países com uma campanha majoritariamente online.

Neste sentido, para melhor compreender os imbricamentos políticos dessa esfera e de como eles se desenvolveram a partir da história e definem hoje nossas relações na esfera virtual-social, utilizamos a noção do capitalismo de vigilância. O

digital e o desenvolvimento da tecnologia de dados e de informação, evoluiu a ponto de não somente tornar mais eficiente o mercado e a intensificação do capitalismo, mas de criar uma nova base para a alimentação desse sistema. Zuboff (2021) definiu o termo capitalismo de vigilância para explicar como operam as empresas que se originaram no digital e dominaram o espaço com sua forma de capitalização e sobre ele diz que

O capitalismo de vigilância reivindica de maneira unilateral a experiência humana como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais. Embora alguns desses dados sejam aplicados para o aprimoramento de produtos e serviços, o restante é declarado como *superávit comportamental* do proprietário, alimentando avançados processos de fabricação conhecidos como “inteligência de máquina” e manufaturando em produtos de predição que antecipam o que um determinado indivíduo faria agora, daqui a pouco e mais tarde (Zuboff, 2021, p. 21).

Assim, o capitalismo de vigilância se define por mercantilizar o futuro, e é a partir da coleta de dados dos nossos comportamentos na esfera virtual que isso se torna possível. Tudo que pode ser rastreado na internet se torna um dado, e a maneira como os gêneros discursivos se definem nas redes sociais ajuda bastante esse processo, uma vez que elas são configuradas para estimular interações diretas e recorrentes. As curtidas, os compartilhamentos, os retweets, tudo isso se torna uma forma de rastrear nosso comportamento e se converte em dado para definir tendências de consumo e nichos de mercado. Uma vez, então, que estamos cada vez mais inseridos na internet, e vários aspectos da nossa vida, incluindo trabalho, estudo, e relações sociais diversas, dependem dessa esfera virtual, toda a nossa vida está constantemente sendo coletada, pois “Em vez do trabalho, o capitalismo de vigilância se alimenta de todo aspecto de toda a experiência humana” (Zuboff, 2021, p. 24)

Isso complexifica bastante a noção de como estamos relacionados ao capitalismo, pois se antes poderíamos falar da relação entre produção, capital, venda da força de trabalho, e entender exatamente em que eixo estávamos, como ele operava, quais forças os sustentavam e quais mecanismos poderiam ser trabalhados para desestabilizá-lo, agora a relação se tornou tão mais abrangente que é difícil definir tão bem esses pontos. Como explica Zuboff (2021),

Nós não somos os “clientes” do capitalismo de vigilância. Embora se diga que “se for de graça, então o produto é você”, essa afirmativa

também é incorreta. Nós somos as fontes do superávit crucial do capitalismo de vigilância: os objetos de uma operação de extração de matéria-prima tecnologicamente avançada e da qual é cada mais impossível escapar (p. 26).

Assim, “Os verdadeiros clientes do capitalismo de vigilância são as empresas que negociam nos mercados de comportamento futuro.” (Zuboff, 2021, p. 26). Essa relação, não só borra os limites dela e de como funcionamos para essa lógica, como torna muito mais difícil pensar em criar mecanismos de escape, e isso significa que toda a crítica que surge e circula na internet, também se torna dado e acaba de alguma forma atrelada à lógica do capitalismo de vigilância, uma vez que ela se torna rapidamente negociável e negociada, passando a funcionar como produto. O debate da desconstrução do sujeito não consegue se desvincular do meio em que ele circula e das forças que operam esse meio. Por mais que existam intenções diversas, formações políticas e vontade crítica para movimentar o debate sobre ela, a maneira como ela vai repercutir não depende unicamente desses fatores, mas de como funciona a lógica das plataformas à que o debate está sendo atrelado.

As consequências disso, não só para os enunciados da desconstrução, mas para toda a nossa relação com a internet que se encontra cada vez mais estreita e dependente, são:

Assim como a civilização industrial floresceu à custa da natureza e agora há a ameaça de o preço a pagar por ela ser o planeta Terra, uma civilização da informação moldada pelo capitalismo de vigilância e seu novo poder instrumentário irá prosperar à custa da natureza humana e ameaçará custar-nos nossa humanidade (Zuboff, 2021, p. 27).

O preço que o capitalismo de vigilância gera já tem se tornado visível, e é bastante sensível para o debate que propomos aqui. Afinal, nos encontramos num ponto de culminância histórica entre dois desgastes, o da natureza com consequências pandêmicas, e o desgaste humano com consequências que ainda estão sendo pouco a pouco rastreadas e compreendidas.

1.3.2 Movimentos Sociais x Redes Sociais

Uma vez que a demanda da desconstrução cresceu a partir da organização dos movimentos sociais nas redes sociais, é interessante que pontuemos esses dois

lugares que se tornaram tão relacionados desde 2012, produzindo os mais diversos efeitos para a política internacional e nacional. Importante também para discernir a definição de movimentos sociais, a fim de não confundirmos com outros formatos existentes nas redes e que podem produzir efeitos similares em relação ao fortalecimento de certos discursos, mas que não se organizam do mesmo modo e não produzem as mesmas ações. Consideraremos ainda, que a definição de movimentos sociais não é homogênea, principalmente por conta das transformações históricas que vem sofrendo ao longo do tempo, por isso não é um ponto pacífico, ainda mais com os novos formatos de organização à disposição. Aqui, vamos nos guiar pelas definições de Gohn (2011) que diz:

Os movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas. Atuando em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social. Constituem e desenvolvem o chamado empowerment de atores da sociedade civil organizada à medida que criam sujeitos sociais para essa atuação em rede. Tanto os movimentos sociais dos anos 1980 como os atuais têm construído representações simbólicas afirmativas por meio de discursos e práticas (Gohn, 2011, p. 336).

A necessidade de se fazer essa distinção se dá justamente por conta de como as redes sociais vem operando, construindo mudanças perceptíveis na opinião pública, no que se refere ao modo de encarar determinadas relações, padrões de beleza e questionando às opressões que se perpetuaram também na linguagem. Algumas páginas do Facebook, por exemplo, que se dedicam a determinados assuntos como o feminismo, racismo e a LGBTQfobia, atuam diariamente na disseminação de textos, demandas e denúncias relacionados a essas questões. A inclusão desses autores sociais na leitura de movimentos sociais, entretanto, é relativamente nova para às áreas de estudos que se debruçam nessas questões. Segundo GOHN (1997), a descentralização dos sindicatos e das organizações comunitárias, constitui um novo paradigma:

O novo paradigma pode também ser chamado paradigma do "modo de vida" e abrange, entre outros, os Novos Movimentos Sociais. A partir de uma listagem organizada por Melucci (1981: 98), Offe cita os seguintes movimentos: estudantil, feminista, de liberação sexual, movimentos de cidadãos, lutas ecológicas, mobilização de consumidores e usuários de serviços, de minorias étnicas e lingüísticas, de comunidades e contraculturas, relativos às questões de saneamento, saúde etc. (Gohn, 1997, p. 166).

Da mesma forma que os movimentos sociais se tornam múltiplos, os atores sociais já não são apenas os operários, e passam a integrar diferentes camadas da sociedade que podem associar-se a uma dessas causas. Esse novo paradigma surge por uma série de leituras e novos estudos que surgem em torno da autonomia do sujeito

É interessante destacar ainda que os filósofos e psicanalistas defensores da autonomia buscaram seus fundamentos teórico-metodológicos em Nietzsche - em seus estudos sobre a valorização da vida como critério de construção de um novo tempo (Nietzsche, 1984); no comunitarismo dos socialistas utópicos - especialmente nas comunidades de Owen e Fourier (Sicca, 1977); nos anarquistas clássicos, particularmente em Proudhon (1981) e em Kropotkin (1987); no idealismo alemão, particularmente nas correntes contemporâneas da Escola de Frankfurt (Habermas, 1983); no trabalho de desobediência civil de Thoreau (1975); em Emerson; em líderes pacifistas como Gandhi; em Wittgenstein (1980); enfim, em alguns casos, no próprio Marx (1975) e em sua teoria da alienação (Gohn, 1997, p. 135).

Segundo OLIVEIRA (2010), essas leituras e novas participações políticas foram mais intensamente observadas a partir de Maio de 68, que acarretou uma maior participação política de novos grupos e com novas pautas, sendo elas voltadas ao questionamento do conservadorismo, liberdade sexual entre outras. Por isso, GOHN (1997) também atenta para outras leituras que foram essenciais na diversificação desse momento nos movimentos sociais e na estruturação do Novo paradigma.

Mas não foi só a teoria da ação que forneceu substância teórica básica ao novo paradigma. Ela foi fornecida também pelos frankfurtianos - particularmente Adorno e Habermas - e pelos novos idealistas contemporâneos - Felix Guattari, Giles Deleuze e, principalmente, Michel Foucault. Com ênfases diferenciadas, eles foram os principais teóricos contemporâneos a alimentar as formulações estudos sobre os chamados movimentos sociais alternativos: ecológicos, feministas, de homossexuais, de negros, pela paz etc. (Gohn, 1997, p. 132).

A esfera em que se davam essas reivindicações e organizações, também passaram a se constituir de novos espaços. Afinal, para se falar de problemas relativos à gênero, sexualidade e racialidade, as relações próximas, a instituição familiar, a casa, também eram terrenos de análise e de questionamento. O movimento feminista, por exemplo, era um dos que reivindicava que o particular era político, uma vez que

no passado dos movimentos sociais operários, pouco importava como eram organizadas as relações familiares do trabalhador que estava se organizando contra o patrão, porém isso afetava diretamente como a esposa do trabalhador conseguiria se organizar junto a ele, ou não. Para realizar esses questionamentos e realizar novas ações não era necessário estar atrelado a espaços convencionais de mobilização, como os partidos ou os sindicatos.

Reivindicando uma categoria intermediária, nem pública nem privada, resultado da ação coletiva, o campo de ação dos Novos Movimentos Sociais se faz num espaço de política não-institucional, cuja existência não está prevista nas doutrinas nem na prática da democracia liberal e do Estado de bem-estar social (Gohn, 1997, p. 166).

Isto, em parte também se devia a essa nova configuração das pessoas que integravam esses movimentos. Das camadas econômicas das quais advinham, dos níveis de formação, entre outros fatores.

Os atores sociais no novo paradigma usualmente são provenientes das camadas médias e bem informados; atuam em nome da coletividade, em função de conteúdos que tratam dos direitos humanos, da paz, da ecologia, de discriminações, das formas alienadas de trabalho etc. Os valores básicos defendidos são autonomia pessoal e identidade, em oposição à formas de controle centralizadas. Os modos de atuar são, internamente, predominância de informalidade, espontaneidade, baixo grau de diferenciação horizontal e vertical. O uso de métodos não-convencionais ocorre não por desconhecimento das formas convencionais, mas por negá-las ou por conhecer suas limitações (Gohn, 1997, p. 166).

Em se tratando justamente desses métodos e espaços não-convencionais de ação, as redes sociais multiplicaram as possibilidades de embates, mobilizações e propostas em seus espaços, a partir do momento que modificaram também a própria lógica da web.

Antes, a utilização da rede era fundamentalmente instrumental, isto é, ela era usada principalmente como instrumento para atividades – por exemplo, colheita e difusão de informação, tratamento e transmissão de dados, textos, sons ou imagens, pesquisa e aprendizado –, quando não era usada como um cômodo meio de consumo. Agora, a ênfase nos operadores de participação coletiva e de colaboração entre os indivíduos tem feito com que os traços fortes de uma *web instrumental* se atenuem em benefício dos de uma *web social* (Santos; Cypriano, 2014, p. 66).

A transformação da internet de um viés unicamente utilitário para um viés social e relacional, conversa com os estudos já existentes à época, sobre as redes sociais, redes de interação e comunicação.

Redes sociais são, antes de tudo, relações entre pessoas, estejam elas interagindo em causa própria, em defesa de outrem ou em nome de uma organização, mediadas ou não por sistemas informatizados; são métodos de interação que sempre visam algum tipo de mudança concreta na vida das pessoas, no coletivo e/ou nas organizações participantes. (Aguiar, 2008, p. 2)

Ao falarmos das redes sociais que se dão na internet, uma gama de nomenclaturas pode ser acionada para a compreensão da transmissão de informações;

É nesse sentido que podem ser de grande valia as contribuições da Ciberantropologia, uma subárea da Antropologia Cultural que vem dedicando especial atenção ao ciberespaço como um “campo”, isto é, como um “espaço” interativo de relações socioculturais gerado pela comunicação mediada por computador (CMC), pelo ambiente digital da Internet e pelas tecnologias de informação e comunicação (TICs). (Aguiar, 2008, p. 4)

Para dar conta de algumas dessas nomenclaturas, citamos aqui a noção de árvore, malha, teia e rizoma. Na primeira, que contempla a perspectiva da informação através de uma árvore, a transmissão ocorreria de uma matriz, chamada raiz, e se ramificaria para outros lugares, assim ocorrendo na lógica de um para todos. Já na malha, ou trama:

Malha ou trama é a representação mais simples de rede, composta por ligações simétricas entre os “nós” (como numa rede de pesca), que pressupõem relações equidistantes de comunicação e fluxos regulares de informação; as mensagens fluem por “contágio”, de nó em nó (ou cadeias pessoa-a-pessoa), como na propagação de boatos (e de doenças) e na propaganda boca-em-boca. Por isso, sua dinâmica é imprevisível – tanto sobre como começou quanto como e quando vai parar. (Aguiar, 2008, p. 5)

Já as teias se definiriam por uma relação horizontal entre os participantes, geralmente unidos por temas comuns, em que se pressupõe uma mesma posição de consciência dentro dela:

Por terem um fim em comum bem delimitado (pela temática), seus integrantes tentam manter a dinâmica da rede sob controle, mas quanto maior for a participação no fluxo de informações (envio de mensagens, comentários, réplicas e tréplicas), menor será o seu grau de previsibilidade. A teia corresponde também ao padrão egocentrado dos sites de redes sociais, em que “amigos” e “amigos de amigos” são adicionados a cada perfil ou página individual. (Aguiar, 2008, p. 6)

Dentro de um campo como o das redes sociais na internet, que não se definem por apenas uma dessas formas de transmissão de informação e de relações entre usuários, a metáfora que mais vem se adequando a essa percepção de interação digital, é a do rizoma.

Rizoma é a metáfora que tenta dar conta de uma multiplicidade de relações assimétricas de comunicação, desencadeadas em vários pontos simultaneamente, e de fluxos acentrados e não-regulares de informação (no tempo e no espaço), nos quais não é possível identificar um ponto “gerador” único. Um rizoma caracteriza-se pela multidirecionalidade: o fluxo de informações pode partir de qualquer ponto, ou de vários, e qualquer pessoa pode enviar mensagens para quem quiser, ou para todos, simultaneamente (Aguiar, 2008, p. 6)

A complexidade da formação dessas interações, portanto, permite a leitura de como nas redes sociais da internet, os sentidos e significações que são gerados podem ser constantemente ressignificados. À medida que não se há um espaço homogêneo para a formação desses debates como nos espaços tradicionais de ação social, os sentidos são constantemente repassados de forma muitas vezes a não remeterem originalmente ao que se propuseram. Essa característica ainda está, por sua vez, mediada pela maneira como os interesses econômicos controlam as lógicas de funcionamento das redes sociais. A noção de interação dialógica de Bakhtin, aqui trabalhada, já traduz a complexidade que se tenta captar dessas relações e de seus resultados para uma formação discursiva. É entender que a informação pode surgir de um único ponto, como de uma página do Instagram ou Facebook, ou de vídeos do Youtube, Podcasts, e se alastrar para o restante da internet, ou ainda entender que ela pode vir de vários pontos concomitantemente e interagindo dentro da concepção que diferentes grupos estão inclinados a ter.

1.4 Interseccionalidade e os movimentos

Os movimentos sociais se organizam conforme uma pauta e um conjunto de sujeitos que se veem atingidos ou afetados a se mobilizarem em torno de uma questão comum. Entretanto, os sujeitos que se mobilizam em determinada frente, não são atravessados apenas pelas questões que dizem respeito às questões ali tratadas. O que vem sendo apontado desde a década de 1960 nos movimentos sociais, principalmente por intelectuais e militantes do movimento feminista negro, é que as opressões não agem separadamente ou uma por vez. A vivência que é atravessada por questões de gênero, classe, raça e sexualidade, não pode se fragmentar para tratar de cada experiência isoladamente, afinal opressões não incidem da mesma forma para todos.

No famoso discurso intitulado “Não sou eu uma mulher”, de 1851, Sojourne Truth, abolicionista norte-americana, evidencia como apesar de ser afetada pelas questões de gênero gerenciadas por um sistema patriarcal, ela, enquanto mulher negra, não vivenciava o mesmo machismo relatado pelas mulheres brancas.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoitamento também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (Truth, 1851, *apud* Assis, 2019, p. 16)

Ao longo do tempo, muitas questões foram sendo elaboradas em torno da compreensão das diversas formas de opressão que atuam conjuntamente. Entre várias intelectuais e militantes negras que falavam sobre essa problemática, em 1989, Crenshaw, ativista e professora de direito, no artigo *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics* (1989) traz logo no seu início, uma referência a um estudo sobre mulheres negras da poeta e ativista Gloria T Hull intitulado *All the*

Women Are White; All the Blacks Are Men, But Some of Us are Brave. (Todas as mulheres são brancas; todos os homens são negros; mas alguns de nós são corajosos). Ao fazer a referência, Crenshaw (1989) pontua a crítica histórica do apagamento das experiências das mulheres negras no movimento feminista e no movimento negro por conta de ambos ignorarem a intersecção das opressões, inaugurando assim o termo interseccionalidade dentro dos estudos críticos sociais. Crenshaw também chama atenção para o fato de que:

Eu argumento que as mulheres negras às vezes são excluídas da teoria feminista e do discurso político antirracista porque ambos são baseados em um conjunto discreto de experiências que muitas vezes não refletem com precisão a interação de raça e gênero. Esses problemas de exclusão não podem ser resolvidos simplesmente incluindo as mulheres negras dentro de uma estrutura analítica já estabelecida. Como a experiência interseccional é maior do que a soma de racismo e sexismo, qualquer análise que não leve em consideração a interseccionalidade não pode abordar suficientemente a maneira particular pela qual as mulheres negras são subordinadas. (Crenshaw, 1989, p. 140)⁸

Assim, a interseccionalidade não se trata apenas de incluir citando quem geralmente é esquecido, mas de uma iniciativa que deve partir da maneira como essas questões são abordadas. Falar do patriarcado e sua produção como apenas uma forma de opressão sobre as mulheres, ou falar sobre o racismo e não olhar que ele tem uma maneira singular de operar sobre as mulheres negras é estreitar o alcance e as peculiaridades dessas instituições, o que torna mais difícil de combatê-las por completo.

Além dela, a ativista, poeta e intelectual Audre Lorde também se destaca no tema por trazer questionamentos como mulher negra e lésbica. Ao pertencer em tantas comunidades, Lorde (2009) salientava, ao mesmo tempo, o estranhamento que gerava ao passar por cada um desses segmentos, uma vez que não havia um olhar que considerasse todas as experiências, apenas as fragmentasse.

⁸ Do original: *I argue that Black women are sometimes excluded from feminist theory and antiracist policy discourse because both are predicated on a discrete set of experiences that often does not accurately reflect the interaction of race and gender. These problems of exclusion cannot be solved simply by including Black women within an already established analytical structure. Because the intersectional experience is greater than the sum of racism and sexism, any analysis that does not take intersectionality into account cannot sufficiently address the particular manner in which Black women are subordinated.* Tradução nossa.

Como uma socialista feminista lésbica negra de 49 anos mãe de dois filhos, incluindo um menino, e membro de um casal inter-racial, geralmente me encontro parte de algum grupo definido como outro, desviante, inferior ou simplesmente errado. (Lorde, 2009, p. 114)⁹

A interseccionalidade traz uma proposta de uma visão não compartimentalizada em relação às consequências da estrutura conservadora. Como neste trabalho abordamos os discursos produzidos pelos sujeitos das pautas dos movimentos de gênero, sexualidade e racialidade, a abordagem aqui já se desenha como interseccional, por isso a necessidade em pontuá-la. Além disso, os discursos aqui analisados trabalham na demanda pela desconstrução do sujeito referente a todos esses âmbitos, o que exige um engajamento e uma consciência ampla do sujeito que se predispõe ao debate e também do sujeito que o recusa.

1.4.1 Raça, gênero e sexualidade

Uma vez pontuada a questão da interseccionalidade, sua concepção e como ela se dá, entendemos que é importante tratar de questões como raça, gênero e sexualidade mutuamente, uma vez que essas não são categorias que se dão de forma recortada no mundo. A relação de cada uma dessas questões umas com as outras é o que forma a complexidade de seus problemas na sociedade, ainda que muitas vezes essas relações tenham se dado pela ausência. Apontar e questionar essa ausência são ações necessárias para uma produção intelectual mais consistente e a única forma de resolver contradições que se estendem da perspectiva acadêmica para o social e vice-versa.

Os textos que surgem para tratar desses temas, por si só confrontam a lacuna histórica da perspectiva do outro na sociedade, uma vez que o outro é sempre definido pelo sistema de oposição a tudo que constitui o sujeito que institui a norma, nesse caso, o homem branco hétero. Porém, a interseccionalidade, por mais que participasse do contexto de muitos desses sujeitos outros que estavam no interior dos movimentos trabalhistas, pela abolição do sistema escravocrata etc., não chegou a

⁹ Do original: *As a forty-nine-year-old Black lesbian feminist socialist mother of two, including one boy, and a member of an interracial couple, I usually find myself a part of some group defined as other, deviant, inferior, or just plain wrong.* Tradução nossa.

entrar nos debates teóricos e nos textos que mais ganharam repercussão a cerca desses assuntos.

Temos uma tradição teórica que, por muito tempo, trabalhou as realidades dessas identidades de forma recortada, como se não houvesse um atravessamento de questões que as constituíssem. Dessa forma, se falamos de uma literatura feminista no final do século XIX e início do século XX, falamos de um conjunto de textos que tratam de gênero sem abordar necessariamente a questão racial, sexual e de classe que muitas vezes está atrelada à questão de gênero. Tal fato decorre, no entanto, não por não ter sido ainda pensada essa interseccionalidade, mas pelo privilégio das mulheres que não precisavam se pensar em mais de um contexto de opressão. Além disso, o acesso que elas tinham a mais espaços facilitava que elas também tivessem mais disponibilidade para serem ouvidas.

A perspectiva da mulher branca europeia e norte americana, das classes médias, foi a que mais ganhou espaço no meio acadêmico e norteou o nascimento de muitos movimentos feministas até então. Exemplo dessa afirmação é o do impacto da filósofa Beauvoir, com seu livro *O segundo sexo* (1970).

O livro, amplamente utilizado para tratar da mulher e do feminismo, possui de fato uma importância inestimável sobre o tema. Beauvoir explica por que as mulheres não conseguem partir de um ponto neutro e, portanto, para se colocarem no mundo sempre precisam se autodefinir enquanto mulheres.

A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois pólos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo *vir* o sentido geral da palavra *homo*. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. (Beauvoir, 1970, p. 9)

Ela expõe o androcentrismo como uma construção social, não como algo natural. Para fazer isso, remonta os discursos mais comuns da tradição ocidental e todos os recursos utilizados para retratar a imagem do homem como a regra.

"A fêmea é fêmea em virtude de certa *carência* de qualidades", diz Aristóteles. "Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural". E Sto. Tomás, depois dele, decreta que a mulher é um homem incompleto, um ser "ocasional". (Beauvoir, 1970, p. 9)

Ao fazer isso, Simone também põe em xeque o que é a mulher. Afinal, uma vez que as estruturas sociais foram constituídas para a compreensão do homem como o natural e a mulher como essa figura outra que não é completa em si mesma, o patriarcado institui os parâmetros para a definição de mulher e tudo que ela precisa para se constituir como tal.

Mas antes de mais nada: que é uma mulher? "Tota mulier in utero: é uma matriz", diz alguém. Entretanto, falando de certas mulheres, os concededores declaram: "Não são mulheres", embora tenham um útero como as outras. Todo mundo concorda em que há fêmeas na espécie humana; constituem, hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e contudo dizem-nos que a feminilidade "corre perigo"; e exortam-nos: "Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres". Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. (Beauvoir, 1970, p. 7)

Se a feminilidade já era questionada na tradição dos textos feministas antes de Beauvoir publicar *Segundo Sexo* (1970), seu livro deixou ainda mais evidente as armadilhas da artificialidade que constitui a identidade da mulher construída até então. Porém, por mais valioso que seja esse debate, é certo apontar como ele não contempla as vivências e as questões de uma mulher negra, por exemplo. Em seu livro, Beauvoir faz alusão às questões raciais, mas falha em traçar uma relação entre gênero e racialidade. Por sua vez, ela não aborda sobre como a feminilidade não é uma imposição homogênea, não afeta as mulheres da mesma forma e, por questões de contexto social e político, ela não representa, para todas, a pior prisão quando falamos em opressão de gênero. Por mais que seja possível visualizar certos padrões, identificar certas estratégias comuns, não é possível dizer que as mulheres são oprimidas nos espaços patriarcais da mesma forma.

Contudo, o estranhamento com essa perspectiva sectarizada, como sempre existiu, não demora para ganhar espaço e escancarar essas contradições que formaram a visão tradicional do feminismo. Uma das obras que traz uma proposta interseccional desde o título é o livro *Mulheres, raça e classe* (2016) da filósofa e militante norte americana, Angela Davis.

A obra inicia evidenciando o grande vácuo teórico que existe acerca da mulher negra e traz algumas poucas tentativas que até então existiam apenas entre

historiadores e sociólogos. Entre as tentativas mencionadas, nenhuma se ocupava exclusivamente da mulher, mas, ao falar da família negra escravizada nos Estados Unidos, era necessário olhar para essa figura e compreender seu papel dentro dessa estrutura. Ainda assim, entre essas análises, o que se podia constatar era um retrato cheio de distorções pelos dilemas morais sobre a configuração dos papéis dos gêneros.

As conclusões dos autores giravam em torno da noção de que as famílias negras norte americanas eram matriarcais, sendo por isso a mulher a figura de maior poder e destaque na organização familiar. A isso, os sociólogos e historiadores da época creditavam os problemas sociais sofridos pela população negra, ignorando a falta de políticas públicas e políticas de reparação como principais responsáveis pelas grandes desigualdades:

O notório estudo Negro Family [Família negra], feito pelo governo em 1965 – e popularizado com o título Moynihan Report [Relatório Moynihan] –, relacionava diretamente os problemas sociais e econômicos da comunidade negra da época à suposta estrutura familiar matriarcal. (Davis, 2016, p. 31.)

Davis não só prova que a tese do matriarcado estava equivocada, trazendo exemplos diversos das configurações familiares no período da escravatura, como também traz mais luz ao assunto que, não por acaso, foi negligenciado pela história.

De fato, no período da escravidão, a mulher negra não foi incentivada a exercer a feminilidade: “O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero.” (Davis, 2016, p. 25). Seu papel girava em torno de sua força de trabalho braçal e, por isso, ela era colocada em igualdade ao homem negro. Esse, por sua vez, também não era incentivado a se reconhecer dentro dos mesmos preceitos da masculinidade, visto que essa concede a noção de autoridade ao indivíduo e isso não seria benéfico a uma estrutura que via esse homem, antes de tudo, como uma propriedade.

A mulher negra executava os mesmos trabalhos que o homem negro, porém, além de correr os riscos dos castigos que eram comuns a ambos, ela ainda sofria com a violência sexual do homem branco.

(...) as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (Davis, 2016, p. 25)

Somado a isso, ao engravidarem, as mulheres não tinham suas cargas de trabalho diminuídas, fazendo com que elas tivessem que aguentar as absurdas horas de serviço junto com as dores e o peso da gravidez, muitas vezes com seus bebês recém-nascidos nas costas, ou deitados no chão na plantação de algodão

(...) aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram “reprodutoras” – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar. (Davis, 2016, p. 26)

Tudo isso deixa explícito o quanto esse tipo de igualdade não garantia justiça para as mulheres negras e, na verdade, só reservava uma face ainda mais cruel da escravidão para elas. Portanto, é nesse cenário de extrema brutalidade que constituir uma família significava resistência. Mesmo sob constantes ameaças, as mulheres negras se organizavam para manter, o máximo possível, a noção de normalidade em seus núcleos familiares.

Aqui fica óbvio que não são as tarefas normalmente consideradas femininas que oprimem a mulher negra, assim como também não são as normas de comportamento, visto que elas são incentivadas a agirem como homens e a suportar a mesma carga de trabalho. O patriarcado não utiliza as mesmas estratégias de dominação, porém não deixa de exercer sua opressão à mulher negra, o que nos lança um alerta sobre o caráter múltiplo dessa instituição.

O patriarcado não se sustenta sobre um argumento, sua durabilidade está em conseguir articular-se e moldar-se em diferentes realidades, forjando justificativas diversas para continuar triunfando e, neste caso, não há como pensar patriarcado sem racismo. As duas instituições aliaram-se e produziram modos específicos de dominação. Com a mulher branca, a moral religiosa cristã teve uma função particularmente essencial para a construção do seu papel na sociedade, porém essa

mesma moral não via benefícios econômicos em colocar a mulher negra num lugar casto e de fragilidade.

Aqui no Brasil, Gonzalez desmistifica a noção por muito tempo defendida de que o racismo não era uma coisa brasileira, de que sua existência se dava apenas nos Estados Unidos, onde era possível se ver, pelas produções midiáticas, uma separação das culturas negra e branca. Ela resume um pouco de como esse pensamento é manifestado no Brasil:

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto. (Gonzalez, 1984, p. 226)

No Brasil, ao invés da separação categórica entre negros e brancos, através de leis que proibiam relacionamentos interracializados como nos EUA, as políticas racistas tiveram outra abordagem. Elas se desenvolveram através da política de embranquecimento da população, que consistia em incentivar a mestiçagem. Apesar do propósito continuar sendo racista, essa política ajudou a criar o mito da democracia racial. Afinal, se negros e brancos constituem famílias e se amam, como então pode haver racismo? O pensamento da população é muito bem resumido no trecho acima citado de Lélia Gonzalez, pois mostra como o racismo adquiriu uma face sutil, mas que nunca foi menos violenta.

Ao falar da situação da mulher negra no Brasil, Lélia Gonzalez aborda um pouco do carnaval da cultura brasileira, festa de grande importância que possui forte presença da cultura negra. Nesse período do ano, as mulheres negras ganham destaque na figura da 'mulata' que desfila com as escolas de samba

O mito que se trata de reencenar aqui, é o da democracia racial. E é justamente no momento do rito carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força simbólica. E é nesse instante que a mulher negra transforma-se única e exclusivamente na rainha, na "mulata deusa do meu samba", "que passa com graça/fazendo pirraça/fingindo inocente/tirando o sossego da gente". É nos desfiles das escolas de primeiro grupo que a vemos em sua máxima exaltação. Ali, ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la (Gonzalez, 1984, p. 228).

Gonzalez (1984) aponta, entretanto, que a figura da mulata está em dualidade com a figura da empregada doméstica e que ambas as imagens se referem ao mesmo sujeito, pois

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas (Gonzalez, 1984, p. 228).

Tudo isso não poderia ser explicado se não entendêssemos o racismo como algo tão estrutural quanto o patriarcado. E por estrutural diz-se “(...) que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade” (Almeida, 2018, p. 15). Na obra citada, *Racismo Estrutural* (2018), Silvio Almeida aponta como o conceito de raça, ainda que seja alarmado como algo superado pela biologia, estruturou nossa organização social, de modo que nossas instituições foram criadas em cima da distorção que é a noção de raça, e essas instituições não foram abolidas e nem suficientemente reformadas para que a gente deixe de falar em diferenças raciais. Silvio Almeida explica como o racismo ganhou espaço a partir das grandes navegações, não só na perspectiva de expansão territorial, mas como filosoficamente foi construído para sustentar um projeto econômico de exploração (Almeida, 2018, p. 19).

O projeto de civilização fez compreender que qualquer coisa que não estivesse nesse modelo, não era complexo ou organizado. A via para a compreensão de tudo que escapasse desse eixo era, portanto, ou a bestialização completa ou a docilização dessas pessoas. Não é difícil perceber como esses estereótipos permeiam nossa cultura e está presente em diversos personagens icônicos que perpetuam uma perspectiva nascida na colonização, daí então sua sustentação cultural.

Articulada à questão racial, a colonização ainda foi responsável pelo modelo de relacionamento, constituição familiar e sexualidade imposto, explicando, assim, como se formou a mentalidade LGBTfóbica nas colônias da América. O resgate ao passado das comunidades indígenas e africanas e sua convivência com a homossexualidade,

bissexualidade, transexualidade e não-monogamia põe em xeque a noção de que tais vivências são uma “transgressão” moderna. Na verdade, o modelo monogâmico e heterossexual permitido pela igreja católica, ao ser imposto a partir de um conjunto de políticas violentas, é o modelo a ser visto como artificial e novo. O pesquisador Estevão Fernandes destaca que: “Autores jesuítas e cronistas fazem diversas menções a práticas homossexuais como algo comum entre os indígenas da costa brasileira com quem mantinham contato.” (Fernandes, 2014, p. 159). Afinal, para se compreender a homossexualidade como um desvio, é necessário ter uma norma, a qual nas sociedades cristãs europeias: “(...) toma o aparato biológico reprodutivo binário como parâmetro: nesta perspectiva devemos ser, nas relações sociais, um reflexo da genitália que portamos e do papel que ocupamos na reprodução de nossa espécie.” (Fernandes, 2014, p. 160). Assim, é colocada a complexidade de se pensar e categorizar as sexualidades “(...) para povos nos quais, muitas vezes, noções de corporalidade e sexualidade não existem como esferas separadas entre si e nos quais o “corpo” não existe como entidade biológica.” (Fernandes, 2014, p. 160). Portanto, a criminalização de práticas homossexuais, bem como outras vivências no âmbito da sexualidade, não só impõe a heterossexualidade como o padrão a ser seguido, como também, novamente, impõe-se na cosmovisão dos povos originários, dando prosseguimento às camadas mais profundas da colonização.

Além das questões relativas à sexualidade, a questão da identidade de gênero também se encontra constantemente atacada, indicando-se como uma categoria importante de análise. Butler (2003) em seu livro *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*, propõe uma crítica às teorias feministas, principalmente aquela consagrada por Beauvoir a respeito da separação entre sexo e gênero e gênero como um construto social. Sobre isso ela afirma:

Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma (Butler, 2003, p. 25).

Butler propõe um movimento de desconstrução em torno do par sexo/gênero, e inaugura a teoria *Queer*, dando legitimidade a uma série de identidades de gênero

marginalizadas pela história e até então pelas teorias feministas. É neste sentido, então, que adotamos aqui o termo LGBTQ+, para nos referirmos às inúmeras identidades relativas às sexualidades e às identidades de gênero.

Os parâmetros de raça, gênero e sexualidade formaram da colonização, construíram, atravessaram de sentidos e símbolos, a organização social da qual fazemos parte. São esses parâmetros que definem quem terá menos ou mais acesso, mais possibilidades de ascensão e mobilidade social, definindo dessa forma, primordialmente, quem terá direito à vida. É nessa perspectiva que inúmeros movimentos, portanto, mobilizam a demanda da desconstrução, com base na compreensão de que esses alicerces sustentam a desigualdade social, juntamente com a manutenção dos meios de produção.

1.4.2 A desconstrução

Ao tentarmos compreender como a noção de desconstrução vem se desdobrando no uso das redes sociais e constituindo um discurso, à luz da teoria do Ciclo de Bakhtin, é importante considerar não apenas o que de mais imediato dialoga com o termo, mas também o que o constitui historicamente para entendermos quais sentidos podem atravessá-lo. Assim, se falamos de desconstrução, o termo pós-estruturalismo e o nome de Derrida rapidamente podem contextualizar grande parte dos debates que a envolvem.

A desconstrução, como uma proposição filosófica, passa a ter grande importância e a constituir um ponto de tensão quando Jean Jaques Derrida publica sua obra *Gramatologia*, em 1969. O conceito é criado para contrastar com o sistema de oposições criado pela filosofia ocidental, especialmente o estruturalismo.

Assim, sob a égide da Desconstrução, coadunam-se questões filosóficas, literárias, políticas e intelectuais que proporcionaram um abalo no pensamento metafísico ocidental, já que este se apoiava, muitas vezes, nas relações binárias para estabelecer uma hierarquia ou supremacia de um termo sobre o outro (Junior, 2010, p. 10).

Derrida questiona todo binarismo proposto para a compreensão do mundo, pois, como dito, na oposição não existe uma paridade, e sim uma hierarquia entre os termos. Ao questionar as hierarquias, então, o filósofo propunha uma inversão interna e que eventualmente colocaria em xeque o próprio par em si. Por isso,

a Desconstrução se apresentará como um trabalho no interior dos discursos sustentadores do pensamento metafísico ocidental, já que esta seria, então, a melhor forma de abordá-los, desestabilizá-los e, por conseguinte, ampliar seus limites ou limiares (Junior, 2010, p. 11).

Se observamos, por exemplo, a questão da desconstrução da masculinidade, estamos, primeiramente, dizendo que a masculinidade é um sistema que se opõe à feminilidade, e é diante dela que se define como tal. Além disso, compreendemos a hierarquia que opera o par, e que no caso, a masculinidade se propõe como superior à feminilidade. Desconstruir a masculinidade, não significa destruir o seu conceito, mas fazer esse movimento interno de questionamentos, pensando que se ela se define a partir do que não é a feminilidade, a feminilidade tem papel crucial para a masculinidade, e assim se retira a centralidade do masculino.

Importante ressaltar o quanto a desconstrução está longe de significar destruição, posto que uma vez familiarizados com o sistema de pares, não conseguimos nos distanciar suficientemente desse sistema, ou elaborar questões e significados fora dele. A desconstrução está em reconhecer que não é possível negar o par, mas que é possível fazer esse jogo, esse questionamento, de modo a não corroborar com as hierarquias por ele imposto. É isso que afirma Derrida quando diz que o estruturalismo não destituiu a metafísica ocidental:

não dispomos de nenhuma linguagem — de nenhuma sintaxe e de nenhum léxico — que seja estranho a essa história; não podemos enunciar nenhuma proposição destruidora que não se tenha já visto obrigada a escorregar para a forma, para a lógica e para as postulações implícitas daquilo mesmo que gostaria de contestar (Derrida, 1995, p. 233).

Quando trazemos a reflexão da desconstrução para o contexto desta pesquisa, é possível dizer que esse conceito atravessa a maneira como a desconstrução vem sendo enunciada hoje, mas não é unicamente definida por ele. Graças a rápida circulação dos conteúdos, os sentidos são absorvidos e compartilhados de formas diversas, sendo possível compreender uma proposta bem mais simples da desconstrução. Essa forma mais simples, vai desde a desconstrução como uma maneira de se reinventar, até como a adoção de uma postura menos padrão em relação aos ditames sociais. Ainda assim é possível observar também seu sentido

acadêmico sendo colocado nos debates, seja de forma consciente, seja tendo seus sentidos emergindo em um dialogismo histórico nos enunciados.

A desconstrução que será analisada aqui é a que geralmente coincide com uma mudança de perspectiva do que estrutura a vida ou os modos de vida dos sujeitos. Assim, ao se falar em se desconstruir, emerge o sentido de que as coisas não são naturais ou imanentes. Essa perspectiva por si só já movimentava uma crítica a muito do que ainda constitui o senso comum da sociedade, em que o bom e o ruim, o apto e o incapaz, são geralmente atribuídas às características imanentes, que viriam de berço. Assim, a proposta da desconstrução, ainda que tomada no seu modo mais simples, já exige a compreensão de que as coisas são construídas, portanto, existe uma estrutura social que determina, por diversas razões, o que consideramos certo, errado, feio ou bonito. E, ainda, a maneira como nos relacionamos, nossos modos de trabalho, de produção, e toda a nossa experiência de vida.

Dessa forma, fazer o movimento da desconstrução, como vemos emergir nos enunciados seja de movimentos sociais, seja de atores sociais, significa também entender como as coisas são construídas. Portanto, para desconstruir a noção de que o branco é automaticamente bonito, é necessária a compreensão de que fomos colonizados a partir de uma cultura europeia, em que seus padrões de vida foram impostos, e de que um projeto racista de país foi construído por conta de um projeto de dominação cultural e econômico das populações brancas. Para todos os demais padrões que surgem como pauta da desconstrução, é necessária uma compreensão de como eles foram instituídos como padrões.

Essa consciência que a pauta da desconstrução tenta mobilizar, é muito importante no sentido de tentar desautomatizar o olhar dos sujeitos e desse modo é que conseguimos observar alguns dos sentidos filosóficos que atravessam a desconstrução que se encontra como pauta nas redes sociais da internet. Entretanto, a sua proposta de consciência das construções sociais, dentro do debate que é permitido nas redes sociais, nem sempre consegue atingir a complexidade que algo dessa alçada necessita. Assim é que vemos outros tipos de desconstrução surgindo e sendo colocadas nas mídias.

No que se refere ao que conseguimos captar do sentido filosófico na desconstrução que circula nas redes sociais, há muita crítica que se dirige de algumas partes da esquerda para essa pauta. A primeira é de que por estar aliada a uma perspectiva pós-estruturalista, ela estaria automaticamente aliada a uma perspectiva

neoliberal, principalmente por geralmente se aliar às pautas tidas como identitárias, por colocar em questionamento o racismo, machismo e a LGBTQfobia. A outra questão é que a desconstrução é um movimento muito incentivado a nível individual, uma postura com a qual o sujeito precisa se comprometer para entender a construção das estruturas e desconstruí-las, primeiro internamente como veremos mais adiante nos enunciados.

Se o movimento pode ser feito no nível do indivíduo apenas, então qual alcance ele teria numa perspectiva estrutural? A possibilidade das estruturas se desconstruírem, ou de haver possibilidade de uma desconstrução a nível institucional, colocam dúvidas na legitimidade da pauta por determinados segmentos da esquerda.

A acusação da desconstrução como um processo neoliberal, deve-se à noção de fluidez existente no neoliberalismo, ou à fluidez instalada na chamada modernidade líquida, como afirma Bauman (1925). A modernidade líquida seria, então, esse processo de liquefação das estruturas e de qualquer forma sólida que se propusesse um obstáculo para fluidez do mercado. De acordo com as críticas geralmente apontadas para a noção da desconstrução, desconstruir não forma uma ameaça ao capital, visto que o capital é ele mesmo plástico a ponto de esticar-se e moldar-se com facilidade para englobar os novos formatos que nele surge, ainda que esse processo de desconstrução, esse jogo proposto por seu sentido atual, surja em oposição, ou como sintoma da opressão que ele exerce enquanto estrutura.

A contradição é vívida e produz diversos sintomas que atravessam o interesse dessa pesquisa, são elas que vão delinear algumas atitudes, comportamentos, bem como também uma reação em massa da indústria cultural que agora vai se preocupar em produzir “representações desconstruídas”. A questão que se coloca é a de que com a incorporação do jogo da desconstrução na estrutura, não se sabe se é possível ainda dizer se a desconstrução mantém o seu papel, ou se transformou-se em outro processo de manutenção de poderes no e para o capitalismo.

CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Análise dialógica do discurso

A desconstrução é um enunciado que vem aparecendo com cada vez mais consistência, tornando-se parte de uma concepção cada vez mais difundida entre a população brasileira e, por isso, também assumindo diversos sentidos que promovem diferentes compreensões em diferentes meios. A análise dialógica do discurso, por sua vez, nos permite abordar o tema de maneira bem sensível a todas as suas especificidades, de forma ainda a compreender não apenas a sua natureza linguística, mas justamente a sua natureza enunciativa, e, portanto, política e histórica. A abordagem materialista que o Círculo de Bakhtin assume, permite a análise não apenas do termo e do seu uso, mas das situações enunciativas que o antecederam, assim como das situações que o sucedem.

Conseguimos também compreender a especificidade do enunciado, não apenas por seu conteúdo e o que ele sugere, mas por onde ele é veiculado, já que não se é possível fazer análise dialógica do discurso sem que se considere o gênero discursivo no qual ele se dá. Além disso, no âmbito específico dessa pesquisa, não é possível ignorar essa face, já que as redes sociais não só carregam os enunciados, não só definem a forma, a linguagem, mas possuem também um papel de extrema importância nas transformações mais atuais da política nacional e internacional e com as quais o termo da desconstrução se relaciona.

A face dialógica da teoria também é decisiva para uma análise em um espaço cujo fluxo de informações não segue uma ordem aleatória, mas é definido pelos objetivos políticos e econômicos que orientam a formação de nichos nas redes sociais, que define o funcionamento dos algoritmos e que, por sua vez, formata o próprio espaço, o design, o seu propósito, e assim por diante. Assim, podemos compreender que não apenas as questões políticas mais imediatas definem o termo, por conta do que seu conteúdo objetivamente articula, mas temos um diálogo mais profundo de todo esse entorno enunciativo o qual forma a sua complexidade e atravessa os enunciados que analisaremos no trabalho.

2.1.1. Especificidade do Objeto de Pesquisa

Ao nos propor a análise de um enunciado, inicialmente faz-se necessária a delimitação da perspectiva que moldará a abordagem, e, por isso, o ponto do qual iniciaremos, e o que será possível neste movimento de pesquisa. A noção que o Círculo de Bakhtin instaura sobre o enunciado é importante por considerar não apenas o excerto linguístico; antes, o enunciado ganha o seu status quando compreendido num contexto extralinguístico. Ele é, pois ele funciona dentro de um veículo, ou gênero, com determinados objetivos definidos pelo contexto da interação e pela interrelação estabelecida entre os sujeitos envolvidos em sua produção, em seu processo enunciativo. Assim, é possível fazer a análise dos seus sentidos, considerando que

Os sentidos, por sua vez, não nascem a esmo, mas de relações estabelecidas ideologicamente entre seres sociais, numa situação de interação verbal, portanto, seu entendimento deve passar pelo entendimento prévio das relações estabelecidas entre os sujeitos, das instâncias sociais em que esses sujeitos se enunciam e dos contextos sociais, imediato e mediato (Mendonça, 2014, p. 29)

Dessa forma, não é possível dizer que teremos, sempre que falarmos em desconstrução, um mesmo enunciado. O enunciado da desconstrução do qual temos interesse na pesquisa, é, especificamente, a noção de desconstrução preconizada pelos sujeitos de movimentos sociais nas páginas das redes sociais, ou ainda, os enunciados que de alguma forma dialoguem com essa noção, dentro das condições ditadas pelo debate da internet. São essas condições que formam o enunciado interesse da nossa pesquisa, pois formam os sentidos que procuramos para análise e para os objetivos aqui colocados. Afinal, para Bakhtin, “O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma” (Bakhtin, 1997, p. 293). Ou seja, o discurso não é apreendido se antes não entendido dentro dos enunciados que o veiculam.

A inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação dos gêneros secundários do outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado (e, acima de tudo, o difícil problema da correlação entre língua, ideologias e visões do mundo). (Bakhtin, 1997, p. 282)

O enunciado é a materialidade do discurso, e, logo, deve ser compreendida dentro das especificidades que o definem socialmente. Falar sobre os memes, os tweets, as redes sociais e os algoritmos, consiste em desenhar as especificidades que definem o enunciado da desconstrução que analisamos aqui, compreendendo que é sob este contexto que os sujeitos interagem, e que este mesmo contexto determina e certas normas de comportamento, certos formatos da linguagem, certas permissões e proibições. O hibridismo dos gêneros do discurso na internet também contribui para a complexidade do dialogismo que se dará e formará o enunciado, assim como a atualização dos formatos de compartilhamento de conteúdo permitido pelas redes sociais, que mudam conforme os objetivos de mercado e que, conseqüentemente, também influenciam na polifonia que constitui os enunciados de análise.

Colocar isso sob perspectiva, além de delimitar a metodologia, ajuda a compreensão do todo que influencia na constituição dos discursos que estão em disputa na sociedade, pois estas condições não só contextualizam o corpus da pesquisa, como o próprio campo em que esses sentidos se formam, e que vem definindo a história e a política já há algum tempo.

Não é objetivo do trabalho compreender como os discursos oficiais das figuras da política institucional passaram da comitiva de imprensa para o Twitter. Nem como essa mudança de espaço implica no comportamento dos usuários da internet para com a noção de política e das figuras políticas, ou mesmo o resultado disso em eventos pontuais, como as eleições brasileiras e americanas. Ainda assim, ao perpassar pelo espaço em que essas mudanças estão acontecendo, ao analisar a interação dos usuários sob temas que são resultados de movimentações políticas, dentro desse espaço da internet e com todas as características aqui já mencionadas da sua peculiaridade, é possível tangenciar a magnitude dessas questões para o nosso atual contexto.

2.1.2 Compreensão responsiva - Apreensão como resposta

Segundo o postulado do Círculo de Bakhtin, o locutor não executa a linguagem para um ouvinte passivo que receberá a mensagem. Contrariando o modelo clássico da perspectiva comunicativa, ao falar de interação, Bakhtin afirma o lugar e o diferencial de sua filosofia, pois locutor e interlocutor são ativos no processo da comunicação.

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. (Bakhtin, 1997, p. 291)

Logo, uma vez que o enunciado está em diálogo com o ouvinte, para este já existe outro enunciado sendo preparado, formulado, ainda que não seja verbal. Dizemos, pois, que todo o enunciado já está em diálogo histórico e social, às vezes com um contexto imediato, as vezes com um contexto mais distante, mas que nem por isso deixou de constituí-lo. Lidar com um enunciado, é, portanto, lidar com esse todo que constitui a linguagem, sem olhar suas partes de forma isoladas num processo mecânico, mas essencialmente dialógico.

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores — emanantes dele mesmo ou do outro — aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. (Bakhtin, 1997, p. 291)

A demanda da desconstrução como um discurso dentro das suas especificidades, já é uma resposta. Ao assim compreendermos, nosso olhar da pesquisa tenta reconstituir os caminhos do que a levou ser elaborada dessa forma e quais são as outras respostas que surgem a partir de como ela vem sendo empregada.

As evidências para essa reconstrução surgem do texto (enunciado), de tudo que se articula dentro e no entorno dele. Para isso, consideramos importante não delimitar o escopo de análise em apenas determinadas páginas, dentro de determinadas redes sociais, uma vez que a desconstrução ganha sentidos e usos ainda mais diversos fora das páginas que, de maneira consciente, pautam esse assunto.

Creemos que dessa forma otimizamos a observação sobre as mudanças que o termo vem operando na sociedade, sobre como ele vem constituindo um discurso e

sobre como esse discurso embasa determinados comportamentos e políticas. É ainda assim que se torna possível também a localização dos contrastes entre o que é preconizado pelo enunciado da desconstrução nos meios da militância e a percepção da sociedade sobre ele. Afinal, os diálogos que se constituem a partir de um termo não necessariamente formam redes convergentes de sentido.

Se a compreensão responsiva existe de todos os lados da interação, é preciso compreender que essas respostas dialogam com diferentes lugares sociais e podem produzir respostas contraditórias, às vezes até mesmo de forma a endossar o problema o qual se queria resolver.

A outra delimitação que é feita parte do próprio caráter dialógico das redes sociais. Como vimos até aqui, as redes sociais não são um campo neutro, pois a tecnologia não é construída de forma neutra. Os algoritmos determinam quais informações chegam com mais frequência e para quem, logo, os materiais aqui selecionados já fazem parte de uma seleção da própria organização das redes e que dialogam com meu perfil da internet.

2.1.3 O papel do pesquisador

No pressuposto teórico do Círculo de Bakhtin, o papel do pesquisador tem sua importância definida não apenas pelo ato da pesquisa, mas pela maneira específica com que se relaciona com o objeto de análise. Não se trata aqui apenas de fazer uma seleção do material conforme os objetivos elencados e observar o que os dados oferecem de respostas.

Ao conceber a pesquisa no âmbito das ciências humanas como inerentemente dialógica, em função dos textos/discursos serem meio de acesso ao conhecimento das subjetividades que os engendram, Bakhtin e seus pares atribuem ao pesquisador, na função de interlocutor, a responsabilidade de atuar ativamente na compreensão do objeto de pesquisa, tomado não como materialidade acabada, mas como discursos que refratam pensamentos, sentimentos, valores, culturas, ideologias (Mendonça, 2014, p. 66).

Ou seja, se estamos falando de uma perspectiva dialógica, logo é necessário pôr em evidência que o pesquisador terá um papel nas respostas, pois seu olhar dialogará com os dados. Neste caso, a própria seleção dos dados dialoga ainda mais com o sujeito pesquisador, uma vez que escolhemos não apagar a seleção de

conteúdo das próprias redes sociais, mas sim incluí-la no método da pesquisa. Dessa forma abstemo-nos da ideia de neutralidade ou passividade, pois

Como qualquer sujeito inserido numa interação comunicativa, o pesquisador, ao se predispor a analisar determinado texto, deve abrir-se para uma compreensão ativa responsiva, pois, para Bakhtin, só alcançamos a compreensão à medida que respondemos, posicionando-nos ao dito com que nos deparamos (Mendonça, 2014, p. 66).

É importante ainda compreender que o pesquisador atua sob condições privilegiadas e que essas condições também dialogam com os dados. O posicionamento do pesquisador, como aquele que está de fora, confere um olhar de uma perspectiva mais ampla. Deste modo, ainda que em posição privilegiada, ele acaba por compor sua pesquisa, à medida em que seu resultado manifesta sua resposta aos enunciados arrolados nela. Para isso é que falamos do conceito de exotopia de Bakhtin:

Exotopia equivale, assim, a desdobramento de olhares, consiste no excedente de visão que, no âmbito da pesquisa, o pesquisador consegue alcançar, em função da sua posição privilegiada que lhe possibilita um “olhar de fora”, não acessível àquele que está sendo observado (Mendonça, 2014, p. 69).

É também pelo conceito de exotopia que se compreende o processo de acabamento da obra pela perspectiva de Bakhtin. Ao estar nessa posição de fora, o pesquisador consegue conferir a noção de fim, ainda que o assunto não esteja por si só esgotado. Este acabamento, portanto, não significa o fim das possibilidades de abordar o assunto, mas sim a conclusão – resposta da pesquisa dada pelo pesquisador.

O conceito de exotopia foi formulado por Bakhtin para tratar do lugar de tensão que encerra a obra de arte, em função da alternância de olhares, posições e valores entre aquele que representa o que vê do que o outro vê e aquele cuja visão é representada na obra (Mendonça, 2014, p. 68).

Dessa forma, a partir dos objetivos norteadores do processo da pesquisa, conseguimos delimitar um espaço, um limite, tanto do material de análise, quanto da perspectiva que será dada a esse assunto que é extenso e que possui inúmeras

possibilidades de diálogos. Neste trabalho, nossos objetivos frente aos enunciados que destacaremos, consistem, principalmente, em compreender alguns desdobramentos que o termo da desconstrução teve no âmbito discursivo dentro das redes sociais. É neste âmbito que assinamos este trabalho e, por isso, assumimos a responsabilidade, e, portanto, a perspectiva adotada no escopo deste trabalho em relação a esse tópico. Afinal, a postura do pesquisador dentro das linhas delineadas pelo Círculo de Bakhtin, deve ser, sobretudo, ética.

Para Bakhtin e seu Círculo, só há ética na dimensão do evento, uma vez que é no acontecimento que o sujeito assume sua posição singular e se defronta com outras posições singulares assumidas por outros sujeitos igualmente singulares. Portanto, é no âmbito da ação que o pesquisador deve incorporar a teoria e o pensamento de forma responsável, para proceder com seu trabalho de análise; ou seja, a análise que compreende o fazer – pesquisa não se situa no âmbito de uma epistemologia desvinculada da vida, ao contrário, situa-se no âmbito desta, ao mesmo tempo em que lança mão daquela (Mendonça, 2014, p. 70).

2.2 Contextualização da pesquisa

Os enunciados sobre a desconstrução do sujeito, da maneira como definimos neste trabalho, começam a aparecer mais fortemente nas redes sociais a partir das manifestações de 2013. É a partir deste ano, e nos anos seguintes, que temos uma intensificação do debate, conforme o período histórico se desenrola e traz evidências de uma reação à demanda da desconstrução.

Em cada ano, é possível observar como os enunciados e o discurso que vai se formando a respeito da desconstrução, dialogam com os acontecimentos mais recentes daquele período. Muitas vezes são os mesmos enunciados, porém atualizados para abarcarem as especificidades dos momentos testemunhados. Dessa forma, evidenciam-se as características aqui trabalhadas dos gêneros discursivos memes e tweets, os quais podem circular mais de uma vez em contextos diferentes, porque ainda se fazem relevantes, ou podem diluir-se em enunciados parecidos evidenciando as suas características dialógicas.

O trabalho aqui presente não se iniciou no período de pandemia, porém foi interpelado por ele no meio do caminho. O contexto recente trouxe o discurso da desconstrução com algumas especificidades, nele podíamos ver emergir a

historicidade que o compunha, o dialogismo com outros períodos recentes, mas com as emergências, o choque, e a exaustão de estarmos testemunhando um momento de virada da história.

Por esse motivo, os enunciados escolhidos para análise terão o recorte temporal dos anos de 2020 e 2021, mas para título de exemplificação traremos alguns materiais que estarão fora desse corte temporal, apenas para evidenciar o dialogismo do termo, como ele se transformou ou se manteve, quais negociações são possíveis de se notar com as significações que ele traz. Essa temporalidade traz, então, ao mesmo tempo as possibilidades de entender como as pessoas estão lidando com a noção da desconstrução num período de inversão de poder entre natureza e humanidade, além de trazer localizações do contexto político brasileiro que nos colocou num lugar de ainda mais vulnerabilidade no cenário pandêmico.

Os gêneros discursivos escolhidos para compor o material de análise, memes e tweets, são dois gêneros que muitas vezes podem se entrelaçar, sendo um se transformando no outro, como no caso dos tweets que ganham o status de meme por possuir as características como fidelidade, fecundidade e a longevidade. Existem vários outros gêneros discursivos que se demonstram bem presentes na circulação do termo da desconstrução, como os textões, mas aqui, a rapidez da informação que se pode atrelar a esses dois gêneros é o que promove a maior circulação do termo.

Os memes e tweets, por serem gêneros que delimitam o tamanho dos caracteres e necessitam, muitas vezes como no caso dos memes, de uma linguagem lúdica para formação dos sentidos, possui uma maior possibilidade de circulação, chegando a mais espaços e gerando mais compreensões responsivas. Por conta da limitação do tamanho desses gêneros, eles possuem mais sínteses a respeito do sujeito desconstruído e do sujeito em desconstrução, e são essas sínteses e essa rapidez de circulação que mais define como se dão as relações sociais na internet e as relações com as informações nela gerada.

Uma vez que a metodologia Bakhtiniana define bem o local do pesquisador e da sua importância no desenvolvimento da pesquisa, bem como inaugura o viés dialógico, não há como isso não emergir na seleção do material, até porque é o meu contexto como pesquisadora que me atraiu para o tema que aqui desenvolvo. Os enunciados da análise são os enunciados que aparecem para o meu perfil nas redes sociais, ou seja, para uma pessoa que já tem participação na camada de debate de

páginas de movimentos sociais e páginas diversas que tratam sobre os temas do feminismo, movimento negro, LGBTQ, e ainda, anarquismo e socialismo.

Portanto, é possível evidenciar as relações estabelecidas pelo algoritmo e como ele funciona para alguém que se mantém engajado em questões políticas pela perspectiva da esquerda e de participação em movimentos sociais. Por isso, os enunciados tanto podem estar em páginas que eu ativamente sigo, como podem aparecer pela seleção dos algoritmos nas sessões de explorar.

Outro aspecto importante de pontuar, é o meu uso específico das redes sociais que se concentra atualmente no Instagram. Nele é possível encontrar uma convergência de enunciados que saem de outras redes sociais como Facebook, Twitter e TikTok. A diferença, porém, é que como o Instagram foi inicialmente planejado para ser uma plataforma, sobretudo, de compartilhamento de imagens, as interações que ele incentiva provém antes de tudo da observação. Ao contrário do Twitter que se estabeleceu como um microblog e que dá mais destaque para a formação de textos, o Instagram não possui um espaço próprio para a produção de textos que não estejam vinculados a uma imagem. Isso pode produzir uma diferença no comportamento das pessoas na rede social, e na sua interação com os enunciados.

Assim, o recorte que teremos será também de como funcionam as redes sociais para as subjetividades que se constroem nelas, entendendo que isso faz parte da formação do discurso da desconstrução, pois nem todos terão acesso aos mesmos enunciados sobre ela, o que também constitui a compreensão responsiva sobre ela.

CAPÍTULO III – DESCONSTRUÇÃO EM DISCURSO

Figura 1: Chico Desconstruído



Fonte: Meme Creator (s.d.)¹⁰

xxxxA maneira como a desconstrução vem sendo veiculada nos enunciados das redes sociais é a especificidade de interesse que constitui este trabalho. Dentro dos gêneros discursivos que se dão nas plataformas digitais, e na permissão concedida por seus formatos e objetivos econômicos, materializam-se diversos discursos que ganham características e maneiras únicas de interação entre os usuários. A Figura 1 é um meme produzido pelo site *meme creator*, ou criador de memes. O site funciona a partir da disponibilização de imagens diversas, geralmente já associadas a algum meme, que podem ser livremente utilizadas para a modificação com textos, fazendo assim com que se crie outros memes a partir delas. O dialogismo que surge com o contexto da imagem e com o meme original é o que vai intensificar seus sentidos e definir sua eficácia enquanto enunciado.

O site exemplifica bem a acessibilidade da criação de conteúdo para a internet que transforma a atividade em uma espécie de jogo, incentivando o maior engajamento dos usuários e produzindo fonte inesgotável de conteúdo para as

¹⁰ Disponível em: <https://www.memecreator.org/meme/construo-desconstruo/>. Acesso em: 01 mar. 2022.

plataformas das redes sociais. Além disso, mostra que o processo rápido, fácil e acessível de produção, agiliza também a circulação de sentidos, muitas vezes podendo fazê-los destoar da origem de suas questões.

Por mais que o termo da desconstrução não tenha surgido no Facebook ou Instagram, assim como tantos outros que permeiam as redes sociais, é esse contexto das redes sociais que proporcionou determinados alcances e ganhos de significados a partir dos dialogismos possíveis entre o capitalismo desenvolvido nas plataformas, gêneros discursivos, movimentos sociais, militância e redes sociais. Sendo assim, o dialogismo entre história, internet e articulações políticas, o que torna possível o encontro com o termo da desconstrução com o qual pesquisamos aqui, e que permeia também as relações políticas, mídia e toda a sociedade.

Poder observar alguns dos processos de formação desse discurso e como esses elementos operam, e em que grau dentro dos enunciados da desconstrução eles influenciam, é poder observar alguns dos mecanismos que formam os processos políticos da atualidade, visto que esses espaços não se dão de forma separada, mas são concomitantes e retroalimentados. Assim, consideramos a importância de todos os gêneros discursivos criados e possibilitados pelas redes sociais, entendendo que eles são uma parte importante na construção dessas especificidades que tanto constituem o capitalismo com que lidamos, como constituem as nossas relações diante desses sistemas de dominação política e econômica.

A Figura 1 que abre este capítulo, por exemplo, ilustra bem os níveis políticos, midiáticos e históricos que emergem de um enunciado e nos mostra também como a nossa sociedade que é formada por esses mecanismos, responde e dialoga com determinados discursos que nela surge. A capa do álbum Chico Buarque de Holanda de 1966 do cantor Chico Buarque é o que podemos chamar de meme pronto, a característica da imagem torna fácil a modificação a partir das legendas, criando situações que dialogam com o cotidiano, de maneira que facilita a circulação do meme por conta da identificação gerada com as situações colocadas.

Figura 2: Meme Chico Buarque



Fonte: Meme Creator (s.d.)¹¹

Além disso, o humor gerado por conta das situações, do processo de identificação e do diálogo que se faz com a imagem, também torna mais fácil o compartilhamento do meme, logo, a circulação de determinados conceitos, o que resulta num maior alcance dos debates gerados em torno deles. A utilização do meme do Chico Sérió e Chico Feliz, como ele é denominado, para a construção de um meme com os sentidos da desconstrução, já é exemplo de uma compreensão responsiva a esses enunciados. A criação de memes já é indicativo do quanto um tema se tornou relevante para determinada comunidade dentro das redes sociais, uma vez que por sua característica um meme precisa conseguir se multiplicar e se fazer circular para que seja considerado um meme, assim, ele por si só já é um sintoma de como a sociedade pode estar recebendo determinados debates e quais relações elas estão fazendo com o que eles suscitam.

A partir do momento em que o debate se expande e muitas das discussões ganham proporções de uma grande seriedade, o humor pode se tornar um veículo de provocações aos sujeitos participantes do tema, de maneira a questionar a seriedade com que são engajados os diálogos sobre o assunto. Pode-se também ironizar os sentidos dados a ele, assim como eles podem ser ainda mais reforçados. O meme do Chico que aborda a desconstrução, dialoga num primeiro nível com o conhecimento dos usuários a respeito da figura de Chico Buarque e sua obra musical, o que já o

¹¹ Disponível em: <https://www.memecreator.org/meme/incipio-de-um-sonho-deu-tudo-errado/>. Acesso em: 01 fev. 2022.

difere dos outros memes que utilizam a mesma imagem, mas que não exigem conhecimento prévio a respeito do cantor ou de sua produção artística. Os outros memes utilizam apenas o fator cômico produzido pela própria imagem para criar a identificação com os usuários das redes sociais. Ou seja, as possibilidades de dialogismo do meme do Chico sobre a desconstrução já são específicas, já são voltadas para grupos que possuem conhecimento da música popular brasileira, ou MPB, e que não por acaso, pode dialogar com o assunto que ele evoca também de uma maneira específica.

O meme produz um jogo de sentidos com o nome de uma das músicas mais famosas de Chico Buarque, Construção. A letra faz uma crítica ao mínimo dado e concedido aos trabalhadores, e de maneira especial, a música traz o cotidiano de um trabalhador de obra, que sobe andaimes e que acaba caindo de forma a morrer espatifado “atrapalhando o trânsito”. A construção, assim, pode fazer alusão não somente ao trabalho do personagem, como a construção dessa sociedade, das normas a que somos submetidos “a concessão pra nascer”, “por nos deixar respirar, por nos deixar existir”. Em contrapartida, o meme traz a palavra desconstrução abaixo do sorriso de Chico Buarque e de uma vez consegue produzir humor com a utilização do meme a respeito de um assunto que geralmente produz debates bem inflamados nas redes sociais, como também joga ainda mais com os significados das palavras construção e desconstrução.

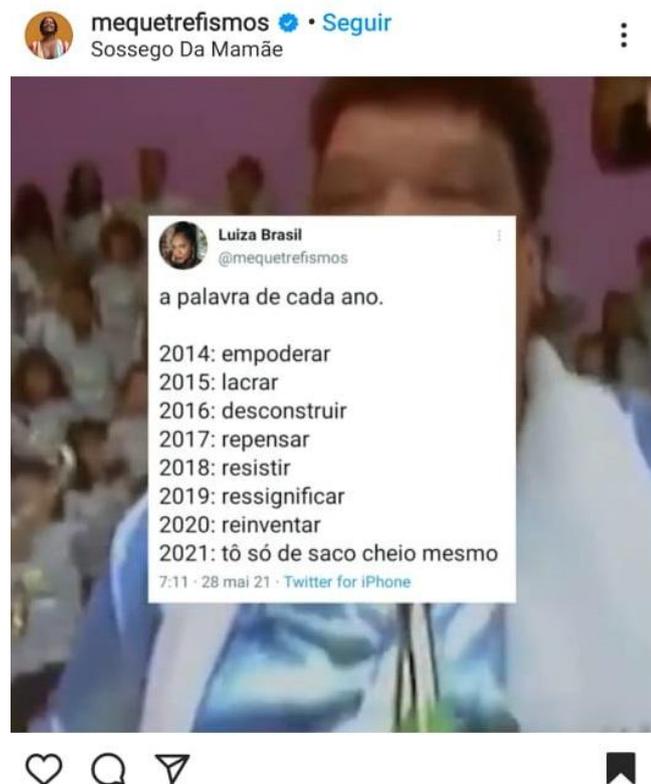
A construção não é necessariamente associada a processos negativos, daí que o conhecimento da música ajuda a compreender os sentidos que foram acionados para constituir o meme. Uma vez que a construção da música é uma construção específica, da obra, e da obra da sociedade, das regras que levam a uma vivência difícil, regrada e miserável, portanto, somente a desconstrução dessas estruturas pode ser vista como viável. Por outro lado, o meme também é capaz de ironizar a seriedade com que o debate é levantado e como os humores podem ser facilmente manipulados a partir da menção da desconstrução, de maneira que o meme também pode ironizar o próprio “militante” das redes sociais.

À parte dos debates das redes sociais sobre a desconstrução, a construção dentro das esquerdas organizadas é uma palavra que não só possui a significação trazida na música do Chico Buarque, mas, ao contrário, é bastante usada para falar em construir organizações, construir base, construir novas perspectivas, possibilidades, e assim por diante. Entretanto, não se é possível verificar a mesma

permeabilidade da palavra nos enunciados das redes sociais. Não é a palavra construção, ainda que ela seja amplamente utilizada nos movimentos de esquerda, que mais aparece em tweets, memes, textões e outros gêneros discursivos digitais, ainda mais com o ganho de sentidos e significados que a palavra desconstrução vem ganhando ao longo dos anos. É também isto que constitui o elemento da especificidade do nosso objeto de pesquisa e o que observaremos neste capítulo conforme formos constituindo a análise, pois é o termo da desconstrução que ganhou grandes proporções a nível de debate nas redes sociais, e que proporciona os enunciados sobre o sujeito desconstruído, em desconstrução e diversos debates sobre os sintomas dessas políticas entre as pessoas, principalmente nas redes sociais. Sendo assim, são esses enunciados que constituem o corpus da nossa pesquisa e que nos orientam para o cumprimento dos objetivos aqui delineados.

3.1 A desconstrução e suas possibilidades de circulação nas redes sociais

Figura 3: A palavra de cada ano



Fonte: A palavra de cada ano (2021)

Trend, a palavra em inglês para tendência, é uma das formas de visualizarmos quais comportamentos, quais memes, quais redes sociais estão mais em voga na internet. No Twitter as informações são separadas e, conforme o seu status de relevância, segundo algumas ferramentas e estratégias de organização, são colocadas nos *trending topics*, ou tópicos de tendência, proporcionando uma escala de importância para os assuntos debatidos na rede social (Burguess; Baym, 2010). Os *trending topics*, por sua vez, acabam recebendo mais visualizações, o que pode resultar muitas vezes em algumas mobilizações, matérias nos jornais e mudanças em alguns mercados que rastreiam os comportamentos dos usuários da internet. A empresa, entretanto, que iniciou o movimento de coletar os dados comportamentais registrados pelo uso da internet, foi o Google (Shoshana, 2021). Não por acaso, Google Trends, possibilita o rastreamento das pesquisas mais feitas pelos usuários, possibilitando o uso desses dados para diversos mercados que mudam suas estratégias de vendas, produtos, etc, conforme as *trends* do momento.

Ou seja, falar de *trend* é cobrir uma significativa parcela da engrenagem social não somente na internet, mas principalmente nela, uma vez que não somente o conceito está presente no seu funcionamento, mas a palavra está presente e é utilizada também pelos usuários que muitas vezes classificam seus próprios comportamentos como pertencentes ou não a uma *trend*. Poderíamos facilmente nomear esse fenômeno também pela palavra moda, cuja palavra não apenas denomina o segmento de roupas, mas qualquer coisa que seja reproduzido como um padrão, porém aqui o uso do estrangeirismo também ajuda a demarcar esse local da internet, onde temos que as principais redes sociais são de domínio norte-americano e onde falantes bilíngues e não bilíngues incorporam diariamente palavras em inglês no seu vocabulário, quase estabelecendo assim uma língua de contato. Outro fator importante para a caracterização de uma *trend*, assim como a moda, é o seu caráter temporário. Ela marca um determinado momento, chega ao seu auge de reconhecimento e, aos poucos, vai deixando de ser representativa conforme mudam as relações e situações sociais que propiciaram o seu surgimento.

Porém, falar sobre o vocabulário utilizado por movimentos sociais ou páginas das redes sociais destinadas ao debate político, não é necessariamente falarmos de um movimento consciente em torno de uma *trend*, como normalmente a associamos. Na Figura 3, o tweet que evoca as “palavras de cada ano”, não as classifica como *trend*, mas ao mostrar um destaque para determinadas palavras, existe a consciência

de um movimento que existiu em torno desse vocabulário, e de como ele marcou determinados espaços e possivelmente influenciou as relações sociais na internet. Quando, então, nós as conectamos com o conceito de *trend*, nós fazemos a conexão entre o espaço em que esses debates se dão, pois eles não estão deslocados do funcionamento do mercado, uma vez que eles funcionam por meio das ferramentas que detectam tendências e monetizam conteúdo.

O interessante dessa perspectiva é que ela vai no extremo oposto do que alguns desses termos tinham como objetivo pelo debate que fomentavam, porém ao estarem inseridos no contexto das redes sociais, dentro dos debates possíveis nessas redes, elas não deixam de entrar na lógica de mercado que as fundamenta. A palavra empoderamento, por exemplo, tem raízes no empowerment norte-americano, mas é utilizado na construção teórica de Paulo Freire (Baquero, 2012, p. 173) além de também se filiar a diversos movimentos sociais, tanto o movimento feminista negro. As proporções que a palavra ganhou, não fizeram com que ela passasse despercebida pelos mercados que precisavam desse conceito para venderem numa fórmula mais moderna, de modo que muito de seu sentido filosófico foi esvaziado pelas centenas de propagandas que vendiam o empoderamento.

Já o termo *lacrar*, localizado no ano de 2015, é representativo da presença desses debates nas redes sociais e como os sujeitos foram se relacionando com eles.

De forma geral, o *lacre* corresponde à publicação de textos e/ou respostas consideradas *boas* acerca de alguma questão, mas que são formuladas de modo tão incisivo que não permitem qualquer reação dos outros sujeitos, findando a possibilidade de diálogo e a construção de qualquer resolução em conjunto da problemática. (Falcão, 2017, p. 162)

O termo proveio de um meme e passou a ser indicativo de um comportamento em que falar sobre esses temas antecipava uma atitude de combate, muitas vezes num tom zombeteiro ou sarcástico. Com o tempo ele começou a significar qualquer coisa que tocasse nesses assuntos, ainda que não fosse no contexto de um debate, sendo identificado dessa maneira, majoritariamente, por grupos fora dessas questões. Assim, *lacrar* passou a ser usado para identificar qualquer tentativa de incluir as pautas identitárias no âmbito de comerciais, filmes, quadrinhos, etc. Diz-se que determinada empresa está querendo *lacrar*, quando inclui pautas sobre ou personagens e protagonistas LGBTQ+, negros, mulheres, pessoas gordas, entre

outros sujeitos minoritários. Nesse sentido, seria possível enxergar o termo como uma crítica a respeito de como essa inclusão as vezes acontece, apenas aludindo a temas que podem fazer o mercado daquele produto/empresa crescer e ser reconhecido como bem-quisto. Mas o que geralmente se identifica é que ela se coloca como uma crítica a qualquer tipo de tentativa de inclusão.

Dessa forma, verificando a origem do termo, a maneira como foi apropriado pelos sujeitos desses debates e mais tarde reapropriada pelos sujeitos que se colocavam como contrários às questões pautadas, podemos entender a dinâmica não linear e contraditória que pode cercar todos esses termos, inclusive o de nosso interesse, a desconstrução. O que verificamos não é recente e existem exemplos por toda a história acerca de palavras que são ressignificadas a fim de não mais agredir determinado grupo e sim constituindo um status de resistência, como também o movimento inverso.

Mas o que se observa nas redes sociais, como com todos os outros processos dos quais elas acabam participando, é a velocidade que favorece o aumento desses fenômenos. Não apenas referente ao compartilhamento de informações, mas na difusão de debates, e para que essa velocidade seja possível, os textos que ganham mais repercussões também são rápidos, também colaboram com a velocidade do formato das redes em que mesmo quando o número de caracteres não é limitado, a informação que ganha mais destaque e é mais possível de ganhar maior alcance é a informação ou a opinião mais sucinta. O formato do que vemos muitas vezes não é diferente dos debates acalorados que poderiam acontecer numa mesa de bar, a diferença é que a conversa da mesa de bar está limitada a um número de pessoas que participam daquela ocasião e por mais que ganhem maiores repercussões, não são facilmente publicizadas e compartilhadas a status de milhões.

O termo listado como pertencente ao ano de 2020, a palavra reinventar, por outro lado, não foi um termo colocado por movimentos sociais ou páginas de debate político em sua maioria. O termo era o mais mencionado em notícias que traziam o tema do empreendedorismo na pandemia, vídeos no Youtube que trataram sobre os desafios a respeito do comércio nesse período de isolamento social, e conteúdos motivacionais que se preocupavam em mostrar o momento atual não como um sintoma do padecimento das relações entre capital e natureza, mas como mais um desafio de percepção acima de tudo.

Ao encontrarmos a palavra, construto de uma visão do mercado, na mesma lista que algumas vindas de debate político e de movimentos sociais, temos mais uma prova de como os discursos são absorvidos por uma mesma lógica ainda que se direcionem em caminhos opostos. O termo resistir, colocado como representativo do ano de 2018, assim aparece como uma clara alusão ao período das eleições e como os movimentos sociais e os debates políticos interpretaram a vitória do liberalismo conservador nas urnas, fazendo um convite à resistência e a continuidade da luta contra o fascismo. É possível compreender, então, que o tweet não está ligado ao liberalismo conservador, e sim a uma perspectiva que se alia, ainda que minimamente, aos debates políticos dos quais esses termos são representativos.

Ou seja, eles não são evocados a partir da concepção de mercado em que esses termos foram convenientemente absorvidos, mas o que podemos entender é que não há como separá-los de maneira definitiva para efeitos de significação, pois o espaço em que eles se dão é o espaço em que os comportamentos, vocabulário e debates em geral estão sendo rastreados e classificados por seu alcance para servir à lógica do mercado. Não há, portanto, principalmente para usuários que não participam efetivamente de movimentos sociais, uma maneira segura de diferenciar a maneira que um termo é usado da sua significação social e da sua significação do mercado, quando o mercado consegue mimetizar o discurso social por conta desses rastreios feitos nas redes sociais. Nesse sentido, é interessante observarmos a gradação das palavras elencadas para cada ano, nos detendo no termo final do ano de 2021 que é justamente “tô de saco cheio mesmo”.

Em 2021 com o contexto da pandemia no Brasil e com seus efeitos maximizados com a ausência de políticas de contenção do vírus por parte do Governo Federal, a população presenciou a falta de oxigênio no Norte e a falta de insumos hospitalares como o kit intubação no sudeste. Os Estados foram obrigados a estender as medidas de isolamento social e fechamento do comércio, prolongando a quarentena brasileira para um ano, enquanto vários países ao redor do mundo conseguiam já afrouxar as medidas e gradativamente retornar a uma vida mais próxima do normal. O “Tô de saco cheio mesmo”, é representativo da exaustão coletiva em torno da pandemia e das condições específicas em que a população brasileira viveu a pandemia, além dos efeitos provocados pela maneira com que foi conduzida, e que são o aumento do custo de vida, do desemprego entre outras situações que se somam umas às outras neste cenário pandêmico.

Mas além de fazer uma associação ao cansaço, o tweet também pode dialogar com a exaustão de possibilidades que os termos listados podem alcançar numa realidade em que a exploração econômica nos levou a situação atual. Afinal, se nos anos anteriores nós tivemos uma presença bem percebida das palavras desconstruir, repensar e ressignificar, como aponta o tweet, por que não encontramos na materialidade uma realidade refeita a partir dessas críticas e debates empreendidos? O que foi produzido diante de todo esse vocabulário que provocava, participava de debates, produzia críticas e ameaçava diversas normativas?

Podemos compreender as limitações das demandas a partir das próprias limitações impostas pelas políticas neoliberais, além de compreender como as redes sociais na sua lógica de funcionamento, com os algoritmos, detenção e venda de dados, como vimos anteriormente, também são agentes que reforçam e renovam as linhas de dominação do capitalismo, utilizando cada vez mais até o que pode nascer como crítica a ele, a seu favor. As ocorrências de tal realidade na prática se materializam em como os discursos da desconstrução circulam e são permitidos circular. Na imagem do tweet que inicia este capítulo, temos o nome da página do Instagram que compartilha o tweet de autoria da mesma página, a @mequetrefismos. Por permissão do Twitter, o tweet possui uma imagem de fundo do cantor Tim Maia e, também por sua permissão, é possível ter acesso à sua data de publicação. O “tô de saco cheio mesmo” colocado por último na lista, engendra uma crítica a partir de um mecanismo de humor, e também somente é possível estar lá por permissão da plataforma que não cria restrições sobre linguagem.

Em qualquer outro espaço de publicação anterior às redes sociais, o formato estrutural do gênero estava dado a partir do veículo de comunicação em que ele se dava e o tom descontraído, as declarações opinativas e sem referências, estariam possivelmente demarcadas dentro de uma seção próprias a esse tipo de publicação. Nas redes sociais, não somente no Twitter, é possível encontrar essa concomitância de formatos textuais, entre textos que citam fontes e textos que misturam simples declarações e pontos de vista, o que acaba por diluir a linha de diferença entre eles. Entre o que pode e não pode ser verdade, está apenas dependendo da própria vontade do usuário em correr atrás das verificações. Sobretudo o que diz respeito ao fato de nem sempre termos acesso à autoria do texto, à medida que o perfil de usuário não precisa remeter a seu verdadeiro dono, também dificulta a responsabilização e assim entramos no âmbito da ética de Bakhtin.

3.2 Os enunciados sobre o sujeito desconstruído

A noção que a desconstrução inaugura em seu movimento filosófico, é a de um constante movimento, um trabalho para se opor ao sistema de pares da filosofia estruturalista, como aqui já colocado. Ainda que a desconstrução que se constitui como pauta e que vemos circulando nas redes sociais, não seja necessariamente a desconstrução proposta por Derrida, os sentidos dessa base filosófica atravessam a palavra e se fazem significar nela de várias formas. De maneira que observamos qual seria então o lugar do desconstruído e como isso é marcado a partir da linguagem, além de quais sujeitos são colocados nesse lugar e não-lugar intercaladamente, a partir dos enunciados que observamos nas redes sociais.

Figura 4: Sujeito desconstruído



Fonte: Mas ele nunca me bateu (2020).

Nessa primeira imagem temos um tweet recortado e postado por uma página do Instagram intitulada @maselenuncabateu, em que a palavra desconstruído aparece com letras maiúsculas e minúsculas. O texto se apresenta como um conselho e à medida que se desenvolve e lista as características que um 'cara' pode assumir, o adjetivo desconstruído é o que ganha destaque a partir da escolha de escrita da palavra. Assim, observamos um efeito de gradação entre os adjetivos elencados, em que desconstruído aparece como o grau último do que compõe esse sujeito. Uma vez

que estamos diante de duas redes sociais simultaneamente que não iniciaram priorizando em sua plataforma o vídeo, e sim texto e imagem, depararmos com estilos de grafias diferentes não é algo novo. A colocação de letras maiúsculas e minúsculas de maneira intercalada já existiu na internet por diferentes razões, inclusive a de demarcar a linguagem de determinado grupo social. Neste caso, observamos que a grafia substitui o tom da pronúncia que evidenciaria sarcasmo ao dizer, ao mesmo tempo que propõe um jogo de desconstrução da própria grafia, tornando lúdico e ainda mais sarcástico seu enunciado. Essa maneira de se falar sobre esse lugar nos coloca a dúvida sobre a existência do desconstruído enquanto sujeito, principalmente quando parte de uma autodeclaração como o tweet destaca. “O cara se dizer” desconstruído, não significa que ele seja, diz o tweet que encerra o conselho com: “Preste atenção SEMPRE em atitudes e não falas ensaiadas”. A esse último conselho entendemos que há um roteiro que pode ser seguido para que esse sujeito pareça, seja reconhecido, ou se declare desconstruído. Existem falas, comportamentos e até modos de se vestir, que podem ser acionados para “ativar” essa característica, ainda que posteriormente ela possa ser identificada como ilegítima. As falas e comportamentos também permeiam os enunciados sobre a desconstrução e ajudam a formar imagens do sujeito que se constitui como tal, cujo seu status de desconstruído está permanentemente em cheque.

Figura 5: Meme: Mais feminista que eu?



Fonte: J@ru Online (2017).

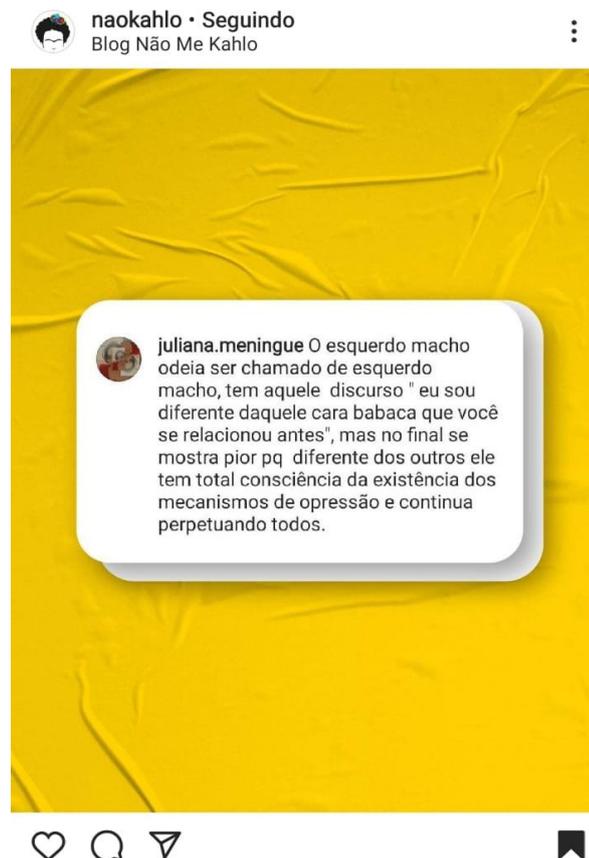
A imagem do Ken, boneco que é a versão masculina da boneca Barbie, ilustra bem um desses casos. Ainda que o tweet não traga a palavra desconstrução, as características do boneco Ken personalizam alguns pontos desse roteiro que geralmente vemos emergir nos enunciados que ironizam o sujeito desconstruído. O coque samurai, a roupa com grafismos, é alguns dos elementos que formaram esse estereótipo a partir da imagem do homem de esquerda, ou do universitário de movimento estudantil. Esse estilo adotado por esses homens, por mais que eles não necessariamente questionassem as questões de gênero, poderia colocá-los o status de desconstruído, por já de alguma maneira se opor aos padrões mais rígidos impostos para a masculinidade, como o cabelo curto, ausência de brincos e acessórios, roupas mais neutras, por exemplo.

Porém, o boneco Ken, assim como a boneca Barbie, são representativos dos maiores padrões de beleza da sociedade: a branquitude, a magreza e até a ideia de riqueza que esses bonecos vendem. O sujeito desconstruído nesses enunciados se tornam, na verdade, indicativos das opressões que eles podem exercer, ainda que a tentativa seja a de parecer não detentor de características opressoras. No tweet anterior, o conselho atentava para que o que fosse considerado fossem as atitudes, para além de qualquer roteiro que pudesse identificá-lo como desconstruído. A respeito dessas atitudes, o meme do Ken é atualizado a partir uma situação envolvendo o ator Dado Dolabella que falou a frase: "Mais feminista que eu?" A frase

foi pronunciada em uma discussão do Facebook que se tornou icônica após o ator ser preso por não pagar pensão alimentícia, devendo mais de 190 mil reais (G1, 2018), o mesmo que também agrediu sua namorada em 2008, a atriz Luana Piovani (Correio Brasiliense, 2021). Dado Dolabella, ator global, homem, branco, magro e dentro de quase todos os padrões de beleza e de poder, pronunciou a frase do meme por justamente se colocar neste roteiro, adotando algumas outras normas de vestimenta e pertencendo ao movimento vegano. As acusações contra ele, entretanto, provam que não há de fato nenhum comprometimento em diminuir as assimetrias de poder por conta de seu lugar na sociedade. A situação em questão aconteceu em 2016, e ainda que não faça parte do nosso recorte de análise, ela aqui apenas ilustra como o enunciado da desconstrução vem sendo persistente e trazendo enunciados que se atualizam também nos contextos que se apresentam mais recentemente.

O sujeito desconstruído passa a ser, então, um lugar para identificar mecanismos de opressão de sujeitos que não se colocam contra as pautas trazidas pelos movimentos sociais, que em algum nível pode até dialogar com elas e compreendê-las, e que por isso podem agir de um modo específico ao perpetuar determinados comportamentos em seus lugares de privilégios.

Figura 6: O Esquerdo-macho odeia ser chamado de esquerdo-macho



Fonte: Blog não me kahlo (2021).

Na figura 6, colocada a título de exemplo, a página do Instagram @naokahlo posta um recorte de alguém que comentou em uma de suas publicações. O comentário novamente não faz referência ao sujeito desconstruído, mas sim ao esquerdo-macho. As descrições desse sujeito, entretanto, são similares às características elencadas pela Figura 4 que abre este tópico, ou seja, um sujeito que se coloca como diferente e está a par das demandas que acompanham a questão da desconstrução. Os enunciados sobre o esquerdo-macho e sobre o sujeito desconstruído, quando este se trata de um homem cis-hetero, se coincidem tanto no que diz respeito à aparência, à postura supostamente consciente de determinadas pautas, e às incoerências e contradições desses sujeitos.

Neste sentido, é interessante para a análise dessas duas representações que se colidem, entender como a esquerda tem se construído e tem sido historicamente compreendida dentro do projeto político da luta de classes. Esse projeto que começou a se formar, tal como o conhecemos, a partir do processo de industrialização da sociedade, com a formação da classe trabalhadora localizada nas cidades,

encarregou-se de focar sua energia mobilizadora no problema da dominação do capital. Por mais que as classes trabalhadoras não fossem atingidas apenas por um único problema, graças a heterogeneidade de sua formação, os problemas estruturais dessa sociedade de classes também constituíram a formação dos grupos militantes e intelectuais que dirigiram as assembleias, escreveram os livros e representaram historicamente a formação da esquerda. Ou seja, num mundo estruturado por profundas diferenças raciais de gênero e de sexualidade, além das questões de classe, as vozes que encontraram mais facilidade para formar a legitimidade do projeto da esquerda foram as vozes brancas, europeias, masculinas e heterossexuais.

Ainda que as questões de gênero fossem eventualmente pontuadas, como no caso do livro *A origem da família*, Engels (1984), e questões raciais também fossem mencionadas na literatura revolucionária da esquerda branca, diversos militantes negros, mulheres e homossexuais ao longo da história, relataram suas dificuldades de endereçarem as especificidades de suas questões no projeto da esquerda, mas o fizeram mesmo assim, de forma que podemos ter acesso à literatura crítica anarquista e marxista a partir da perspectiva do movimento negro, do feminismo e de movimentos LGBTQ+, como no caso do próprio livro *Mulheres, Raça e Classe* de Davis (2016). Porém, a imagem do militante e intelectual branco, europeu, homem e heterossexual, formou essa representação central na esquerda, em que as questões de classe atreladas ao capital não se relacionam com as demais problemáticas.

Em *Revolucionário e Gay*, Green (2018), livro sobre a vida de Herbert Daniel, militante e fundador do Partido Verde no Brasil, é relatado o desconforto que os companheiros da esquerda sentiam em relação à sua homossexualidade, chegando a chamá-la de desvio pequeno-burguês (p. 285). O artigo *Who is the man who wants to kill me*, Green (2012), explica como a esquerda da década de 60 e 70 reagia à homossexualidade masculina. Nele é relatado como os companheiros debatiam entre si a respeito de como deveriam lidar com a descoberta da homossexualidade dos membros dentro dos grupos revolucionários, sendo muitas vezes sugerida a pena de morte (p. 438).

O posicionamento histórico da esquerda em relegar essas questões para a burguesia, na verdade, revela os problemas que ela herdou da estrutura de classes e da sociedade colonial, problemas esses que para o imaginário do proletariado homem-branco-inglês, não vinham antes da questão de classes, porém na localização do proletariado negro-indígena-latino-mulher-LGBTQ+, não há como interpor o que

deve vir primeiro, já que todas as questões estão imbricadas umas nas outras. Sob essa perspectiva, a esquerda que fala sobre as especificidades de cada sujeito na construção desse projeto político é geralmente taxada de identitária. Porém, a política identitária tem um início dentro de movimentos marxistas que pautavam a identidade. “Em 1977, a expressão política identitária na sua forma contemporânea foi introduzida no discurso político pelo Coletivo Combahee River (CCR), um coletivo de militantes negras lésbicas formado em Boston três anos antes” (Hairder, 2019, p. 28)

O Coletivo demarcava a necessidade de não desvincular a luta de classes de uma perspectiva da identidade, uma vez que grupos atingidos por ambas as questões não podiam escolher em qual luta se engajar primeiro.

Acreditamos que a política sexual sob o patriarcado é tão difundida na vida das mulheres negras quanto a política de classe e raça. Muitas vezes também achamos difícil separar raça de classe de opressão sexual porque em nossas vidas elas são mais frequentemente experimentadas simultaneamente. Sabemos que existe uma opressão racial-sexual que não é exclusivamente racial nem exclusivamente sexual, por exemplo, a história do estupro de mulheres negras por homens brancos como arma de repressão política. (Coletiva do Rio Combahee, 2014, p. 213)¹²

Da mesma forma, feministas como Angela Davis e Audre Lorde também articulavam a luta feminista, negra e LGBTQ+, no caso de Audre Lorde, a uma perspectiva marxista como aqui já colocado. Entretanto, por conta do aparato liberal do Estado, as demandas colocadas foram de alguma forma absorvidas em sua lógica. Isso porque: “A política no liberalismo se caracteriza por nos tornarmos sujeitos que participamos na política através da sujeição ao poder” (HAIDER, 2019, p.31). A unidade política do liberalismo é o indivíduo, de forma que torna fácil para que essa necessidade da identidade seja trabalhada dentro do seu aparato.

Se podemos reclamar que somos de algum modo lesados com base em nossa identidade, como se apresentássemos uma queixa num tribunal, podemos demandar reconhecimento do Estado com base nisso. E uma vez que identidades são a condição da política liberal, elas se tornam cada vez mais totalizantes e reducionistas. Nossa capacidade de ação política através da identidade é exatamente o que

¹² Do original: *We believe that sexual politics under patriarchy is as pervasive in Black women's lives as are the politics of class and race. We also often find it difficult to separate race from class from sex oppression because in our lives they are most often experienced simultaneously. We know that there is such a thing as racial-sexual oppression which is neither solely racial nor solely sexual, e.g., the history of rape of Black women by white men as a weapon of political repression.* Tradução nossa.

nos prende ao Estado, o que assegura nossa contínua sujeição. (Haider, 2019, p.31)

O “identitarismo”, por sua vez, é tido como uma política neoliberal de inclusão das individualidades no capitalismo, pois coloca as identidades acima de um projeto político coletivo, e prevê apenas as reformas das instituições para incluir representatividades dessas identidades. Mas o que poderia ser direcionado como crítica ao neoliberalismo e às suas ferramentas de apropriação, muitas vezes acaba sendo direcionado para toda pauta dentro da esquerda que cubra o espectro da identidade. De modo a ignorar, por sua vez, a história desse movimento e sua base nas articulações marxistas.

Daí então que temos a imagem do esquerdo-macho se coincidindo com a imagem do sujeito desconstruído. Essa atitude de ignorar que não só é possível, mas é necessário construir um projeto de esquerda que enxergue o imbricamento das questões de classe com as questões de raça, gênero e sexualidade, faz com que esse sujeito dessa esquerda seja identificado pelos privilégios que o fazem capaz de ignorar essas questões. A arrogância que perpetra a imagem do sujeito desconstruído e do esquerdo-macho consecutivamente, são indicativos desse embate histórico.

Figura 7: Personagem esquerdo-macho da Ademaravilha



Fonte: Ademara (2021)

Na imagem acima, o personagem esquerdo macho, criado em 2021 pela influencer e humorista Ademaravilha, traz características similares ao boneco Ken associado ao ator Dado Dolabela. Aqui, utilizamos o exemplo para mostrar as imagens que compõe os enunciados sobre esses sujeitos e como, apesar das épocas diferentes a que cada imagem se veicula, o tema ainda está presente e segue produzindo significados que dialogam com os usuários das redes sociais.

Em relação ao tweet, uma das sentenças que o comentário dá, ao contrário de simplesmente alertar contra o suposto roteiro que esse sujeito tende a seguir, pedindo para que fiquemos atentos às atitudes que contradizem a postura inicial, é de que esse sujeito se mostra pior do que os que não se encontram nesses recortes, ou seja, possivelmente os que não possuem consciência dos mecanismos de opressão, ou dos que simplesmente não se colocam a favor das pautas que a desconstrução mobiliza. Essa declaração pode ser polêmica, mas não é incomum entre os enunciados que se referem a esses sujeitos, e a razão é de que justamente por conhecer os mecanismos, a opressão exercida pelo esquerdo-macho ou pelo sujeito em desconstrução, se dá de maneira mais camuflada, muitas vezes não possibilitando que a vítima reconheça imediatamente os abusos.

Figura 8: Tweet/meme: Olha o cara desconstruído



Fonte: Saquinho de Lixo (2019)

A página saquinho de lixo é uma página de humor no Instagram, que geralmente produz ou compartilha memes e tweets sobre assuntos diversos, assim como também a respeito dos temas que a desconstrução mobiliza. A maneira como ela desenvolve esses enunciados, portanto, assim como as outras páginas aqui

colocadas de humor, tende a ser mais simples, sem constituir necessariamente conselhos ou opiniões, mas leva essas mensagens em forma de ironia, junto a imagens ou outros elementos lúdicos que ajudam a constituir a mensagem nas redes sociais. Assim, ao colocar bandeirinhas da festa junina brasileira e fazer referência às brincadeiras tradicionais do festejo, o sujeito desconstruído trazido no enunciado, não só é desmentido pela afirmação, mas em essência vira uma piada. Esse humor, entretanto, só é possível, pois ele dialoga diretamente com as imagens do sujeito desconstruído que também circulam nas redes sociais e que já foram desmentidas e ridicularizadas em diferentes gêneros discursivos nessas redes, seja dos mais simples aos mais sérios que dedicam análises à níveis ensaísticos.

A articulação desses enunciados sobre o sujeito desconstruído, leva à compreensão de que este lugar está permanentemente legado à dúvida, ou à um lugar de negação daquilo que se pretende afirmar. É uma forma específica de negar o que se originalmente pretende defender e incorporar pelo viés da desconstrução. Ao contrário dos sujeitos que se organizam em páginas como “O opressor” “opressores” que compram para si justamente o comportamento que deve ser desconstruído a partir dessa pauta, para afirmar que não vão colaborar com ela, o sujeito desconstruído é o sujeito das contradições. O meme, ao negar completamente o lugar de encerramento do processo da desconstrução enquanto identidade, podemos entender que essas contradições são constitutivas do sujeito e dos seus lugares na sociedade, mas por conta disso, a desconfiança acaba sendo também um lugar de permanência, tanto para com os outros, quanto para si mesmo.

3.3 Os enunciados sobre o sujeito em desconstrução

Figura 9: Tweet: Ninguém nasce desconstruído



Fonte: Não Me Kahlo (2019).

O desconstruído não possui um lugar de confiança ou de legitimidade em geral, porém a desconstrução enquanto processo não deixa de ser incentivada. O post da página @naokahlo é o recorte de um tweet da própria página, e que possui um tom sério, de conselho, em que o incentivo para rever as posturas de caráter machista, racista ou homofóbico, como coloca a página, vem com o consolo de que afinal ninguém nasce com essas questões resolvidas e mesmo quem se policia ainda pode errar vez ou outra. A chamada para a noção de que ninguém “nasce” desconstruído, discursivamente dialoga com a noção de que a sociedade está estabelecida sob esses preceitos, e eles acabam sendo constituintes da criação e formação dos parâmetros que nos regem. Porém, a maneira como a frase está colocada em “ninguém nasce desconstruído”, reforça o quanto essas questões estão imbricadas desde tão cedo, a ponto de não haver possibilidade de não estarmos incutidos de machismo, racismo, LGBTQfobia e outros preconceitos.

Assim, a desconstrução passa a ser uma missão desde sempre, uma vez que a sociedade continua regida sob esses preceitos, e enxergar esses parâmetros e nos enxergar, conseqüentemente, como a formação desses parâmetros para então desconstruí-los, é o que mais vemos emergindo dos enunciados da desconstrução nas redes sociais. Porém, ainda que os problemas sob os quais a desconstrução aja, sejam entendidos como estruturais e estruturantes, de ordem social e coletiva, o enunciado alerta para um processo de revisão e de policiamento das próprias atitudes que aponta para a ideia da desconstrução como um processo individual.

Dessa forma, duas coisas se destacam para a análise aqui, a primeira é de que parecer haver uma consciência a respeito de como essas questões são institucionalizadas, a segunda é de que também parece haver uma noção de que a desconstrução como um trabalho individual pode levar a uma gradual mudança da sociedade. Esse olhar da individualidade como uma ferramenta de mudança estrutural, está bem a parte do que normalmente se aprende e se luta dentro dos movimentos organizados da esquerda, afinal, a mudança individual não gera rupturas com as instituições construídas em cima do machismo, racismo, LGBTQfobia entre outros problemas, no máximo o que pode ocorrer são reformas de como essas instituições se mostram. A própria maneira como se organiza o conselho do enunciado, nos leva para outras duas questões estruturais da sociedade que também acabam permeando o discurso da desconstrução.

A primeira é de que a partir do momento que o enunciado abre espaço para a compreensão de pessoas que mesmo que se policiem, erram, observamos a noção da desconstrução como um processo contínuo, e que não parte apenas do entendimento da formação de tais opressões e de como elas se constituem na sociedade. A desconstrução passa a ser uma postura de vigilância para não cometer deslizes e até mesmo o uso do verbo “policiar” pode ser um indicativo estrutural de como se montam as relações coletivas em torno de algumas pautas, ainda que elas se aliem a uma visão crítica às normas estruturantes da sociedade. O policiamento, aqui trazido como uma postura individual, é apontado como uma estratégia possível dentro da noção da desconstrução, e ele passa a ser um modo de lidar com a demanda. O sujeito disposto a se desconstruir, é um sujeito que precisa estar em constante policiamento de si próprio, de suas falas, atitudes, e ciente da renovação das pautas e demandas conforme elas se atualizam.

É interessante considerar que a proposta do policiamento surge dentro de uma estrutura também voltada para a vigilância, observação ou testemunho da vida e da experiência de vidas alheias. A noção voltada para a individualidade, surge não apenas por conta da proposta da desconstrução ou do seu alinhamento à uma ideologia neoliberal por si só. Na verdade, ela pode ser sintomática de como se dão as relações nas redes sociais, e quais possíveis cobranças podem ser feitas num espaço que temos tanto acesso ao outro.

A segunda questão que nos traz o conselho do enunciado, é a frase “escute, escute, aprenda”, o que nos faz supor um lugar de escuta e um lugar de aprendizado,

e por conseguinte, um lugar de quem fala e de quem ensina. Esses lugares não são sempre os mesmos, e podem intercalar dependendo da opressão a que se refere, de como o sujeito é afetado ou não por ela, de quais recortes ele participa e quais privilégios lhe são legados socialmente. Em se tratando de um homem branco cis-hetero, que não é atravessado por questões de classe, esse lugar de escuta e de aprendizado acaba se tornando um lugar de grande permanência no que diz respeito ao processo da desconstrução, colocando em xeque a autorização que esse sujeito sempre teve para estar no lugar de quem fala e de quem ensina. Entretanto, essas dinâmicas que são propostas no espaço do debate, não possuem necessariamente repercussões para a estrutura da sociedade. Essa inversão de lugares não ocorre na materialidade, uma vez que as populações minoritárias continuam em posição de desvantagem por uma série de marcadores estatísticos. Ainda assim, a proposição dessa dinâmica nos enunciados, já consegue produzir uma série de desconfortos, inseguranças e as vezes até mesmo revolta e indignação.

Figura 10: Tweet: Monark: “Ter opinião racista é crime?”



Fonte: Pretitudes (2021).

Na Figura 10, a página do Instagram, @pretitudes, compartilha um tweet do *podcaster* Monark, em que pergunta se ter uma opinião racista é crime. Em resposta,

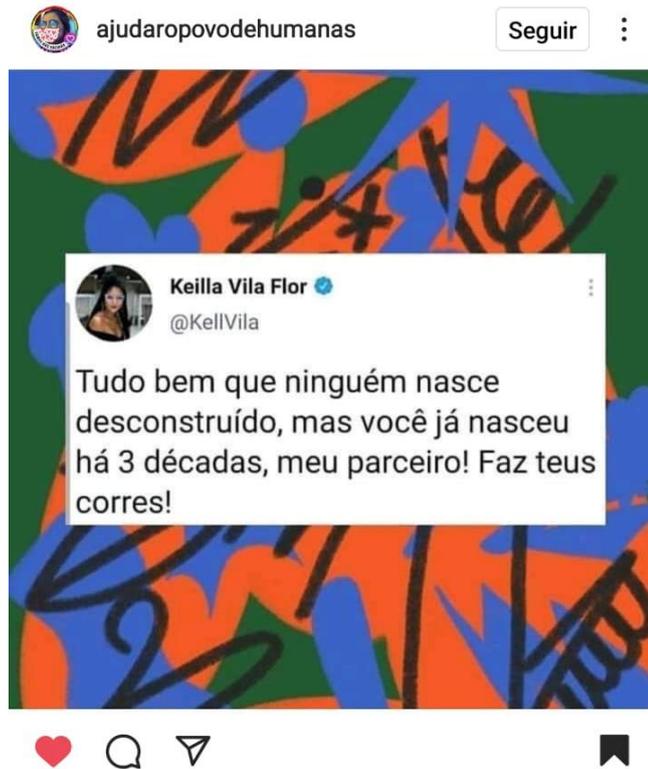
um usuário coloca o artigo da lei que tipifica o racismo como crime. Essa postura do *podcaster* é bem representativa para o debate da desconstrução, uma vez que a desconstrução preconiza justamente a revisão de comportamentos, atitudes e opiniões que advenham de alguma estrutura racista, machista ou LGBTQfóbica.

A pergunta do Monark parece se direcionar justamente para essas dinâmicas que propõem lugares de escuta e de revisão pessoal para quem nunca teve que se colocar nesse lugar de regular sua fala. Ela não é uma busca da resposta do óbvio, mas é indicativo de uma provocação dos sujeitos que veem suas liberdades sendo questionadas. Essa provocação pode se tornar ainda mais efetiva pelo lugar em que ela é feita, uma vez que o Twitter já revelou que as postagens de cunho direitista são mais impulsionadas por seu algoritmo (Bulhões, 2021).

Apesar da resposta ser positiva para sua pergunta, a história nos mostra que opiniões racistas sempre estiveram disponíveis, possibilitadas, acessíveis. Elas movimentam as estruturas narrativas das novelas, das propagandas, dos dispositivos legais, inclusive. Diante de toda uma estrutura que sempre permitiu o racismo apesar de criminalizá-lo, surge uma surpresa e um desnorteamento ao ver que na dinâmica dos debates das redes sociais, posturas racistas são cobradas. Essa pergunta, aliás, surge em condições específicas.

O programa do qual o Monark participava tinha como público principal homens heteros, e sempre teve uma proposta de trazer pessoas de toda as filiações ideológicas possíveis. Apesar de o apresentador ser visivelmente aliado a uma perspectiva de direita, o programa também recebia vários políticos e militantes da esquerda, o que possibilitava um fluxo misto de ouvintes. As posturas problemáticas do Monark sempre foram muito facilmente aceitas para as pessoas que se aliavam às suas mesmas perspectivas políticas, porém o programa não estava restrito a esse público, e recebia uma série de pessoas que cobravam, debatiam e questionavam diversos pronunciamentos do apresentador. É diante de contextos parecidos que a pauta da desconstrução circula entre pessoas que não se aliam com ela e geram tal estranhamento. As atitudes de resistência à pauta da desconstrução, fazem circular debates sobre liberdade de expressão, e associar a pauta a uma postura antiética de vigilância. O sentido, entretanto, parece ser o de assegurar as liberdades historicamente garantidas dentro de uma estrutura que só cerceia a existência de pessoas fora do recorte homem branco cis-hetero.

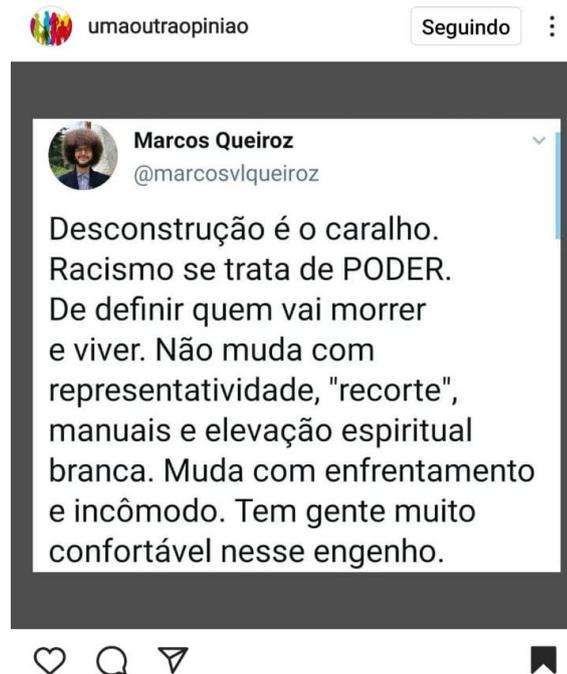
Figura 11: Tweet: Ninguém nasce desconstruído, mas você já nasceu há 3 décadas



Fonte: Ajudar o povo de humanas (2021).

Assim, percebemos de maneira sistemática entre os enunciados da desconstrução, que apesar de o processo requerer determinada paciência já que ele é um continuum, a urgência exige certo comprometimento com suas etapas. O enunciado acima mostra que as relações possíveis, dentro de um recorte de perfil que se engaja diretamente com esses conteúdos, existem a partir e condicionalmente a quanto o sujeito se dedica ao processo da desconstrução. E que, por sua vez, é necessário certa autonomia, principalmente, desse sujeito masculino com três décadas de existência. Mais uma vez o conforto desse lugar historicamente protegido, é colocado em xeque no enunciado, de forma a propor um desconforto que gere movimento e respostas em prol desse processo.

Figura 12: Tweet: Racismo se trata de PODER

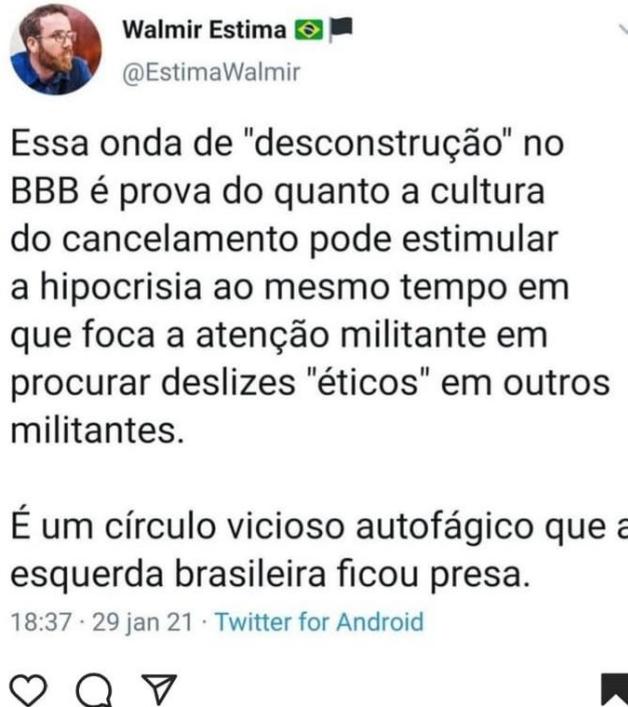


Fonte: Uma outra opinião (2020a).

A página @umaoutraopiniao, por sua vez, enquanto página anarquista, circula vários enunciados de sentido crítico à desconstrução enquanto um projeto neoliberal de política. No tweet, a sua eficácia para o combate ao racismo é duramente questionada ao ser relacionada com outras pautas que geralmente se aliam a ela nos enunciados e nos debates em geral, como a representatividade. Faz-se ainda uma alusão ao *Manual antirracista*, Ribeiro (2016), cuja autora é criticada por setores da esquerda radical em relação às suas posturas neoliberais. Ao desvincular o combate ao racismo com esses processos e com a forma como ele geralmente circula nas redes sociais, o enunciado vincula o problema às estruturas de poder, superiores às condições de autoanálise. Entretanto, as alternativas para esse processo são colocadas como enfrentamento e incômodo, alegando também um processo que tira o conforto das pessoas brancas. Nesse sentido entendemos que a crítica da desconstrução e as pautas que se aliam a ela, são colocadas, no sentido do enunciado, como formas mais brandas de combate ao problema.

3.4 Sintomas da desconstrução

Figura 13: Tweet: Essa onda de desconstrução



Fonte: Estima (2021).

O tweet, recortado por uma página do Instagram e compartilhada por ela na mesma plataforma, relaciona dois conceitos amplamente difundidos nas redes sociais, em virtude do programa Big Brother Brasil 2021. Essa relação, entre a desconstrução e o cancelamento, não é incomum de vermos nos enunciados das redes sociais.

A cultura do, ou *Cancel Culture*, em inglês, foi eleita pelo *Macquaire Dictionary* como a expressão do ano de 2019 (Demartini, 2019). Relacionada ao movimento #Metoo das celebridades hollywoodianas (Lima, 2019), a cultura do cancelamento já produziu muitas discussões a respeito de seus efeitos e de suas implicações morais e pode ser definida como

A cultura do cancelamento pode ser entendida como um acerto público de contas e um pedido de ajustamento de condutas em relação à alguma transgressão social que não passou por um controle adequado nos canais tradicionais. Episódios de racismo, misoginia, capacitismo, LGBTQfobia e transfobia estão entre os comportamentos usualmente “cancelados”. (Rodrigues, 2020, n.p.)

A cultura do cancelamento é bastante apontada como a maior conscientização da população acerca das pautas feministas, raciais, LGBTQ+, entre outras. E, como aponta Rodrigues (2020), ela passa também pela percepção popular de que

determinadas condutas, ainda que quando criminosas, podem passar impunes pelos canais tradicionais de justiça. A cultura do Cancelamento, então, seria a forma de ultrapassar as barreiras de um julgamento formal, da mesma forma que as redes sociais ajudaram a ultrapassar as burocratizações da informação.

De certa forma, é possível ver a noção da desconstrução como uma das ferramentas de avaliação do sujeito das redes sociais e que pode levar ao cancelamento, entretanto, o que se observa é que ele também se transformou num vício de linguagem da internet, e nem sempre dizer que alguém está cancelado, significa de fato que a pessoa teve alguma consequência real para o seu trabalho ou sua imagem. O cancelamento pode ser simplesmente uma forma de dizer que aquele sujeito não está alinhado às pautas a que a desconstrução está relacionada, e o público que geralmente espera um posicionamento em relação a essas questões, vai deixar de esperar esses posicionamentos ou até mesmo deixar de consumir o que esse sujeito gera nas redes sociais, uma vez que a existência nessas plataformas está voltada para a monetização da imagem, do estilo de vida e pensamentos dessas pessoas.

Esse cancelamento pode significar, portanto, apenas uma mudança de nicho de mercado, em que o sujeito que antes conseguia se mover entre nichos diversos, agora vai se movimentar dentro de nichos mais conservadores ou de pessoas que conscientemente não colaboram com as pautas movidas pela desconstrução. É o caso, por exemplo, de muitas figuras públicas cujo movimento de cancelamento, na verdade fez com que ganhassem mais seguidores e engajamento nas redes sociais, só que de outros perfis e públicos.

No artigo, *Pode o cancelado cancelar?* Rodrigues (2020), o debate é justamente o quanto as populações que geralmente “cancelam” alguém, na verdade não possuem legitimidade social para a efetividade dessa ação.

O debate sobre a cultura do cancelamento revela que nem todos detêm os recursos materiais, simbólicos e culturais para contestar opiniões dominantes, muito menos acesso equânime às mesmas plataformas para ampla divulgação de suas ideias. (Rodrigues, 2020, n.p.)

Mas ainda assim, o transtorno cada vez maior a respeito da Cultura do Cancelamento, revela o quanto há medo em que as populações minoritárias consigam mobilizar estruturas antes só mobilizadas por populações padrões.

A popularização das redes sociais e a maior presença de negros e mulheres em espaços que anteriormente eram praticamente monopolizados por homens brancos de classe média e alta trouxeram novos contornos para as disputas por inclusão e igualdade. O que se convencionou chamar de cultura do cancelamento é fruto dessas disputas que sempre ocorreram em outros espaços, mas amiúde de cima para baixo. O atual pânico moral e o medo do cancelamento parecem não ter a ver simplesmente com o emprego da estratégia em si, mas principalmente com o receio de que ela venha a ser democratizada. (Rodrigues, 2020, n.p.)

No enunciado, o cancelamento é mencionado como uma forma de mostrar o quanto ele pode estimular a hipocrisia, relacionando a “desconstrução”, dita entre aspas, como um dos sintomas dessa hipocrisia, o que poderia ser entendido como uma forma de agir de maneira conveniente ao que se espera para não sofrer as consequências de um possível cancelamento. O que, por conseguinte, nos leva a alguns acontecimentos nessa edição do BBB que tiveram grande repercussão para o debate da desconstrução e do cancelamento nas redes sociais, de maneira que o assunto chegou a um perfil que nunca ativamente procurou por notícias relacionadas ao reality show da TV globo. Assim, explicitamos como ocorre esse dialogismo nas redes sociais, em que mesmo sujeitos que não se relacionam com o tipo de entretenimento que o BBB oferece, são de alguma forma expostos às notícias, aos debates e aos acontecimentos do programa.

No início de 2021 ocorreu a 21ª edição do programa Big Brother Brasil. As críticas a respeito do show de entretenimento existem desde a sua inauguração, falar sobre o BBB e o relacionar a uma cultura de futilidade fomentada pela TV, virou uma tradição entre as pessoas que queriam se diferenciar por variadas razões, fossem elas morais, intelectuais ou religiosas, do público que assistia ao programa. Imagens como a Figura 14, aqui colocada apenas em termos de exemplificação e não de análise, eram amplamente compartilhadas no Facebook, fosse em perfis pessoais fosse por páginas que se engajavam no debate e criticavam o entretenimento de massa.

Figura 14: Meme: Um livro comete suicídio a cada vez que você assiste BBB



Fonte: Maybe Never (2011)

Em 2019, após várias polêmicas envolvendo participantes do BBB, como assédio e racismo, o programa alcançou um dos piores pontos de audiência da história do programa, com apenas 20 pontos percentuais no IBOPE (fonte). Dessa forma, em 2020 o reality show mudou as regras do jogo e passou a chamar pessoas já conhecidas nas redes sociais ao invés de anônimos, como anteriormente. No *casting* havia atores, atrizes, cantores, influencers, a maioria já com muitos seguidores no Instagram e que já monetizavam suas plataformas. A repercussão dentro das redes sociais, portanto, acabou sendo maior, uma vez que as pessoas poderiam acompanhar dentro de um programa nacional e sob outras perspectivas, as pessoas que elas já acompanhavam nas redes sociais, com os filtros e as edições necessárias para gerar o conteúdo daquelas plataformas. A edição de 2020 já chamou bastante atenção para o termo da desconstrução por conta de participantes que levaram esse embate para dentro do programa e popularizou ainda mais o termo também fora, nas redes sociais principalmente. Porém, foi com a edição de 2021 que desconstrução e cancelamento ganharam outro patamar em relação ao alcance que esses termos possuem e conseguiu engajar diversas páginas e perfis sobre os níveis políticos dos debates e das situações que aconteceram na 21ª edição do reality.

Diversas páginas sobre feminismo, movimento LGBTQ+ e movimento negro, compartilhavam diariamente conteúdos relacionados ao BBB, fazendo com que mesmo pessoas que não acompanhavam o programa pela TV ou streaming,

conseguissem saber exatamente as situações que se desenvolveram entre os participantes. As pessoas e as páginas entendiam que debater o programa significava debater ou compreender uma expressão da cultura popular, de massa, e entender como os temas que já eram comentados nas redes sociais, estavam repercutindo num programa que alcançava até pessoas sem acesso à internet ou que também não acessava os debates que ali ocorriam.

O que ajudou, então, a intensificação desses temas no programa e na repercussão sobre ele, foi o fato do BBB 21 ser a edição com maior número de participantes negros da história do reality, (fonte). Muitos deles que já falavam sobre a pauta do movimento negro em suas redes sociais. A expectativa, portanto, em ver como esses integrantes movimentariam a pauta dentro de um programa que poucas vezes teve vencedores e participantes negros em geral, foi bem alta. Portanto, ao se sucederem as intrigas entre os próprios participantes negros, a polêmica gerada em torno disso, também foi bastante alta. Os participantes foram acusados de perseguição, tortura psicológica, xenofobia, classismo, entre outras coisas.

Diante disso, a repercussão da desconstrução ganhou um nível crítico ainda maior, não somente em torno das pautas ligadas a ela, mas em relação à própria ideia da desconstrução, de até quando ela podia ser legítima, dos seus sintomas entre as pessoas que a engajam e a nível político e social. O assunto saiu dos debates do Twitter e ganhou a manchete de diversas matérias em diversos jornais e revistas. Como podemos ver abaixo o exemplo de algumas.

Figura 15: Manchete: Dicionário do BBB21



Fonte: Alves (2021)

Figura 16: Manchete: Entre a desconstrução e o cancelamento

CULTURA TV
| Artes Visuais | Cinema | Literatura | Moda | Música | TV | Teatro | Ponto de vista: buscar por autor

02/02/2021 | domtotal.com

WhatsApp Twitter LinkedIn Facebook

BBB: entre a desconstrução e o cancelamento

Fonte: Cultura (2021)¹³

Figura 17: Manchete: Não aguento mais a palavra desconstrução

BATE-PAPO UOL MEU NEGÓCIO ESTUDE ONLINE PAGSEGURO

SAC EMAIL ENTRE ASSINE

PRODUTOS NOTÍCIAS CARROS ECONOMIA FOLHA ESPORTE SPLASH UNIVERSA VIVABEM TILT ECOA CANAL UOL MOV NOSSA TAB START

Nego Di sobre Lucas: 'Não aguento mais a palavra desconstrução'

Fonte: UOL (2021)

A repercussão e a maneira como os portais de notícia comunicaram a desconstrução, tanto passava por uma crítica da esquerda, quanto ridicularizavam os exageros provocados por essa vigilância dos outros e de si mesmos, além de também traduzir a confusão do público que não estava tão a par dos debates que surgiam na casa e fora dela. A manchete que se refere ao vocabulário dito pelos participantes do programa, especificamente, nos mostra como essa edição mobilizou para a TV nacional o que já acontecia nos mais variados espaços das redes sociais, popularizando determinados termos e problemáticas que geralmente são discutidas entre movimentos sociais e pessoas alinhadas de alguma forma às causas. A maneira, entretanto, como um programa que constantemente contava com participantes assediadores, racistas, LGBTQfóbicos, e se silenciava sobre grande parte dessas opressões que aconteciam durante os episódios ao vivo, agora estava

¹³ Disponível em: < <https://domtotal.com/noticia/1497202/2021/02/bbb-entre-a-desconstrucao-e-o-cancelamento/> > Acesso em: 13 fev. 2022.

alcançado uma das maiores pontuações de audiência por conta do público que esperava ver esses problemas sendo endereçados publicamente, acabou incomodando uma grande parte das esquerdas. Afinal, o que de fato significava buscar visibilidade desses assuntos num reality show que ganhava com o espetáculo que gerava também em torno dos assédios, estupros, entre outras opressões que ali se desenrolavam? E que tipo de visibilidade essas pautas ganhariam dentro da estrutura desse programa?

O desenrolar das situações do BBB mostrou exatamente a razão dessas preocupações, conforme os participantes ou não se mostravam inteiramente entendidos da complexidade das pautas que eles levantavam, ou as movimentava de maneira exagerada, fora de proporção dentro das situações da casa. A edição terminou com as duas maiores expoentes das problematizações sociais na casa, como as vilãs do programa, sendo que a Karol Conká, mulher negra e rapper, recebeu a maior porcentagem de rejeição da história do BBB. Por isso, metade das repercussões em torno da desconstrução foram negativas, seja por parte da esquerda, seja por parte da direita.

A hipocrisia para o qual o tweet chamava atenção, vai desde as inúmeras performances de sujeitos como o Fiuk que pagou cursos para se desconstruir antes de ir para o programa (Dias, 2021), desde sujeitos que mesmo já aliados às pautas não conseguiram sustentar as coerências das atitudes num programa com 24h de filmagem ao vivo. O tweet desenvolve então sua crítica para o quanto a militância foca sua atenção para procurar deslizos “éticos” em outros militantes, como diz literalmente o texto, e traz à tona, assim, a noção de militância e militantes, porém relacionando-os a um conjunto de participantes do BBB que não possuía nenhum histórico de participação em movimentos organizados da esquerda. O esfacelamento dessas significações políticas, leva a entender como o processo dos debates sobre a desconstrução nas redes sociais, pode levar a uma noção limitada da esquerda e de suas pautas, uma vez que os enunciados sobre a desconstrução que mais possuem possibilidades de circulação pelo formato que as redes sociais privilegiam, mostra de uma maneira sintetizada as preocupações e complexidades do debate e de tudo que ele envolve. A conclusão do tweet a respeito do ciclo autofágico vicioso em que a esquerda brasileira está presa, resume toda uma perspectiva política que se divide em vários grupos, organizações e estratégias de ações diferentes, a um retrato de como os debates se desenvolvem nas redes sociais e ressoam para as massas.

Outro detalhe importante para a análise do enunciado, é o termo deslizes “éticos” mencionado no tweet, que chama atenção para as atitudes a que geralmente a pauta da desconstrução tenta questionar. O que se torna interessante nesse enunciado é que as estruturas racistas, patriarcais e LGBTQfóbicas que são geralmente endereçadas na pauta da desconstrução, são traduzidas como deslizes, e colocadas dentro de uma perspectiva da ética. Isto se mostra sintomático de como a desconstrução tem se veiculado nos enunciados das redes sociais dentro de suas limitações de caracteres, sua relação com os algoritmos, e sua monetização de conteúdos nas plataformas, faz entender que a crítica às estruturas da sociedade está focada unicamente à uma crítica ao indivíduo, que por sua vez está dentro de uma sociedade ainda sustentada por esses pilares se constituindo dessas contradições estruturais, e que, assim, podem a qualquer momento vir à superfície nas relações sociais. O movimento autofágico, outro termo trazido no tweet, enfatiza que este movimento da desconstrução circula com mais força entre a própria esquerda ou pessoas que se relacionam com ela em algum nível, visto que os problemas desenrolados no programa tiveram maior envolvimento entre as pessoas que supostamente representavam as mesmas coisas. Neste sentido é interessante destacar que os participantes homens brancos cis-heteros, ainda que mostrando comportamentos bem atrelados ao racismo, machismo e LGBTQfobia, tiveram uma rejeição popular infinitamente menor que os participantes negros das esquerdas.

Figura 18: Tweet: As redes sociais são um local onde pessoas tratam indivíduos como se fossem instituições historicamente opressoras



Fonte: Uma outra opinião (2020b)

Antes mesmo, porém, da edição de 2021 do BBB fazer explodir a palavra desconstrução e cancelamento, aumentando o engajamento em torno, não só do debate da desconstrução, mas de todas as temáticas que ela movimenta, as consequências dessa mobilização nas redes sociais já eram amplamente questionadas. A página Uma outra opinião, é uma página anarquista que compartilha conteúdo e opiniões políticas, muitas delas se posicionando sobre como determinados assuntos são lidos por uma parte da esquerda nas redes sociais. A inversão sobre a qual o tweet chama atenção, pode se relacionar de alguma forma ao tweet anterior, porém nele não há uma relação direta deste comportamento com a esquerda.

O tweet começa chamando atenção para o local onde essas inversões acontecem, as redes sociais, de modo que o centro dessa crítica volta-se não só para os indivíduos que se organizam nessa esfera, mas parte da esfera da rede social em si, chamando atenção para as condições que ela proporciona e que pode gerar esse efeito de inversão de acusações.

Uma das coisas que podemos analisar em relação à lógica do funcionamento das redes sociais e de como os indivíduos nela organizados, acessam outros usuários e se relacionam com eles é o fato de que as instituições historicamente opressoras

não possuem a mesma presença nas redes sociais como os indivíduos, na verdade elas se atrelam geralmente à imagem de algum perfil que produz para as plataformas. Empresas como IFOOD e UBER patrocinam pessoas que possuem uma forte presença nas redes sociais para representá-las, e quando essas pessoas e perfis cometem erros em algum nível que se torna uma ameaça para o engajamento econômico do público, as empresas retiram seus patrocínios e isso é lido como um posicionamento ético da empresa.

Ainda que UBER e IFOOD sejam responsáveis pela lógica atual de precarização do trabalho, não é a UBER e o IFOOD que os usuários das redes sociais conseguem alcançar, pois não são essas empresas que estão trabalhando com a produção dentro das plataformas, ao contrário, elas contratam esse serviço de produção. A maneira como as pessoas se tornaram funcionários das plataformas, facilita que seus trabalhos sejam atingidos por seus posicionamentos, de forma que o cancelamento seja uma consequência possível, pois ela é o alvo mais alcançável. E ainda que a desmonetização possa ser um recurso válido para pessoas e perfis que estão lucrando com discurso de ódio, as engrenagens que geram lucro e movimentam essa lógica não conseguem nem ser atingidas.

Afinal essa inversão apontada pelo Twitter acima, (figura 18), é o fato de como essas empresas oferecem serviços que conseguiram criar hegemonias econômicas, criando dependências para além do que as redes sociais conseguem regular. Através das redes sociais não é possível isolar uma empresa com o domínio econômico que a UBER e IFOOD possui, por mais críticas que sejam feitas a elas, pois elas conseguiram criar mais que um mercado, mas uma cultura de disseminação dos seus serviços.

Diferentemente, podemos ressaltar, de estratégias de greve e boicote que surgem dos próprios trabalhadores vinculados a essas empresas e que possuem uma possibilidade de diálogo com a sociedade e de quebra da estrutura das empresas, muito maior do que os debates restritos apenas à internet. Uma dessas situações foi o breque dos entregadores, que salientou discussões diretamente ao funcionamento da IFOOD em 2020 (CARVALHO, 2021). O impacto da greve foi tanta, que a empresa se viu obrigada a criar uma série de justificativas para a sociedade, com propagandas, estratégias de dissuasão, que infelizmente não se traduziram em medidas reais de valorização dos entregadores, mas é muito visível o quanto essas ações possuem força de mobilização maior, pois gera maior impacto na produção da empresa.

Esses apontamentos feitos pela página **Uma outra opinião**, são bem importantes para o aprofundamento dos debates que se dão nesses espaços e de como eles são possíveis de se dar. Afinal, a localização dessa problemática nas redes sociais, evidencia que o problema não são apenas os sujeitos envolvidos nessas discussões e de como eles conduzem as discussões, mas sim nos dá a possibilidade de questionar as condições produzidas pelo espaço das discussões e que facilita esse jogo de inversão de responsabilidades. Essa interpretação pode começar a partir mesmo do fato de quais discussões são mais impulsionadas pelas plataformas.

A página do Instagram Uma outra opinião, uma página anarquista de apenas 101 mil seguidores até o momento desta pesquisa, não se equipara a páginas que possuem direcionamentos talvez menos complexos e com textos mais simples. A página também não concilia seu conteúdo com conteúdo humorístico, em geral ela se retém a prints de twittes da sua própria página do Twitter. Essa configuração talvez mais séria de seu conteúdo, reduz a circulação do que ali é produzido, o que já pode ser apontado como um fator das condições de produção no espaço das redes sociais. Nas redes sociais, as discussões se dão com diferentes escalas de complexidade e engajamento, e o que define o que vai chegar e em que quantidades de pessoas, não está no controle de quem produz o conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desconstrução enquanto um processo de descentralização do sujeito de si mesmo para perceber questões que não lhe constituem e não lhe colocam em uma posição de desvantagem dentro deste sistema social e econômico, é uma das desconstruções que vemos emergir nos enunciados das redes sociais. O processo de continuidade a que ela remete é remanescente dos sentidos filosóficos que a atravessam, fazendo com que a ideia de desconstrução que ganha legitimidade nos enunciados, seja a que não aponta nunca para uma conclusão, mas para um caminho de questionamentos e descentralizações constantes. Esse movimento, por sua vez, provoca mal-estar nos sujeitos que são centros das estruturas de poder. Perceber, por isso, um processo contínuo de questionamento das suas atitudes e falas, provoca o surgimento de outros enunciados que traduzem o desconforto desse sujeito, centro da crítica da desconstrução.

À medida que a desconstrução se orienta para um processo individual, ela é apontada muitas vezes como o produto de uma militância neoliberal, ou seja, desvinculada de um projeto mais radical de esquerda, e por isso muitas vezes estando ela mesma sem propósito como um projeto. Afinal, no sentido desses enunciados, a desconstrução acaba se centrando no papel de vigiar indivíduos e cria uma cadeia de inseguranças que leva a comportamentos hipócritas e viciados. É assim que vemos emergir enunciados que são convenientes para uma pessoa dentro de um processo de desconstrução, podendo ser acessado um discurso pronto para a identificação desse papel, e são esses lugares prontos que podem fazer com que o sujeito revele ainda mais suas contradições.

As relações que aparecem entre sujeito desconstruído e esquerdo-macho, por sua vez, revelam essas tensões existentes entre as esquerdas, fazem emergir críticas historicamente dirigidas à formação desse projeto. O desconstruído encerra um processo que não é possível encerrar, e essa postura é traduzida por uma arrogância que não permite consertos. Geralmente, por conta da consciência das ferramentas de opressão, consegue ativá-las em outros níveis, ou simplesmente esquivar-se de ser corrigido por já se colocar previamente nesse lugar terminado da desconstrução. Esse posicionamento provoca constantes desconfianças, de forma que o enunciado do sujeito desconstruído surge como forma de deslegitimar a consciência ou o lugar em que esse sujeito se coloca.

Da mesma forma, se nos deslocamos para como a esquerda historicamente lidou com questões relativas às identidades dentro do capital e no processo de formação das classes trabalhadoras, de maneira a não se responsabilizar por elas, ou a excluí-las como um produto da burguesia, o esquerdo-macho também é traduzido por um lugar de arrogância. Ainda que possa ativar outros argumentos para esse lugar, ele também se desvia do reconhecimento e da responsabilidade das outras questões que se aliam a um projeto de coletividade, ou mesmo tira a possibilidade delas se aliam a um projeto de coletividade.

As críticas sobre o quanto as pautas identitárias sustentam um projeto neoliberal de sociedade, na verdade podem revelar outros sintomas que estão no cerne da circulação de conteúdo e da própria constituição dos gêneros discursivos das redes sociais. Os gêneros discursivos existentes nessas redes possuem mecanismos de funcionamento que criam permissões para o formato dos textos, determinam a quantidade de caracteres e, também, como as pessoas vão reagir e responder a esses enunciados.

Tudo isso forma a potência que cada enunciado pode ganhar, ainda segundo as determinações do algoritmo, o qual funciona através de uma programação de autoaprendizagem. Ou, ainda segundo as determinações do dono da empresa, que decide quais publicações, de quais mídias, terão menos alcance que outras. Ou seja, as condições de circulação já são determinadas pelos poderes das estruturas dominantes, o que influencia em como vamos receber essas informações.

Além disso, a rapidez veiculada a esses gêneros, sintetiza a experiência que temos ao entrar em contato com eles. Os enunciados podem sair de um círculo de amigos para uma lista de *hashtags*, em seguida ganhar visibilidade na plataforma e assim, ganhar visibilidade e espaço nas grandes mídias. Tudo isso sem a formação inicial necessária para compreender as questões que esses enunciados propõem, e que por isso, causa uma grande perda na compreensão das propostas. Essa rapidez da circulação e os formatos sintéticos que combinam mais com a nossa possibilidade atual de consumo de informações, está dentro da lógica de produção econômica.

Uma vez associadas ao capitalismo de vigilância, as interações ocorridas nas redes sociais são coletadas para o funcionamento do mercado, aqui colocado como o verdadeiro cliente desse sistema. Nossos dados e informações que deixamos de rastro na nossa vida cada vez mais interconectada com as redes, são transformados

em produtos. Assim, a desconstrução passa a ser também um produto, uma vez que se constitui e circula dentro das condições possíveis da lógica capitalista.

E, como produto, a desconstrução circula de determinadas formas para determinados grupos. A seleção dos enunciados aqui contida, já faz parte de uma pré-seleção de conteúdos que podem chegar ao meu perfil pelos mais variados motivos da lógica que atua no funcionamento das redes sociais. De forma que, o tipo de desconstrução e a crítica sobre a desconstrução que me chega, são críticas mais próximas a pessoas de organização de movimentos sociais, uma crítica ao projeto neoliberal de sociedade. São enunciados que já se elaboram a respeito dos efeitos que o debate simplificado tem tido nas mídias e nas representações desse debate de forma geral. Ao mesmo tempo, também tenho acesso a simplificações do termo, ainda que não em excesso, pois mesmo o conteúdo político com que eu interajo também possui uma abordagem humorística, ou voltada para outros grupos que não aqueles já completamente entendidos das pautas do feminismo, movimento negro e movimento LGBTQ+.

Ou seja, o que muitas vezes pode ser apontado como um erro de estratégia ou de militância, na verdade não cabe inteiramente aos movimentos sociais. São as formas com que somos permitidos nos relacionar com os enunciados das redes sociais, que criam imediatismos e reducionismos e não necessariamente a pauta que é reduzida. Os memes e tweets são bem-sucedidos por seguirem lógicas de mercado comportamental, o quais aderimos somente por participar desses espaços. Assim, a ironia, o sarcasmo, a agressividade que vemos expressas à questão da desconstrução, não é necessariamente sobre a questão em si, mas sobre como, inseridas nesses espaços e dentro dessas lógicas, as questões passam a circular.

Além dos enunciados serem os mais sintéticos possíveis, a ponto de descomplexificar as conexões políticas do termo, os afetos que se movem nesses espaços são muitas vezes impelidos por outras razões que não as questões e debates políticos. Nesse sentido é que para se pensar um projeto político da esquerda em tempos de capitalismo da vigilância, a materialidade e as condições de produção na internet também precisam ser um campo de disputa. Dessa forma, o processo contínuo a que se propõe a desconstrução pode ser mobilizada dentro das estruturas e não apenas centrada no sujeito.

A respeito do que este trabalho se propôs, como compreender a noção de desconstrução que emerge dos enunciados, perceber algumas consequências

discursivas atreladas à noção de desconstrução e quais os enunciados a respeito do sujeito centro dessa crítica da desconstrução são formados, a análise prosseguiu uma perspectiva dialógica de como esses elementos se entrelaçam e se significam. Assim, foi possível observar como o termo da desconstrução se atualizou no nosso tempo, quais sentidos foram trazidos e quais são colocados em xeque. Principalmente num tempo em que por mais que o debate circule desde as manifestações de 2013, as condições de vida se encontram ainda mais precarizadas por conta de um governo liberal conservador de extrema direita.

Analisar as questões materiais a que são atrelados os discursos, nos ajuda a entender o abismo que há entre as demandas tão amplamente circuladas, seja nas mídias sociais seja nas mídias tradicionais como em programas populares da TV, e nessa realidade que não traduz as demandas em circulação. A sofisticação do capitalismo criou a ilusão de que havia mais espaços democráticos para a transmissão de informações, quando na verdade esses espaços estavam condicionados a lógica de produção, consumo, bem como aos interesses políticos dos países onde eles surgiram.

Não à toa, da mesma forma que foi possível organizar multidões para manifestações nas ruas, foi também possível, através das mesmas plataformas, eleger governos da extrema direita alguns anos depois. A potência desses instrumentos foi observada, e em seguida organizada para que continuasse a serviço dos poderes dominantes. Assim, ao analisarmos o enunciado da desconstrução, não é possível que o analisemos segundo os significados e intenções movimentados pelos seus sujeitos, sem analisarmos a materialidade em que eles circulam, os gêneros dos discursos a que estão atrelados, e como esses gêneros carregam a ideologia dos espaços e formata seus significados e intenções.

É nesse sentido também, que a pesquisa dialógica nos faz resgatar o que falta para essa crítica política. Afinal, todo enunciado circula dentro de um gênero do discurso e todo gênero do discurso possui uma finalidade dentro de um meio social e um diálogo com as ideologias que o predominam. Ao se pensar em qualquer enunciado da esquerda, não se pode esquecer em como esses enunciados vão circular, pois isso também deve ser um espaço de disputa.

Temos assim, que a importância da desconstrução se constitui nos questionamentos que ela é capaz de provocar e no seu potencial de desestruturar as centralidades das perspectivas branco-masculina-cis-hetero, assim como outras

centralidades possíveis. Porém, as limitações entre o debate e o que ela pode gerar na materialidade se observa nas condições dadas para a produção das críticas, que é um território também controlado e responsável pelo controle dos limites de circulação dos sentidos.

REFERÊNCIAS

- A PALAVRA DE CADA ANO. Imagem de página do Instagram: Tweet: A palavra de cada ano. **Instagram: @mequetrefismos**. 28 mai. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CPi3cXCAdCF/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 1 mar. 2020.
- ADEMARA. Personagem esquerdo-macho da Ademaravilha. **Instagram: @ademara**. 8 mar. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CMK_M9lltCi/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 3 jun. 2021.
- AGUIAR, Sonia. Redes sociais na internet: desafios de pesquisa, Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. 2007, Santos. **Anais [...]**. Santos, 2007.
- AJUDAR O POVO DE HUMANAS. Imagem de página do Instagram: Tweet: Ninguém nasce desconstruído, mas você já nasceu há 3 décadas. **Instagram: @ajudaropovodehumanas**. 18 jul. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CRerX-0BbsO/?utm_medium=share_sheet. Acesso em 1 mar. 2022.
- ALVES, Sara. Desconstrução, lugar de fala e cis gênero: veja o 'dicionário' do BBB21. **Jornal DCI**. 31 jan. 2021. Disponível em: <https://www.dci.com.br/dci-mais/noticias/desconstrucao-lugar-de-fala-cis-genero-veja-o-mini-dicionario-do-bbb21/87270/>. Acesso em: 13 fev. 2022.
- ASSIS, Dayane N. Conceição. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Coordenação de Tecnologias Educacionais, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fonte, 1997
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- BETH, Brait. A produtividade do Conceito de Gênero em Bakhtin e o Círculo. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 371-401, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/6VGDTp93BHDqyWfKF5TsDpf/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 5 fev. 2025.
- BETH, Brait. Análise e Teoria do Discurso. *In: Bakhtin: Conceitos-chave*, BRAIT, Beth (org). São Paulo: Editora Contexto, 2010
- BLOG NÃO ME KAHLO. Recorte de comentário: O esquerdo-macho odeia ser chamado de esquerdo-macho. **Instagram: @naomekahlo**. 26 maio 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CPVkoClZ2r/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 2 fev. 2022.
- BULHÕES, Gabriela. Algoritmo do Twitter impulsiona conteúdos de direita política, mas não sabe o motivo. **Olhar Digital**, 2021. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2021/10/22/internet-e-redes-sociais/algoritmo-do-twitter->

impulsiona-conteudos-de-direita-politica-mas-nao-sabe-o-motivo/. Acesso em: 06/03/2022

BURGUESS, Jean e BAYM, Nancy K. **Twitter: A Biography**. New York University Press: Nova York, 2010

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Civilização Brasileira: *Rio de Janeiro*, 2003.

BYRD, Rudolph P.; JOHNETTA, Betsch Cole; BEVERLY, Guy-Sheftall, (org.). **I am your sister: Collected and unpublished writings of Audre Lorde**. Oxford/Nova York: Oxford University Press, 2009.

CARVALHO, Igor. Breque dos entregadores completa um ano: "Depois da greve, nada mudou", avalia Galo. **Brasil de Fato**, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/01/greve-dos-entregadores-completa-um-ano-demanda-tempo-para-organizar-essa-categoria>. Acesso em: 10 fev. 2022

CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum, 1989.

DADO DOLABELLA É SOLTO APÓS DOIS MESES PRESO POR FALTA DE PAGAMENTO DE PENSÃO. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/dado-dolabella-e-solto-apos-dois-meses-presos-por-falta-de-pagamento-de-pensao-alimenticia.ghtml>. Acesso em 06 mar. 2022

DADO DOLABELLA PEDE PERDÃO APÓS LUANA PIOVANI RELEMBRAR AGRESSÃO. **Correio Braziliense**, 2021 Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/07/4937625-dado-dolabella-pede-perdao-apos-luana-piovani-relembrar-agressao.html>. Acesso em: 06 mar. 2022

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

DAWKINS, Richard; DAVIS, Nicola. **The selfish gene**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: 1. Fatos e Mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

DEMARTINI, Felipe. A cultura de cancelamento foi eleita como termo do ano em 2019. **Canal Tech**, 2 dez. 2019. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/a-cultura-de-cancelamento-foi-eleita-como-termo-do-ano-em-2019-156809>. Acesso em: 6 mar. 2022.

DIAS, Victor. Fiuk fez curso de cultura social para não ser cancelado no BBB. **Diário do Centro do Mundo**, 30 jan. 2021 Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/fiuk-fez-curso-de-cultura-social-para-nao-ser-cancelado-no-bbb/>. Acesso em 3 mar. 2022.

ENGELS, Frederick. **A origem da família**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1984.

ESTIMA, Walmir. Tweet. Essa onda de desconstrução (...). **X: @EstimaWalmir**. 29 jan. 2021. Disponível em: <https://twitter.com/EstimaWalmir/status/1355253801066885125>. Acesso em: 07 mar. 2022.

FALCÃO, Thiago Henrique de Oliveira. **Memes, textões e problematizações: Sociabilidade e política a partir de uma comunidade LGBT universitários no Facebook**, 2017. 190 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/981913>. Acesso em: 5 fev. 2025.

FERNANDES, Estevão R. Pensando de forma não situada: dilemas no estudo das homossexualidades indígenas no Brasil. **Élisée - Revista de Geografia da UEG**, Anapólis, v.3, n.1, p. 157-167, 2014. Disponível em:

<https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/2899>. Acesso em: 5 fev. 2025.

GAULT, Matthew. O criado do Pepe, sabe que esse sapo idiota vai segui-lo para sempre. **Vice**, 2019 Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/wxezq5/o-criador-do-pepe-sabe-que-esse-sapo-idiota-vai-segui-lo-para-sempre>. Acesso em: 4 jun. 2021.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, 1984, p. 223-244.

GREEN, James N. **Revolucionário e gay**, 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GREEN, James N. Who is the macho who wants to kill me? Male Homosexuality, Revolutionary Masculinity, and the Brazilian Armed Struggle of the 1960s and 1970s. **Hispanic American Historical Review**, Duke University Press, v. 92, n. 3, p. 437-469, 2012. Disponível em: <https://library.brown.edu/create/beyondcarnival/wp-content/uploads/sites/40/2014/05/Who-is-the-Macho.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2025.

HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade: Raça e classe nos dias de hoje**. São Paulo: Veneta, 2019

J@RU ONLINE. As novas variações do boneco Ken e suas personalidades. Meme: Mais feminista do que eu? **J@ru Online**. 27 jun. 2017. Disponível em: <https://jaruonline.com.br/as-novas-variacoes-do-boneco-ken-e-suas-personalidades/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

JORGE, Jotapê. Sapo pepe: a história do meme favorito de Donald Trump. **Exame**, 2017 Disponível em: <https://exame.com/mundo/sapo-pepe-a-historia-do-meme-favorito-de-donald-trump/>. Acesso em: 4 de jun. 2021

JUNIOR, Neurivaldo Campos Pedroso. **Jacques Derrida e a desconstrução: uma introdução**. Revista Encontros de Vista, v. 5, p. 9-20, 2010.

LÉVY, Pierre, *Cibercultura*: 1. ed. São Paulo, Editora 34, 1999.

LIMA, Juliana Domingos. Quais os efeitos da cultura do cancelamento. **Nexo**, 2019 Disponível em: <https://demopub.staging.nexo.cue.cloud/expresso/2019/11/01/Quais-os-efeitos-da-cultura-do-cancelamento>. Acesso em: 6 mar. 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MAS ELE NUNCA ME BATEU. Imagem de página do Instagram: Tweet: Sujeito desconstruído. **Instagram: @maselenuncamebateu**. 25 nov. 2020. Disponível em: www.instagram.com/maselenuncamebateu. Acesso em: 3 fev. 2025.

MAYBE NEVER. Imagem em blog: Um livro comete suicídio (...). **Tumblr**. 21 fev. 2011. Disponível em: <https://maybenever.tumblr.com/post/3430053761>. Acesso em: 8 fev. 2022.

MELO, Giovana. BBB 2021 é o reality show brasileiro com maior número de participantes negros. **Correio Braziliense**, 2021 Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/01/4902470-bbb-21-e-o-reality-show-brasileiro-com-maior-numero-de-participantes-negros.html>. Acesso em: 06 mar. 2022.

MENDONÇA, Fernanda Dias de Los Rios. **Discurso de professores de Língua Portuguesa em formação: uma análise dialógica de relatórios de estágio supervisionado de observação**. 2014. 273 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

NÃO ME KAHLO. Tweet/meme: Nunca é tarde (...). **X: @naokahlo**. 8 fev. 2019. Disponível em: <https://x.com/NAOKAHLO/status/1093967341824688129>. Acesso em: 1 fev. 2022.

Nego Di sobre Lucas: 'Não aguento mais a palavra desconstrução'. **UOL**. 30 jan. 2021. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/01/30/nego-di-sobre-lucas-nao-aguento-mais-a-palavra-desconstrucao.htm>. Acesso em: 13 fev. 2022.

PRETITUDES. Imagem de página do Instagram: Tweet: Ter opinião racista é crime? **Instagram: @pretitudes**. 26 out. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CViHw6Crg3R/?igsh=Y25INno3dXd1c2Jj>. Acesso em 3 fev. 2022.

RODRIGUES, Cristiano. Pode o cancelado cancelar. **Gama Revista UOL**, 2020. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/sociedade/pode-o-cancelado-cancelar/> Acesso em: 6 mar. 2022

SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Petersen. Redes sociais, redes de sociabilidade, **RBCS**, v. 29, n. 85 junho, 2014

SAQUINHO DE LIXO. Tweet/meme: Olha o cara desconstruído. **Instagram: @saquinhodelixo**. 9 jun. 2019. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BygO2hIH0Xx/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 4 abr. 2021.

SHOSHANA, Zuboff. **Capitalismo de vigilância**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca Ltda, 2021.

SILVA, Wesley Kozlik; SANTINELLO, Jamile; GUADAGNINI, Graziella Medeiros. Uma breve descrição sobre a cibercultura dos HUE BR. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 384-403, 2019.

THAKUR, Doyel. **If it exists, there's a meme on it**. 2017. 40 p. Dissertação (Mestrado em História) - Department of History, Presidency University Kolkata. Kolkata, 2017

THE COMBAHEE RIVER COLLECTIVE. A Black Feminist Statement. **Women's Studies Quarterly**, [s.l.], v. 42, n. 3/4, p. 271–80, 2014.

TROL. *In*: **Dicionário infopédia da Língua Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2025. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/trol>. Acesso em: 05 jun. 2025

UMA OUTRA OPINIÃO. **Imagem de página do Instagram**. Tweet: As redes sociais são um lugar (...). Instagram: @umaoutraopinioao. 13 dez. 2020b. Disponível em: https://www.instagram.com/p/ClwATHDFo5Z/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 14 fev. 2022.

UMA OUTRA OPINIÃO. **Imagem de página do Instagram**. Tweet: Racismo se trata de poder. Instagram: @umaoutraopinioao. 20 nov. 2020a. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CH0ZRUpFljE/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 19 mar. 2022.